



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA ACADÊMICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA – PPGE

JÚLIA LARA BARBOSA CHAGAS

Tecnologias sociais e empreendedorismo: um estudo dos projetos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação – IPTI, em Santa Luzia do Itanhy, SE.

São Cristóvão, Sergipe

2021

JÚLIA LARA BARBOSA CHAGAS

Tecnologias sociais e empreendedorismo: um estudo dos projetos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação – IPTI, em Santa Luzia do Itanhy, SE.

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Economia do Programa de Pós-Graduação em economia – PPGE, Universidade Federal de Sergipe – UFS, como requisito para obtenção do título de mestre em economia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Esperidião (UFS)

Linha de Pesquisa: Economia social e desenvolvimento.

São Cristóvão, Sergipe

2021

JÚLIA LARA BARBOSA CHAGAS

Tecnologias sociais e empreendedorismo: um estudo dos projetos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação – IPTI, em Santa Luzia do Itanhy, SE.

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Economia do Programa de Pós-Graduação em economia – PPGE, Universidade Federal de Sergipe – UFS, como requisito para obtenção do título de mestre em economia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Esperidião (Orientadora)

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Luiz Carlos de Santana Ribeiro

Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a Rosa Livia Gonçalves Montenegro

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Nesse espaço deixo meus agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para minha trajetória com ensinamentos, conselhos e, principalmente, a escuta em momentos difíceis, de inquietações e ansiedade durante o decorrer do mestrado e da realização da pesquisa.

Agradecer a meus pais, Rosineide e Jacson, que nunca pouparam esforços para me ajudar em minha trajetória acadêmica e sempre me incentivaram e apoiaram a explorar novos horizontes. Aos meus irmãos que também sempre me apoiaram e estavam dispostos a me ouvir e a me alegrar em momentos cansativos.

A todos os meus amigos que sempre estavam dispostos a me ouvir, aconselhar e pelo constante apoio emocional e pelas tantas palavras de suporte e encorajamento.

À minha turma de mestrado que, mesmo em um momento tão atípico, pude compartilhar momentos bons. Em especial, ao meu amigo e companheiro de mestrado Alexandre, com o qual dividi mais de perto as inquietações, anseios e a construção e desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Fernanda Esperidião, que sempre esteve à disposição, pelo apoio, paciência e dedicação durante a realização da pesquisa.

À minha banca por ter aceitado avaliar e contribuir com este trabalho, professor Luiz Carlos de Santana Ribeiro e professora Rosa Livia Gonçalves Montenegro, e participar desse momento tão importante em minha trajetória.

A todo o pessoal do IPTI, entre funcionários e alunos, que sempre se mostrou disponível e solícito a realização da pesquisa. Em especial a Danilo Guimarães, que não poupou esforços para fornecer toda ajuda necessária e que estava ao seu alcance.

Por fim, agradeço ao CNPQ pelo apoio financeiro concedido.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre as tecnologias sociais (TS) desenvolvidas pelo Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação (IPTI) e formação empreendedora, com foco principal no empreendedorismo social, investigando se elas fomentam e/ou atuam no desenvolvimento de habilidades/características empreendedoras nos jovens que participam. Tendo como objetivos secundários, a partir dos relatos dos participantes, saber como foi a experiência com as TS, qual o tipo de efeito que elas geraram e apontar suas possíveis deficiências. Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizado a Escala sobre Comportamento Empreendedor desenvolvida por Santos (2008) para mensurar a intenção e o potencial empreendedor dos jovens egressos dos programas e, de maneira complementar, foi utilizado o grupo focal (GF), para se ter uma concepção mais aprofundada sobre os impactos dessas tecnologias nos participantes. Para fins de comparação dos resultados da escala também foi utilizado um grupo controle, da cidade vizinha Indiaroba. A escala foi aplicada em todos que participaram dos três projetos analisados – Criatividade, Lógica, Oportunidade e Crescimento (CLOC), Arte Naturalista e PLOC – e aos participantes do grupo controle. Após a aplicação da escala foram selecionados, apenas para os participantes dos projetos, grupos de alunos que já haviam concluído o ciclo de formação para integrar o GF. Para a análise dos dados obtidos na escala são utilizados análise gráfica e de indicadores, Scarpi e Wilder, e feita a comparação entres os grupos tratado e controle. A pesquisa identifica que, em relação a escala, os participantes do grupo tratado apresentaram bons resultados. Contudo, mesmo sem nenhuma intervenção empreendedora, os participantes do grupo controle exibiram resultados tão bons quanto os do grupo tratado. O GF aponta que o grupo tratado considera os projetos como transformadores de mentalidade, fazendo-os enxergar novos rumos e os ajudando a mudar a mentalidade instaurada no lugar onde vivem. Entretanto, na perspectiva empreendedora, principalmente a social, não se pode afirmar que os projetos a fomentem da forma que propõe. De maneira geral, a perspectiva empreendedora apresentada aos alunos se afasta da prometida e se mostra deficiente quando ela não é uma experiência focada nas particularidades de cada projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo; Empreendedorismo Social; Tecnologias sociais; desenvolvimento; projetos sociais.

ABSTRACT

This research aims to analyze the relationship between social technologies (TS) developed by the Institute for Research in Technology and Innovation (IPTI) and entrepreneurial training, with a main focus on social entrepreneurship, investigating whether they foster and/or act in the development of skills / enterprising characteristics in the young people who participate. Having as secondary objectives, from the participants' reports, to know how the experience with the STs was, what type of effect they generated and to point out their possible deficiencies. To achieve the proposed objectives, the Entrepreneurial Behavior Scale developed by Santos (2008) was used to measure the entrepreneurial intention and potential of young graduates of the programs and, in a complementary way, the focus group (FG) was used to have a deeper understanding of the impacts of these technologies on participants. In order to compare the results of the scale, a control group from the neighboring city of Indiaroba was also used. The scale was applied to everyone who participated in the three projects analyzed – Creativity, Logic, Opportunity and Growth (CLOC), Naturalist Art and PLOC – and to the participants in the control group. After applying the scale, groups of students who had already completed the training cycle to join the FG were selected only for project participants. For the analysis of the data obtained in the scale, graphical analysis and indicators, Scarpi and Wilder, are used, and the comparison between the treated and control groups is made. The research identifies that, in relation to the scale, the participants of the treated group presented good results. However, even without any entrepreneurial intervention, participants in the control group exhibited as good results as those in the treated group. The FG points out that the treated group considers the projects as mentality transformers, making them see new directions and helping them to change the mentality established in the place where they live. However, from the entrepreneurial perspective, especially the social one, it cannot be said that the projects promote it in the way it proposes. In general, the entrepreneurial perspective presented to the students is far from what was promised and is deficient when it is not an experience focused on the particularities of each project.

KEYWORDS: Entrepreneurship; Social Entrepreneurship; Social technologies; development; social projects.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados do índice FIRJAN de Santa Luzia do Itanhy – 2016.	40
Tabela 2: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Intenção de empreender – CLOC x Controle.....	55
Tabela 3: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Oportunidade – CLOC x Controle.....	56
Tabela 4: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Persistência – CLOC x Controle.....	57
Tabela 5: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Eficiência – CLOC x Controle.....	58
Tabela 6: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Informações – CLOC x Controle.....	60
Tabela 7: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Planejamento – CLOC x Controle.....	61
Tabela 8: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Metas – CLOC x Controle.....	62
Tabela 9: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Controle – CLOC x Controle.....	63
Tabela 10: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Persuasão – CLOC x Controle.....	64
Tabela 11: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Rede de relações – CLOC x Controle.....	65
Tabela 12: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Intenção de empreender – Arte Naturalista x Controle.....	66
Tabela 13: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Oportunidade – Arte Naturalista x Controle.....	67
Tabela 14: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Persistência – Arte Naturalista x Controle.....	68
Tabela 15: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Eficiência – Arte Naturalista x Controle.....	70
Tabela 16: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Informações – Arte Naturalista x Controle.....	71

Tabela 17: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Planejamento – Arte Naturalista x Controle	72
Tabela 18: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Metas – Arte Naturalista x Controle	73
Tabela 19: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Controle – Arte Naturalista x Controle	74
Tabela 20: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Persuasão – Arte Naturalista x Controle	75
Tabela 21: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Rede de relações – Arte Naturalista x Controle	76
Tabela 22: Agregativo de Scarpi para todo os construtos – CLOC x Controle	88
Tabela 23: Agregativo de Wilder para todos os construtos – Arte Naturalista x Controle	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Diferenças entre empreendedorismo tradicional e social	26
Quadro 2: Construtos e suas atribuições	44
Quadro 3: Exemplo do cálculo do Agregativo de Scarpi.....	49
Quadro 4: Interpretação do Agregativo de Scarpi	50
Quadro 5: Exemplo do cálculo do Estocástico de Wilder	51
Quadro 6: Sexo, cor da pele e região da amostra	52
Quadro 7: Nível de escolaridade da amostra.....	53
Quadro 8: Nível de escolaridade dos pais	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da cidade de Santa Luzia do Itanhy, SE, Brasil.	38
Figura 2: Pirâmide etária de Santa Luzia do Itanhy, 2019	39
Figura 3: Representação da escala	43
Figura 4: Construto intenção de empreender – CLOC x Controle	55
Figura 5: Construto Oportunidade – CLOC x Controle.....	56
Figura 6: Construto Persistência – CLOC x Controle	57
Figura 7: Construto Eficiência – CLOC x Controle	58
Figura 8: Construto Informações – CLOC x Controle.....	59
Figura 9: Construto Planejamento – CLOC x Controle	60
Figura 10: Construto Metas – CLOC x Controle	61
Figura 11: Construto Controle – CLOC x Controle	63
Figura 12: Construto Persuasão – CLOC x Controle.....	64
Figura 13: Construto Rede de relações – CLOC x Controle	65
Figura 14: Construto Intenção de empreender – Arte Naturalista x Controle.....	66
Figura 15: Construto Oportunidade – Arte Naturalista x Controle	67
Figura 16: Construto Persistência – Arte Naturalista x Controle	68
Figura 17: Construto Eficiência – Arte Naturalista x Controle	69
Figura 18: Construto Informações – Arte Naturalista x Controle	70
Figura 19: Construto Planejamento – Arte Naturalista x Controle.....	72
Figura 20: Construto Metas – Arte Naturalista x Controle	73
Figura 21: Construto Controle – Arte Naturalista x Controle	74
Figura 22: Construto Persuasão – Arte Naturalista x Controle	75
Figura 23: Construto Rede de relações – Arte Naturalista x Controle	76

LISTA DE SIGLAS

BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BTS	Banco de Tecnologias Sociais
CIETEC	Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia
CITI ²	Centro Integrado de Tecnologia da Informação do Itanhy
CLOC	Criatividade, Lógica, Oportunidade e Crescimento
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
ES	Empreendedorismo Social
FBB	Fundação Banco do Brasil
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPTI	Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação
ITS	Instituto de Tecnologias Sociais
MEI	Microempreendedor Individual
ONGs	Organizações não Governamentais
OSC	Organizações da Sociedade Civil
PIB	Produto Interno Bruto
RTS	Rede de Tecnologias Sociais
SEBRAE	Serviço brasileiro de apoio as micro e pequenas empresas
SLI	Santa Luzia do Itanhy
TI	Tecnologia da Informação
TS	Tecnologias Sociais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – TECNOLOGIAS SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO: UMA ABORDAGEM PARA PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO	17
1.1 TECNOLOGIAS SOCIAIS	17
1.2 DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO AO LONGO DO TEMPO	21
1.2.1 Empreendedorismo social	25
1.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UMA ABORDAGEM PARA PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO	29
CAPÍTULO 2 – INSTITUTO DE PESQUISA EM TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: PROJETOS ANALISADOS E SANTA LUZIA DO ITANHY	31
2.1 INSTITUTO DE PESQUISA EM TECNOLOGIA E INOVAÇÃO - IPTI.....	31
2.1.1 Criatividade, lógica, oportunidade e crescimento – CLOC.....	33
2.1.2 Arte Naturalista	34
2.1.3 PLOC	36
2.2 SANTA LUZIA DO ITANHY	38
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	41
3.2 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS	42
3.2.1 Ficha cadastral	42
3.2.2 Escala Likert	42
3.2.3 Escala sobre comportamento empreendedor	43
3.2.4 Grupo Focal	45
3.3 PARTICIPANTES	46
3.4 COLETA DE DADOS.....	47
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS.....	48
3.5.1 Agregativo de Scarpi.....	49
3.5.2 Estocástico de Wilder.....	50
3.5.3 Grupo focal	51
CAPÍTULO 4 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS	52
4.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA	52
4.2 ESCALA SOBRE COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR.....	54
4.2.1 CLOC	54
4.2.2 Arte Naturalista	66
4.3 GRUPO FOCAL.....	77

4.3.1	CLOC	78
4.3.2	Arte Naturalista	81
4.3.3	PLOC	85
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÕES.....		88
5.1	CLOC	88
5.2	Arte Naturalista.....	91
5.3	PLOC.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		94
REFERÊNCIAS		97
ANEXOS.....		103
APÊNDICES.....		109

INTRODUÇÃO

A discussão a respeito das Tecnologias sociais surge e ganha destaque em um contexto de desigualdade na sociedade, que provoca desemprego, má distribuição de renda, exclusão social, miséria e outras tantas mazelas. Elas emergem como um meio de tentar sanar esses problemas e retomam a discussão do papel do Estado, das instituições privadas e das organizações da sociedade civil (OSC) no combate às desigualdades e na busca de novas formas de desenvolvimento. Da mesma forma, o empreendedorismo vem ganhando destaque no cenário brasileiro nas últimas décadas. Principalmente, como um meio de promover o desenvolvimento econômico e social, em particular, a discussão sobre empreendedorismo social. Essa discussão traz à luz a busca pelo desenvolvimento das localidades de acordo com suas potencialidades, valorizando sua cultura e dando voz à comunidade local. A união da discussão de tecnologias sociais e da promoção do empreendedorismo propõe novas faces para o desenvolvimento, de forma que as soluções para os problemas das comunidades sejam retiradas de suas próprias potencialidades. (OLIVEIRA, 2004; MENA, 2004).

O modelo de desenvolvimento econômico e social adotado, voltado para as necessidades do mercado, pode ser considerado como excludente e desigual. Isso revela a necessidade de adoção de novos modelos de desenvolvimento, que sejam viáveis, sustentáveis, contribuam com o desenvolvimento humano e tenham compromisso com a inclusão social. Esses novos modelos devem ter como prioridade o indivíduo e seus objetivos devem partir de suas necessidades. Tendo como principais ativos as qualidades das pessoas envolvidas e os recursos naturais e materiais disponíveis na localidade. Nesse cenário, surgem novas organizações e empreendimentos com o objetivo de tentar amenizar ou sanar desigualdades socioeconômicas, buscando promover: inclusão social; exercício da cidadania; solidariedade social; e acesso a bens e serviços. (MELO NETO e FRÓES, 2002).

O Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação (IPTI) busca por meio da junção de tecnologias sociais e empreendedorismo promover esse novo modelo de desenvolvimento na pequena cidade de Santa Luzia do Itanhy, no litoral sul de Sergipe. Para isso, o Instituto oferta alguns projetos, de cunho empreendedor, que consistem em cursos em três áreas: programação, artes e sonoplastia. São eles: Criatividade, Lógica, Oportunidade e Crescimento (CLOC), Arte Naturalista e PLOC, respectivamente a área. Esses projetos são pensados como formas de proporcionar aos participantes uma nova

visão de vida e, assim, dá-los a chance de provocar transformações nas suas realidades por meio do empreendedorismo social.

Neste sentido, a questão central que a pesquisa busca responder é se: As Tecnologias Sociais (TS) desenvolvidas pelo IPTI podem fomentar/aflorar o perfil empreendedor dos jovens e adolescentes de Santa Luzia do Itanhy, constituindo uma nova alternativa de enxergar sua própria comunidade e o seu próprio destino? Portando a hipótese de que: Em uma cidade tão pobre e com uma estrutura socioeconômica tão rígida como Santa Luzia do Itanhy, as TS do IPTI estimulam o espírito empreendedor dos jovens e adolescentes, permitindo-os uma nova percepção de mundo, tanto social quanto econômica.

Para responder à questão central da pesquisa e verificar a hipótese levantada, foram elaborados os objetivos da pesquisa. O objetivo geral consistiu em investigar se há relação entre as tecnologias sociais do IPTI e o desenvolvimento de características/habilidades empreendedoras nos participantes. Os objetivos específicos centraram-se em: 1) discutir a relação entre tecnologias sociais e estímulo ao empreendedorismo; 2) investigar se as TS afloram as capacidades empreendedoras dos participantes, focando no empreendedorismo social; 3) buscar estender de que forma as TS interferem na vida dos participantes; e 4) apontar seus aspectos positivos e suas limitações.

Para atingir os objetivos, foram coletados dados de alunos dos projetos (TS) que: estavam participando dos cursos; alunos egressos; e um grupo controle. A coleta foi realizada por meio da utilização de fichas cadastrais, escala e grupos focais. Os dados referentes a escala foram tratados no software R e usados para a confecção dos indicadores, Scarpi e Wilder, os quais foram analisados a partir da comparação entre os grupos tratado e controle. Para os grupos focais foi utilizado a análise de conteúdo.

A importância desse estudo se revela quando o instituto propõe gerar efeitos positivos para uma parte da sociedade, pois os projetos buscam afetar diretamente a população da cidade e dos arredores, principalmente a jovem, grupo alvo do projeto e que constitui a maior parte da população santa-luziense. Esses projetos objetivam auxiliar o desenvolvimento da região e a promoção do empreendedorismo entre os jovens. O IPTI nunca realizou uma avaliação desse tipo em suas tecnologias sociais, até o momento dessa pesquisa, não se encontrou nada a respeito dessas tecnologias na literatura. Isso põe em

evidência a importância da pesquisa e das contribuições feitas pela mesma. Por se tratar de dados primários irão ajudar a revelar contribuições positivas do instituto que podem transbordar para outras localidades e regiões, ou apontar possíveis limitações e melhorias para os projetos.

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro capítulo é feito um panorama do que são tecnologias sociais, suas aplicações e importância, da mesma forma é feita uma discussão sobre empreendedorismo e empreendedorismo social, finalizando o capítulo com considerações em relação as tecnologias sociais e empreendedorismo social como meios de promover desenvolvimento socioeconômico.

No segundo capítulo é apresentada a história do IPTI e os seus objetivos na cidade em que atua. Também são apresentados os três projetos analisados, destacando seus focos e um pouco de suas metodologias. Também é apresentada a história da cidade em que a pesquisa foi realizada e suas características socioeconômicas.

No terceiro capítulo está descrito o delineamento metodológico utilizado: o universo da pesquisa, os procedimentos adotados para as coletas de dados, tanto do grupo tratado quanto do controle, e a forma como eles foram tratados e analisados.

No quarto capítulo são descritas as características gerais das amostras e são apresentados os resultados encontrados. Por fim, no quinto e último capítulo, são feitas discussões e conclusões a respeito dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – TECNOLOGIAS SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO: UMA ABORDAGEM PARA PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

Neste capítulo são abordados conceitos teóricos e conceituais sobre os temas tecnologias sociais, empreendedorismo e empreendedorismo social, com objetivo de entender se/e como esses temas se relacionam e podem contribuir para a promoção de igualdade social e desenvolvimento, no sentido de superação da pobreza e proporcionar a pessoas excluídas bens e serviços que são negados.

1.1 TECNOLOGIAS SOCIAIS

Tecnologia pode ser descrita como uma forma de facilitar a vida do ser humano ou de torná-la mais agradável. Etimologicamente, ela vem da mesma raiz da palavra Técnica (*techné* + *logos*). Contudo, as duas se diferenciam, pois, a palavra tecnologia se refere a um saber maior que apenas “saber fazer” alguma coisa ou reproduzir um conhecimento, ela está associada a um saber com raciocínio. Ela foge do simples fazer técnico para assumir um papel crítico, de se perguntar o que pode ser melhorado ou aperfeiçoado. Dessa forma, o homem cria tecnologia para ampliar seus próprios sentidos e constantemente melhorá-los, com o objetivo de facilitar a maneira como ele vive. (SOFFNER, 2014)

Quando a palavra tecnologia é associada a palavra social, todos os aspectos para os quais as tecnologias são criadas são voltadas para o meio social, ou seja, todos os métodos e processos de novas tecnologias são postos a serviço da sociedade, do bem estar social e do desenvolvimento local, com a participação ativa da população beneficiada. Portanto, as tecnologias sociais podem ser entendidas como uma forma de promover mudanças e transformações sociais juntamente aos beneficiados por elas, por meio da criação de produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis. (COSTA, 2013; SOFFNER, 2014).

A perspectiva social que é dada a tecnologia evidencia um novo tipo de promover inovação, na qual as tecnologias são criadas de acordo com a realidade de uma determinada localidade e com o propósito de resolver problemas que inibem o desenvolvimento de acontecer e de se manter. Todo o caminho traçado durante o processo de criação das tecnologias é feito de acordo com a necessidade de transformação social e local sustentada. (VALADÃO *et al.*, 2019)

No Brasil, as tecnologias sociais recebem apoio e incentivo do estado por meio da Fundação Banco do Brasil (FBB), que empreende atividades de ciência e tecnologia apoiando projetos e pesquisas. A FBB descreve que:

o conceito de tecnologia social abrange metodologias, técnicas ou produtos desenvolvidos em interação com a comunidade em busca de efetivas soluções para problemas sociais ali existentes. Quando criadas, podem ser reaplicadas em diversas localidades, respeitando as diferenças culturais. É um conceito inovador de desenvolvimento, pois considera a participação coletiva desde o processo de organização, desenvolvimento, implementação e disseminação (FBB, 2016, p. 52).

Em 2001 foi criado o Banco de Tecnologias sociais (BTS), como uma forma de armazenar dados sobre tecnologias sociais certificadas. A certificação dessas tecnologias acontece por meio do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. Este tem como função estimular a disseminação de tecnologias sociais pelo Brasil, com a firmação de parcerias institucionais para investimentos em novas propostas. Também há a Rede de Tecnologias Sociais (RTS), criada em 2004, que funciona como uma articulação de um conjunto de instituições – governamentais, não-governamentais, universidades e empresas privadas – que se reúnem e buscam formas de contribuir para o desenvolvimento sustentável a partir da criação e reaplicação de tecnologias sociais. (FBB, 2011).

Ainda em 2001, também foi criado o Instituto de Tecnologias Sociais (ITS) com o objetivo de promover a criação e o desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas para o interesse social e também mobilizar o conhecimento criado para atender demandas da população. O ITS tem como proposta desenvolver novas tecnologias para fomentar o desenvolvimento sustentável, promovendo diálogo entre os saberes popular e acadêmico para gerar inclusão e garantir o bem estar da população. (ITS, 2019).

Diante disso, as TS se apresentam como uma forma alternativa para solucionar problemas estruturais que afetam a camada mais pobre e excluída da população. À medida que busca trazer soluções simples, mas eficazes, para problemas como a falta de acesso à educação, saúde, alimentação, trabalho, entre outros. O desenvolvimento das TS não pode ser considerado linear, já que a forma como elas são criadas e mantidas são justamente para se adaptar a localidade que ela busca ajudar. Com um processo de criação conjunto com a localidade. Outra característica importante das TS é o caráter reaplicável das mesmas. Elas são criadas de forma conjunta a uma localidade com o objetivo de ajudá-la a se desenvolver. No entanto, essa mesma TS pode ser aplicável em outra localidade com contexto parecido, de forma adaptada, desde que considere as diferenças entre elas. Esse

ponto revela também a sustentabilidade das TS, sendo a reaplicação um dos seus pontos-chave. (ZUCOLOTO e PEREIRA, 2017)

Para Lima e Dagnino (2013) existe uma vertente das análises sobre tecnologias sociais que busca formar um marco teórico (analítico/conceitual) para as mesmas. Os autores destacam que os principais conceitos que baseiam o marco são: 1) crítica a neutralidade da ciência e tecnologia; 2) necessidade de construção coletiva e contextualizada das TS; 3) adotar as TS como uma política pública; 4) e pensar as TS como uma construção coletiva e com produção autogestionária.

A crítica a neutralidade da ciência e da tecnologia nasce do contexto em que a tecnologia é, geralmente, utilizada para atender as demandas capitalistas. A incorporação dessas demandas torna a tecnologia distante dos valores sociais e perto dos valores capitalistas. A utilização da tecnologia de uma maneira não neutra, em consonância com as necessidades da sociedade e comprometida com o desenvolvimento sustentável de populações pobres e excluídas, deveria ser o principal fim da tecnologia, afinal o conceito de tecnologia está associado a facilitação da vida do ser humano. A partir disso, surge a necessidade de criação de TS que sejam consoantes a realidade que propõem ajudar. Sua construção e seu desenvolvimento devem ser feitos de acordo com as necessidades e particularidades de cada local, envolvendo diretamente os grupos sociais que pretende beneficiar. Assim nasce a necessidade da construção coletiva e contextualizada. (LIMA e DAGNINO, 2013)

As TS devem possuir características específicas como: ser adaptável a pequenos produtores e consumidores, não priorizando produções em larga escala, de forma a realmente beneficiar o local em que está atuando. Como as TS são produzidas em locais pobres e excluídos é necessário considerar que a população atendida tenha um baixo poder econômico; ser orientada para o mercado interno da massa; incentivar o potencial dos produtores e consumidores, de forma a gerar empoderamento de ambos e dá-los o papel de protagonista de suas próprias vidas; e que seja capaz de tornar viável empreendimentos condizentes com a realidade dos beneficiados, tal como cooperativas e pequenas empresas. (DAGNINO *et al.*, 2004).

A apresentação das TS pela ótica das políticas sociais se relaciona ao resgate de saberes tradicionais e a valorização de conhecimentos populares. Por isso, as TS também podem ser vistas como políticas públicas geradoras de emprego e renda, quando

estimulam o associativismo e o cooperativismo dentro das comunidades. Assim, valorizando também a construção coletiva e autogestionária. Quando encarada como uma política pública, é necessário ser escolhido um modelo de negócio ou produção que respeite padrões de incentivo a políticas regionais e que não se dobrem a modelos universais de políticas que não condizem com a realidade das localidades que buscam impactar. (SEIXAS *et al.*, 2015). Portanto, as TS podem ser encaradas como uma forma de valorizar “o saber popular e técnico-científico, que possui eficácia para ser multiplicado, que é voltada para a geração de renda e preservação ambiental, objetivando assim promover o desenvolvimento social em larga escala.” (SEIXAS *et al.*, 2015, p. 5).

Quanto ao desenvolvimento das TS, ele deve envolver um processo participativo de planejamento e avaliação, no qual os atores desse processo podem ser diversos, como: populações tradicionais; empresas; organizações da sociedade civil; instituições de ensino superior; poder público; sindicatos; entre outros. Para Dias (2006) existem três atores principais que atuam no desenvolvimento das TS no Brasil e possuem papéis específicos, são eles:

- i) a classe trabalhadora: representada pela maioria da população, a qual pode utilizar de sua criatividade e participar ativamente de sua empresa ou cooperativa;
- ii) as instituições de ensino superior: essas devem estar comprometidas com o desenvolvimento e bem-estar social e por meio da educação incentivar a superação dos limites impostos pela desigualdade socioeconômica. Também devem ir além do conhecimento acadêmico engessado e técnico, de forma que gere conhecimento que tenha relevância local; e,
- iii) o poder público (Estado): o seu papel reside como financiador e viabilizador do desenvolvimento científico e tecnológico. No sentido de promover políticas públicas que fomentem a criação de TS.

Como uma de suas principais características é ser um processo participativo, dois pontos se sobressaem no desenvolvimento de TS: a participação da comunidade e a busca de parcerias. A participação da comunidade é fundamental no sentido de orientar o desenvolvimento das TS em torno de suas necessidades, assim sua construção, implementação e reaplicação serão consoantes com a realidade da localidade na qual a TS será/foi aplicada. As parcerias são um ponto crucial para a viabilização das TS, afinal,

para que elas sejam pensadas e executadas são necessários recursos, que podem vir de instituições privadas e/ou governamentais. (LASSANCE Jr. e PEDREIRA, 2004).

Para Lassance Jr. e Pedreira (2004) o processo de desenvolvimento das TS – envolvendo formulação, aplicação e reaplicação – pode ser explicado em quatro passos principais:

- i) Criação: surge a partir do conhecimento popular, do conhecimento acadêmico, ou da junção de ambos;
- ii) Viabilidade técnica: consolidação do padrão tecnológico;
- iii) Viabilidade política: apoio do governo; e
- iv) Viabilidade social: apoio da população ou de organizações como OSC e ONGs.

O processo de desenvolvimento das TS deve estar acompanhado de fatores como: reconhecimento de sua autoria; o registro da experiência, para que futuramente possa ser reaplicada; e gerar inovação e reconhecimento. Dessa forma, é possível criar e organizar um conjunto de iniciativas que, mesmo que dispersas, contribuam para o desenvolvimento, criação e disseminação de novas Tecnologias Sociais. (LASSANCE Jr. e PEDREIRA, 2004).

Assim, a partir de necessidades sociais, podem ser desenvolvidas tecnologias sociais, as quais buscam melhorar a vida da população de diferentes formas e que valorizem a comunidade e seus saberes. Dessa maneira, pode-se destacar os empreendimentos sociais, frutos do empreendedorismo social, como aliados das TS na promoção da inclusão social e do desenvolvimento sustentável. A seguir, são feitas considerações sobre empreendedorismo e empreendedorismo social, afim de entender melhor como as tecnologias sociais e o empreendedorismo podem ser aliados nessa tarefa.

1.2 DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO AO LONGO DO TEMPO

As primeiras definições acerca do que é empreendedorismo remontam a França no século XVI e XVII, a palavra empreendedor – *entrepreneur* – tem origem francesa e era usada para definir aquele que se compromete com algo. No século XVI, o termo estava associado aos aventureiros da época, que corriam risco físicos e/ou emocionais para realizar as mais diversas tarefas. Já no século XVII a palavra *entrepreneur* passou a ser utilizada para se referir aos militares que organizavam expedições, estando diretamente ligado à história militar francesa. Nesse período, o sentido de empreender passou a ser

associado pela primeira vez aos empresários (CARDOZO e BARBOSA, 2005; TOMECKO, 1992)

No século XVIII o empreendedor passou a ser uma pessoa que assumia riscos e começava a se distinguir da figura do empresário. O economista Richard Cantillon (1755) é considerado o pai do empreendedorismo, pois foi o primeiro a usar a palavra “empreendedor” com o sentido mais próximo de como é visto atualmente. O economista caracteriza os empreendedores como aqueles que assumem riscos, comprando insumos por um preço certo, transformando-os em novas mercadorias para vendê-las no futuro com um preço incerto, com o objetivo de cobrir os custos e, ainda conseguir lucro. O comportamento do empreendedor estava centrado em relação aos riscos entre oferta e demanda. Esse indivíduo, não necessariamente seria um empresário, mas qualquer trabalhador com liberdade, como colonos, artesãos e agricultores (COSTA *et al.*, 2011; DORNELAS, 2016)

Outro economista que discorreu sobre as definições e o papel do empreendedor foi Jean Baptiste Say, no século XIX. Para o autor, o empreendedor é facilmente confundido com o empresário, pois sua função seria a de transferir recursos de um setor de baixa produtividade para um setor de maior produtividade e lucro. O ambiente para empreender, segundo Say, seria um ambiente de certezas, no qual o empreendedor age de maneira racional e dinâmica. Com sua empresa, o empreendedor busca sempre mais lucros e equilíbrio financeiro, sempre se adaptando às crescentes necessidades do modo de produção capitalista. Destarte, além de satisfazer suas necessidades pessoais, o empresário também contribui para o equilíbrio do sistema econômico (COSTA *et al.*, 2011; SANTIAGO, 2009).

No início do século XX, Sombart (1902/1946) também fez importantes contribuições para as definições sobre empreendedorismo e seu papel para a economia e sociedade. O autor argumenta que cada época reflete em diferentes atitudes em relação à atividade econômica e que os organizadores/propulsores do progresso econômico são os empresários. As definições de Sombart para o empreendedor o confundem com a figura do empresário, o qual para ele é o motor do desenvolvimento econômico. Para o autor, o empreendedor/empresário pode ser classificado de três formas: o inventor-empresário – que tem como preocupação central a organização da exploração industrial de seu produto; o comerciante – homem de negócio preocupado com o mercado e suas demandas; e o empresário-financeiro – preocupado com o capital. O autor define o

empresário/empreendedor como exemplos de sucesso para a sociedade (COSTA *et al.*, 2011; TAVARES, 2014)

Dentre tantas definições acerca de empreendedorismo e do sujeito empreendedor, a que mais é resgatada e utilizada é a do economista Joseph Schumpeter. O autor se refere ao empreendedorismo como sendo a percepção e exploração de novas oportunidades no campo dos negócios, utilizando os recursos necessários de forma inovadora. As concepções de empreendedorismo e inovação entram em sinergia e o empreendedor é tido como agente de mudanças, capaz de detectar novas oportunidades de negócios e novas formas de otimizar processos, tornando-os mais eficientes. A contribuição que os empreendedores integram na economia é chamada por Schumpeter de “Destruição criativa” (SOUZA, 2005; SANTIAGO, 2009; SCHUMPETER, 1982)

A Destruição criativa pode ser descrita como a quebra de um ciclo a partir da introdução de alguma inovação que substitua produtos e serviços. Ou seja, a introdução de uma inovação no mercado, seja um novo produto ou uma nova forma de realizar um processo, é capaz de gerar riquezas para um país. Especialmente para o empreendedor que introduz essa inovação, este durante um tempo irá gozar de lucros extraordinários na sua empresa, até que a inovação seja difundida e os lucros sejam repartidos igualmente entre os empresários. Dessa forma, a destruição criativa é responsável pelo dinamismo das indústrias e do crescimento econômico a longo prazo (SOUZA, 2005; CHIAVENATO, 2012).

Na segunda metade do século XX, o empreendedorismo ganha destaque e passa a ser amplamente debatido em novas vertentes, além da econômica, uma delas é a vertente comportamental ou psicológica, representada por autores como McClelland (1961/1972). O autor insere na discussão sobre empreendedorismo as características psicológicas que são predispostas ao indivíduo empreendedor. Ao inserir a dimensão psicológica ao empreendedorismo, McClelland quebra a unicidade econômica atribuída ao empreendedorismo. O autor observa que o rápido crescimento econômico também pode ser esclarecido por fatores externos, como oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de um negócio, descoberta de recursos naturais e conquista de novos mercados. O autor argumenta que são as características internas ao ser humano que o levam a explorar novas oportunidades, aproveitar as condições favoráveis e agir como propulsor do crescimento econômico (VALE, 2014; SOUZA, 2005)

O empreendedor é movido por sua necessidade de sucesso, realização e reconhecimento. Além de inovadores os empreendedores também são pessoas criativas, que possuem consciência do ambiente em que estão inseridos e conseguem detectar oportunidades de negócios, está sempre disposta a aprender. Alguns autores como McClelland (1961/1972) e Fillion (1991) descrevem os empreendedores como indivíduos dotados de propensão a correr riscos, liderança, inovação, personalidade, estratégia, entre outros (VALE, 2014; SOUZA, 2005).

Atualmente a discussão acerca do empreendedorismo e do empreendedor vem sendo valorizada pelos governos, por meio de políticas públicas, organizações empresariais e organizações da sociedade civil como uma possibilidade de crescimento econômico e fomento de empregos. Retomando as definições de empreendedorismo de autores como Schumpeter e Sombart, que defendiam que o empreendedorismo pode ser caracterizado como a força motriz do desenvolvimento econômico. (DORNELAS, 2008; CHIAVENATO, 2012).

Uma área do empreendedorismo que tem ganhado destaque nas últimas décadas é o empreendedorismo social. Neste, o objetivo principal é a inovação com o objetivo de mudança social, sendo comum sua prática no setor privado, no terceiro setor ou em organizações híbridas. Assim, o empreendedorismo social “está pautado na criação de valor social e na introdução de inovações de metodologia, serviços ou produtos, os quais gerariam uma transformação social.” (ROSOLEN *et al.*, 2014, p. 87).

A principal característica do empreendedorismo social é a inovação em empreendimentos sociais, estes aliam ferramentas empresariais, comprometimento e engajamento social na busca de gerar transformações nas localidades em que estão inseridas. Assim, o empreendedorismo social busca realizar transformações na realidade social com base em alguns pressupostos, como: reflexão junto às comunidades; desenvolvimento de meios de inserção social; comprometimento com a sociedade na geração de renda, produtividade e justiça social; melhoria da qualidade de vida dos atores sociais; e inserção de práticas sociais empreendedoras e reforço da solidariedade. O empreendedorismo social também surge em um período de crescimento das atividades do terceiro setor, crescimento da atividade empresarial, redução de investimentos públicos de cunho social e busca de ações que promovam desenvolvimento sustentável e justiça social (OLIVEIRA, 2004; QUINTÃO, 2004).

1.2.1 Empreendedorismo social

O empreendedorismo social (ES) surge como uma vertente do empreendedorismo tradicional, com objetivos diferentes e meios parecidos. O ES aparece como uma alternativa na busca de desenvolvimento de forma sustentável, já que seu foco de atuação é voltado para as necessidades da sociedade e seu bem-estar, especialmente a população mais carente. Em seu seio, ele busca envolver sinergicamente ações do governo, de instituições privadas e da comunidade em busca de melhorias, dando atenção também as questões de preservação ambiental. O empreendedorismo social constitui uma forma eficiente de resolução dos problemas sociais, sendo os principais atores dessa visão as organizações sem fins lucrativos e as pequenas e médias empresas. Bornstein e Davis (2010) classificam o empreendedorismo social como um

[...] processo pelo qual cidadãos constroem ou transformam instituições para promover soluções para problemas sociais como pobreza, doença, analfabetismo, destruição ambiental, abuso dos direitos humanos e corrupção, com o objetivo de tornar a vida melhor para muitos. (BORNSTEIN e DAVIS, 2010, p. 12-13).

A vista disso, o empreendedorismo pode ser dividido em duas vertentes, que nos interessam no momento: o empreendedorismo tradicional, que visa o lucro; e o empreendedorismo social, que visa provocar transformação social para mudança de vida de populações mais pobres e preservação do meio ambiente. (OLIVEIRA *et al.*, 2020; SANTOS, 2008; SMIRNOV, 2021)

A primeira é fundamental para o crescimento econômico, possuindo quatro características principais: i) motivação; ii) conhecimento da atividade desenvolvida; iii) expectativa de ganho pessoal; e iv) suporte do ambiente. Essa vertente é essencial para expandir as atividades econômicas e promover crescimento e inovação nas economias de mercado. Já a segunda, aborda o desenvolvimento social e preservação ambiental com o interesse de promover mudanças na sociedade, portando a ambição de equilibrar os interesses econômicos com os interesses sociais e éticos. (OLIVEIRA *et al.*, 2020; SANTOS, 2008; MAIR e GANLY, 2010).

Diferente do empreendedorismo tradicional, o ES busca transformar a realidade de comunidades pobres, objetivando a melhoria de vida das mesmas em diferentes aspectos, como: saúde, moradia, emprego, renda, entre outros. As duas vertentes diferem na forma de atuação e no seu fim: o tradicional objetiva o lucro e a realização pessoal;

enquanto o social trabalha pra resolução de problemas sociais. No quadro 1 é apresentado uma comparação entre as duas vertentes.

Quadro 1: Diferenças entre empreendedorismo tradicional e social

Empreendedorismo tradicional	Empreendedorismo social
Pensamento individual	Pensamento coletivo
Produção de bens e serviços para o mercado	Produção de bens e serviços para a sociedade
É feito para o mercado	Ênfase na resolução de problemas sociais
Seu fim principal é o lucro	Seu fim principal é transformação e impacto social
Objetiva a satisfação de seus clientes	Objetiva a satisfação da sociedade

Fonte: Elaborado pela autora com base em Oliveira (2003).

Pode-se afirmar que o ES é uma atividade inovadora com propósito social, a qual pode acontecer no setor privado, no terceiro setor ou no governo. Deste modo, é possível dizer que ele está pautado sobre a construção de valor social e na introdução de inovações, sejam metodológicas, de serviços ou de produtos, que tenham como fim gerar transformação social. (DEES, 2001; SILVA, 2002)

O ES notabiliza a necessidade de ajudar os outros e levar desenvolvimento sustentável para comunidades mais pobres, sem ter como meta principal o lucro. Ele tem capacidade de adicionar sustentabilidade financeira a um serviço social, como Organizações não Governamentais (ONGs) e Organizações da Sociedade Civil (OSC). Também busca captar recursos por meio de investidores com a finalidade de elaborar estratégias para ganhos financeiros, assim beneficiando os atores do ES. (AUSTIN e CHU, 2006). Nesse sentido, empreendedores sociais desempenham papel de agentes capazes de provocar mudanças no setor social. Pode-se dizer que esses empreendedores são orientados por cinco pressupostos principais. (DEES, 2001; ROSOLEN *et al.*, 2014; SILVA, 2002), são eles:

- i) A adoção de uma missão para gerar valor social;
- ii) Sempre estar em busca de oportunidades para exercer essa missão;
- iii) Estar em um processo constante de inovação e aprendizagem;

- iv) Agir com ousadia, se desprendendo de limitações causadas pelos recursos limitados; e
- v) Expor os resultados obtidos e prestar conta aos envolvidos com transparência.

Os dois tipos de empreendedorismo, tradicional e social, encontram algumas semelhanças quanto as características compartilhadas pelo sujeito empreendedor, mesmo suas motivações e objetivos sendo diferentes. Por serem considerados inovadores eles irão promover desenvolvimento econômico e social e também vão identificar e explorar oportunidades e estimular pessoas a sua volta em busca de atingir seus objetivos. O empreendedor social nutre uma paixão pelas atividades que desenvolve e um forte sentido ético. (DEES, 2001; SANTOS, 2008)

Esses empreendedores são capazes de identificar falhas na sociedade e transformá-las em oportunidade a partir da imaginação e visão em uma solução. Eles engajam e motivam outras pessoas para sua causa e assim constroem uma rede de relações com pessoas chave, garantindo apoio e recursos necessários. Eles também buscam introduzir sistemas próprios de gestão em seus negócios sociais. Os empreendedores sociais, ao contrário de tratar dos sintomas de um problema que causa mazelas, agem diretamente sobre suas causas e, apesar de trabalhar localmente, as transformações geradas pela sua iniciativa impactam em áreas como saúde, educação, ambiente, emprego, renda, entre outros. Além da possibilidade de se gerar redes de empreendedorismo, ou sistemas regionais de empreendedorismo social, que compartilham informações e estão a serviço da transformação social. (DEES, 2002; THOMPSON, 2002)

A importância do desenvolvimento de sistemas regionais de empreendedorismo social é destacada por Smirnov (2021). O autor argumenta que esses sistemas representam o surgimento de dois paradigmas: o primeiro está relacionado à inovação social, que pode ser caracterizada de forma genérica como um meio para a resolução de problemas sociais; e o segundo diz respeito aos empreendimentos ou empresas sociais, que são resultados das políticas sociais de apoio ao empreendedorismo social e sua existência comprova a eficácia dessas políticas.

As políticas orientadas para o empreendedorismo social podem ser caracterizadas de acordo com alguns critérios como: a prioridade na missão social em detrimento do lucro; a qualificação da comunidade; inovação social e organizacional;

avaliação do impacto social gerado; investimento no capital social; e sustentabilidade econômica (SANTOS e GUERRA, 2012).

O desenvolvimento de políticas de fomento ao empreendedorismo pode gerar um alto impacto econômico como o incremento de produtos e serviços de alto valor agregado, ou seja, em uma região que possui empreendedores, há melhora do seu desenvolvimento econômico, sustentando a ideia de desenvolvimento de sistemas regionais de empreendedorismo. As políticas podem ser classificadas de duas formas, políticas de regulação ou de estímulo. As primeiras regulam o ambiente para que ele se torne propício para a atividade empreendedora, a exemplo de regras de entrada e saída de negócios e regras tributárias. Já a segunda está relacionada a políticas que estimulam a atividade empreendedora, a exemplo de promoção de cultura e educação empreendedora e programas de promoção da inovação (CEAPG e CENN, 2012).

No Brasil, as políticas empreendedoras começaram a surgir nos anos de 1990 com o Programa Brasil Empreendedor, em 1999; o qual tinha como objetivo qualificar empreendedores em todo o país e chegou ao número de mais de seis milhões de empreendedores qualificados. A partir dos anos 2000 o governo federal adota uma série de políticas que promovem o empreendedorismo, a saber: Programa Jovem Empreendedor; Programa microcrédito individual; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae); Microempreendedor individual (MEI); o programa nacional de educação empreendedora; entre outros. (DORNELAS, 2008).

É nesse momento que o empreendedorismo entra como uma estratégia do Estado para a superação dos problemas sociais e desenvolvimento econômico. Diversas ações foram realizadas com o objetivo de estimular o empreendedorismo, como: incentivo a incubadoras de empresas; leis para regulação de pequenas e médias empresas; o apoio a políticas empreendedoras desenvolvidas por ONGs, OSC, institutos e empresas privadas; financiamento a empresas inovadoras por iniciativas como a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Entre as iniciativas para a promoção do empreendedorismo a educação é a que mais se destaca, com cursos específicos de formação e incentivo ao empreendedorismo (DORNELLAS, 2008; VALENTIM, 2017).

1.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS E EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UMA ABORDAGEM PARA PROMOVER INCLUSÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIECONÔMICO

A crescente preocupação com o aumento das mazelas sociais que atingem a população – como exclusão social, desemprego e violação de direitos humanos – evidenciam a necessidade do surgimento de novos modelos de desenvolvimento e/ou políticas que sejam capazes de amenizá-las ou saná-las. Uma das alternativas que surgiram para esse fim são as tecnologias sociais, que tem como principal propósito levar desenvolvimento sustentável para parcelas excluídas da população. O empreendedorismo social se mostra disponível para o mesmo serviço, buscando fazer com que os moradores de localidades excluídas se tornem protagonistas de suas próprias histórias e que, por meio do empreendedorismo, possam alavancar o desenvolvimento de suas comunidades. (OLIVEIRA e SILVA, 2012; SEIXAS *et al.*, 2015)

As TS e o ES compartilham pressupostos básicos, como: satisfazer as necessidades humanas, participação igualitária nos recursos, integração coletiva, preservação socioambiental, fortalecimento de empreendimentos coletivos, geração de emprego, distribuição de recursos, transformação social, sustentabilidade econômica, social e ambiental e promoção de bem estar. (OLIVEIRA e SILVA, 2012)

A combinação dessas duas alternativas configura uma forma de fomentar a transformação social, provendo-a com a participação direta da população envolvida, causando também inclusão social, melhoria das condições de vida, sustentabilidade econômica, social e ambiental. Além de ser uma forma simples, de baixo custo, reaplicável e que frequentemente recebe apoio, seja de organizações governamentais ou privadas. A propagação dessas alternativas é baseada em dois princípios fundamentais: participação da comunidade no desenvolvimento, aplicação e reaplicação das TS e do ES; e a sustentabilidade das soluções que são apresentadas. Nesse caso, ressalta-se a importância de criar soluções consoantes para a comunidade que sofrerá intervenção, pois de nada adianta criar soluções que, ao final, não são sustentáveis no contexto que são aplicadas. Seguindo esses dois princípios, é possível criar soluções eficazes e que amenizem ou resolvam problemas relacionados a saúde, educação, moradia, emprego e renda. (MOURÃO *et al.*, 2019)

As TS associadas ao empreendedorismo configuram uma forma de promover o desenvolvimento local e/ou regional, valorizando os atores, que são a própria comunidade. Nessa junção há uma abordagem integrada de desenvolvimento socioeconômico e cultural que atenda às necessidades da população e que também a valorize. A busca pelo equilíbrio entre desenvolvimento, meio ambiente e justiça social, buscando formas de diminuir seus impactos, levou a formas de harmonizar desenvolvimento econômico, cuidados com o meio ambiente e gerar impactos sociais, objetivando um desenvolvimento inclusivo, economicamente estável e sustentável e que promova a melhoria de qualidade de vida. (OLIVEIRA e SILVA, 2012)

As TS e o ES também compartilham o fato de serem fenômenos e processos ligados a inovação social. Rodrigues *et al.* (2012) caracteriza a inovação social como sendo um conjunto de novas práticas, abordagens ou intervenções, ou qualquer outro produto que são desenvolvidos com o objetivo de melhorar ou resolver um problema social de uma determinada comunidade. Caron (2007) argumenta que a inovação social se relaciona com a criação de novas alternativas para o desenvolvimento de comunidades e indivíduos, com um objetivo claro de promover melhora no nível de qualidade de vida, bem estar, da procura da felicidade e da realização humana. Para o autor, a chave da inovação social não está na busca por ter mais, e sim, em ser mais. O principal fomentador da inovação social são as TS. Por serem simples, de baixo custo, de fácil replicação e que podem gerar alto impacto social. Assim, elas caracterizam uma forma de promover a inovação social para pessoas que não tem acesso a recursos para empreender.

Em paralelo, o empreendedorismo social atua na geração de empreendimentos sociais sustentáveis e que atendam às necessidades da população envolvida. Tendo como missão gerar transformação social, por meio de práticas e atitudes de solidariedade e emancipação pessoal com o objetivo de promover desenvolvimento humano e econômico. Assim, resgatando o sentido da vida da comunidade envolvida e potencializando suas capacidades.

Assim, diante do exposto, é possível entender que tanto as TS quanto o empreendedorismo social são mecanismos que agem de forma semelhante com objetivos semelhantes: promover transformação social em comunidades excluídas e, muitas vezes, esquecidas, de forma sustentável e consoante com suas particularidades enquanto comunidade. Portanto, a ação conjunta e sinérgica desses mecanismos representa uma boa forma de potencializar a transformação social almejada por ambos.

CAPÍTULO 2 – INSTITUTO DE PESQUISA EM TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: PROJETOS ANALISADOS E SANTA LUZIA DO ITANHY

Neste capítulo é apresentada uma breve descrição da história do IPTI, suas ações e seus objetivos. Também são descritos os três projetos analisados, quanto aos seus objetivos e metodologia, e apresentadas as características socioeconômicas da cidade de Santa Luzia do Itanhy, local de atuação do IPTI.

2.1 INSTITUTO DE PESQUISA EM TECNOLOGIA E INOVAÇÃO - IPTI

O Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação (IPTI) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que trabalha com arte, ciência e tecnologia. Tem como objetivo gerar inovações que contribuam com o desenvolvimento humano, criando e desenvolvendo tecnologias sociais nas áreas de educação empreendedora, educação básica e saúde básica.

O IPTI deu seus primeiros passos em 2003 com a criação de uma plataforma de educação à distância com o nome de Teobaldo, criada para auxiliar alunos com dificuldade de aprendizagem no curso de engenharia. No início de sua trajetória, o instituto passou a oferecer alguns cursos de especialização e segurança da informação. O seu primeiro projeto desenvolvido surgiu por meio de um edital de Cybersegurança da internet, contra cybertrade do Ministério da Justiça. Ao longo do tempo, com a firmação do instituto, um plano de negócios foi criado e apresentado ao Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (CIETC), que age como uma incubadora de empresas. O plano foi aceito e o IPTI foi fundado formalmente com o status de incubadora de empresa de tecnologia em 2003 (BARRETO, 2021)

A experiência como incubadora gerou inquietações sobre como eram conduzidos os processos de inovação e gerenciamento de pequenas e médias empresas. A partir dessas inquietações foram surgindo reflexões sobre modelos alternativos de pesquisa e negócio que melhor se adequassem à sociedade da informação. Um fator importante para a estruturação do projeto foi a noção de negócio como um ciclo sistêmico, no qual formação, pesquisa e empreendedorismo estão intimamente relacionados, além da necessidade de manutenção dos processos de inovação que são exigidos em uma sociedade da informação (IPTI, 2021). Em 2005, por falta de apoio administrativo, o IPTI deixou o CIETC. Com a saída, foi montado um plano de se tornar uma incubadora para a cracolândia, visando transformar o ambiente hostil do lugar em um ambiente ideal de

inovação e negócios, empreendedorismo e transformação social. Contudo, as tentativas de conversa com o governo estadual para colocar o plano em prática foram falhas e a ideia foi abandonada (BARRETO, 2021).

Em 2006, o IPTI estabeleceu uma parceria com o Ministério da Cultura e surgiu a oportunidade de uma experiência de intercâmbio de Arte, Ciência e Tecnologia com alguns países da Europa, para contribuir com o desenvolvimento humano. Nesse momento, o IPTI ainda estava localizado em São Paulo, contudo a cidade não seria a ideal para a experiência, foi procurado um lugar pequeno, de baixa renda e isolado que representasse um pouco das mazelas do hemisfério sul. O estado de Sergipe foi escolhido e, conforme as características propostas, Santa Luzia do Itanhy (SLI) foi a cidade escolhida para sediar o instituto. Outro fator importante foi o apoio da prefeitura do município. A escolha formal do município foi feita em 2007, e a partir do intercâmbio de Arte, Ciência e Tecnologia foi gerado um documento chamado *The Human Project*, um arcabouço conceitual de como Arte, Ciência e Tecnologia podem promover o desenvolvimento humano a partir de ações e projetos de empreendedorismo. O IPTI se instalou formalmente em SLI no ano de 2009 (BARRETO, 2021).

A instalação do IPTI no município veio com o comprometimento de melhorar a sua situação socioeconômica, alicerçado sobre a construção de um novo paradigma de desenvolvimento, o qual seja sustentado com o apoio da comunidade local. O objetivo dos projetos na cidade é criar um ambiente de conhecimento e oportunidades valorizando e reforçando a identidade local. Junto à comunidade o IPTI busca gerar soluções eficazes em um contexto de extrema vulnerabilidade socioeconômica e que estas soluções sejam sustentáveis e com potencial de escalabilidade. Dessa forma, o IPTI cria estratégias, ferramentas e metodologias que envolvam os membros da comunidade no desenvolvimento de soluções para os seus próprios problemas, os produtos gerados nesse processo são chamados de tecnologias sociais. Elas apresentam três características fundamentais: eficácia, escalabilidade e sustentabilidade. Assim, o IPTI se dedica a gerar soluções inovadoras que contribuam no enfrentamento dos problemas sociais de forma sustentável, tanto econômica quanto politicamente, destacando os membros da comunidade como protagonistas desse processo (IPTI, 2019).

Ao longo dos anos de trabalho, o IPTI desenvolveu uma relação de sinergia com a comunidade, desenvolvendo Tecnologias. Na sequência estão descritas as três TSs do

IPTI que atuam em educação empreendedora para jovens do município de Santa Luzia do Itanhy.

2.1.1 Criatividade, lógica, oportunidade e crescimento – CLOC

CLOC é uma TS voltada para o ensino de programação de forma simples e dinâmica que promove o empreendedorismo criativo e social na área de tecnologia da informação. A TS é desenvolvida em comunidades que se encontram em extrema pobreza e distantes das grandes cidades. Seu objetivo principal é estruturar um núcleo de programação avançado formado por alunos selecionados que participaram do programa e conseguiram atingir um grau de excelência em programação. Esse núcleo tem como meta inserir o ensino de programação e robótica nas escolas públicas e desenvolver empreendimentos na área de Tecnologia da Informação (TI).

O CLOC também possui um curso de robótica, no qual os alunos têm contato com a montagem de pequenos robôs de baixo custo. Dessa iniciativa foi desenvolvido um Kit Robótica, composto por um robô feito a partir de materiais recicláveis, módulos impressos em 3D e plataformas de Arduino. O desenvolvimento do robô, entre outras atividades, atua de forma integrada com outras TS do IPTI, como o Synapse¹, garantindo assim uma retroalimentação e sinergia entre elas. O desenvolvimento do Kit tem como principal objetivo estimular e amplificar a capacidade de aprendizagem dos alunos em áreas diversas, especialmente matemática básica e lógica (IPTI, 2019).

Durante o procedimento das atividades os alunos desenvolvem seu raciocínio lógico e têm contato com os programas: Scratch, HTML5 e CSS3 até refinarem suas habilidades para entrar em contato com programas mais complexos como Banco de Dados e Javascript. Quando os alunos alcançam esse nível são convidados a se tornar reaplicadores da metodologia em seus povoados, dessa forma é garantido a continuidade e escalabilidade da tecnologia. Ao final do curso há um Evento de Formatura e a Premiação de Melhor Professor do Ano, como uma forma para que as famílias dos beneficiários se aproximem e conheçam melhor as atividades desenvolvidas (IPTI, 2019).

Do CLOC surgiu a empresa Centro Integrado de Tecnologia da Informação do Itanhy (CITI²)² na qual os melhores alunos formados no curso atuam de maneira

¹ Synapse é uma tecnologia social desenvolvida pelo IPTI com a função de auxiliar e promover a qualidade do aprendizado em português e matemática no ensino básico das escolas públicas.

² Link para página da empresa: <http://citi.com.br/>.

profissional. Os principais serviços oferecidos pela CITI² consistiram no desenvolvimento de um site para o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA); desenvolvimento do aplicativo de engajamento da comunidade para a tecnologia social Vetores e a 1º Maratona de Programação Hackacitii (IPTI, 2019).

O ensino de programação para crianças e jovens, proposta do CLOC, vem sendo um assunto bastante debatido na literatura. O interesse pelo assunto surge, principalmente, do papel que a tecnologia e computadores exercem, e que pode se intensificar, na vida de todos, principalmente das crianças e jovens. As várias possibilidades referentes a essas e os novos nichos de mercado que podem surgir atraem os pesquisadores a entender mais sobre o tema e enfatizam a necessidade de um conhecimento mais profundo da tecnologia, para que assim possam explorá-la da melhor forma possível, seja para lazer ou para o trabalho.

No Brasil, o ensino de programação permanece restrito às universidades. Nesse cenário, a formulação de tecnologias/políticas sociais de apoio ao ensino de programação garante a disseminação desses conhecimentos. Para autores como Wing (2006) e Resnick et al. (2009) o aprendizado de linguagem de programação ainda no ensino básico pode estimular a organização das ideias e dos objetivos de vida. Ainda segundo os referidos autores, o ensino de programação ajuda na tomada de decisões e na resolução de problemas, desde os cotidianos aos que exigem mais complexidade.

2.1.2 Arte Naturalista

O Arte Naturalista tem como objetivo formar jovens em técnicas de ilustração botânica como aquarela, grafite e pastel, como forma de promover o empreendedorismo social. A ênfase da TS é retratar a paisagem natural local de SLI, o mangue, criando ilustrações que o retratam de forma fidedigna. A ideia é que a forma como o mangue é tratado com mais sensibilidade desenvolva nos estudantes e também na comunidade local um olhar mais sensível sobre o bioma e suas diversas possibilidades, estimulando também a sua preservação e a construção de uma identidade local. Além disso, a retratação do mangue condiz com a proposta de desenvolvimento pelo IPTI, no qual são valorizados os atores da comunidade e o ambiente no qual ela está inserida, também reconectando a população com seu ambiente e desenvolvendo novas formas de exploração da paisagem local.

O olhar tradicional da comunidade para o mangue, como forma de obtenção de renda, pauta-se sobre a exploração em atividades de pesca. Essa rígida visão de renda é transmitida para as novas gerações, de forma a perpetuar um “ciclo de pobreza”. O Arte Naturalista demonstra aos jovens uma nova oportunidade de renda utilizando o mangue de forma mais criativa.

Para o curso são selecionados adolescentes de 14 a 17 anos que apresentem aptidão e interesse por desenho e pintura. As aulas acontecem em algum horário livre dos alunos, seja manhã ou tarde: nas escolas, os alunos entram em contato e treinam as técnicas; e, ao ar livre, aproveitando a paisagem natural para a construção das ilustrações, colocando as técnicas em prática. A primeira turma formada teve duração de dois anos, 2012 a 2014, com aulas uma vez ao mês. Os alunos formados alcançaram um nível de domínio de técnica excelente e passaram a ser reaplicadores da metodologia. Com professores da própria comunidade o curso passou a ter duração de um ano, reduzindo seu tempo de formação pela metade. Ao final do curso os melhores alunos são convidados a reaplicar a metodologia para as novas turmas, transmitindo sua experiência e vivência e garantindo uma retroalimentação do projeto. Ao decorrer do projeto foi criado um núcleo de arte, ciência e ecologia que retrata a diversidade do manguezal (IPTI, 2019)

Desse núcleo criado a partir do Arte Naturalista, surgiu a Casa do Cacete em 2016, uma *startup* formada pelos melhores alunos do projeto, os quais desenvolvem ilustrações baseadas no ambiente local e as comercializam. As ilustrações da fauna e flora do mangue possuem um alto valor agregado e podem ser comercializadas a preços altos. Dessa forma, muitas vezes, com uma única ilustração os alunos conseguem obter mais renda do que em um mês inteiro de pesca, principal forma de renda da maioria desses alunos (CARDOSO, 2021). A Casa do Cacete³ já desenvolveu ilustrações para as coleções de moda da Morena Rosa, coleção inverno/2017, e Osklen, coleção verão/2019. Também foi criado um livro de arte e ciências sobre a fauna e a flora do mangue, totalmente ilustrado pelos alunos, além das ilustrações dos livros produzidos pelo Synapse (IPTI, 2019).

A ilustração científica ou botânica, técnica ensinada pelo Arte Naturalista, pode ser enxergada como a união entre arte e ciência com a finalidade de auxiliar a divulgar as descobertas do pesquisador na forma de ilustrações. Elas também podem representar tanto

³ Link para portfólio da *startup*: <https://www.casadocacete.com/portfolio>.

os ambientes da fauna, como animais e pássaros, quanto da flora, como árvores e flores, e modelos de estrutura biológicas, como vírus e bactérias. Para a execução das ilustrações podem ser utilizadas diversas técnicas, sendo as mais comuns: aquarela, grafite, nanquim e pintura a óleo. O uso de ilustrações para representar a fauna e a flora pode parecer inadequado quando se tem à disposição câmeras fotográficas e de vídeo de alta resolução. Contudo, a ilustração concede uma riqueza única de detalhes quanto à estrutura, profundidade e ângulos. A confecção de uma ilustração também se mostra eficaz na hora do aprendizado, pois requer muito treino e observação, o que ajuda no aprendizado da morfologia e pode inspirar futuros ilustradores (UNB, 2021).

A ilustração científica é considerada uma área da biologia e ainda está restrita às universidades ou cursos específicos para a área. Dessa forma, é muito escasso o material sobre o aprendizado dessa técnica por jovens do ensino fundamental e médio. Tornando o Arte Naturalista um dos pioneiros nesse quesito.

2.1.3 PLOC

O PLOC é uma tecnologia social com a proposta de desenvolver em jovens a capacidade de percepção e exploração da paisagem sonora do ambiente no qual estão inseridos, como possibilidade de desenvolvimento cultural e econômico. O PLOC teve início em 2017 e seu nome é uma onomatopeia que faz alusão ao som de algo caindo na água. A TS oferece oficinas de técnicas de registro, produção e composição sonora para jovens estudantes. Também são feitas algumas ações colaborativas com outros projetos do IPTI, como a produção de curtas que são escritos e protagonizados pelos alunos, e a gravação de músicas e clipes.

O processo de seleção de participantes começa com a sensibilização da comunidade acerca do projeto, nessa fase é feita a divulgação do projeto nas escolas e os alunos interessados são convidados a fazer atividades e entrevistas desenvolvidas pelos monitores do projeto. Os 20 alunos que demonstrarem maior aptidão e/ou interesse são selecionados. Cada turma tem duração de dois anos e as aulas são realizadas em escolas municipais ou estaduais que cedam o espaço, mas também há atividades extracurriculares que permitem que os alunos tenham aula de campo (MARCEL, 2021). Nessa TS também há a proposta de escalabilidade e reaplicação, na qual os alunos que demonstram maior

aptidão, ao concluir o curso são convidados a se tornar professores reaplicadores e passar para as novas turmas sua experiência e vivência.

A educação musical proposta pelo PLOC é garantida pela Lei nº 11.769/2008 como direito e dever de toda escola, contudo encontra diversas dificuldades em sua efetivação, desde a falta de recursos, falta de pessoal qualificado, distanciamento da realidade dos alunos, a falta de métodos adequados. Diante de todos esses problemas o ensino de música nas escolas é um tema que merece ser debatido de uma maneira mais ampla (SOBREIRA, 2008). Este autor destaca formas de lidar com essas realidades, uma delas seria o estímulo a parcerias entre escolas públicas e agentes privados ou órgãos não-governamentais, como Organizações não Governamentais (ONGs) ou OSC, em busca de superar as dificuldades da implementação do ensino de música. Essa aproximação também pode auxiliar a direcionar o ensino ao contexto da comunidade.

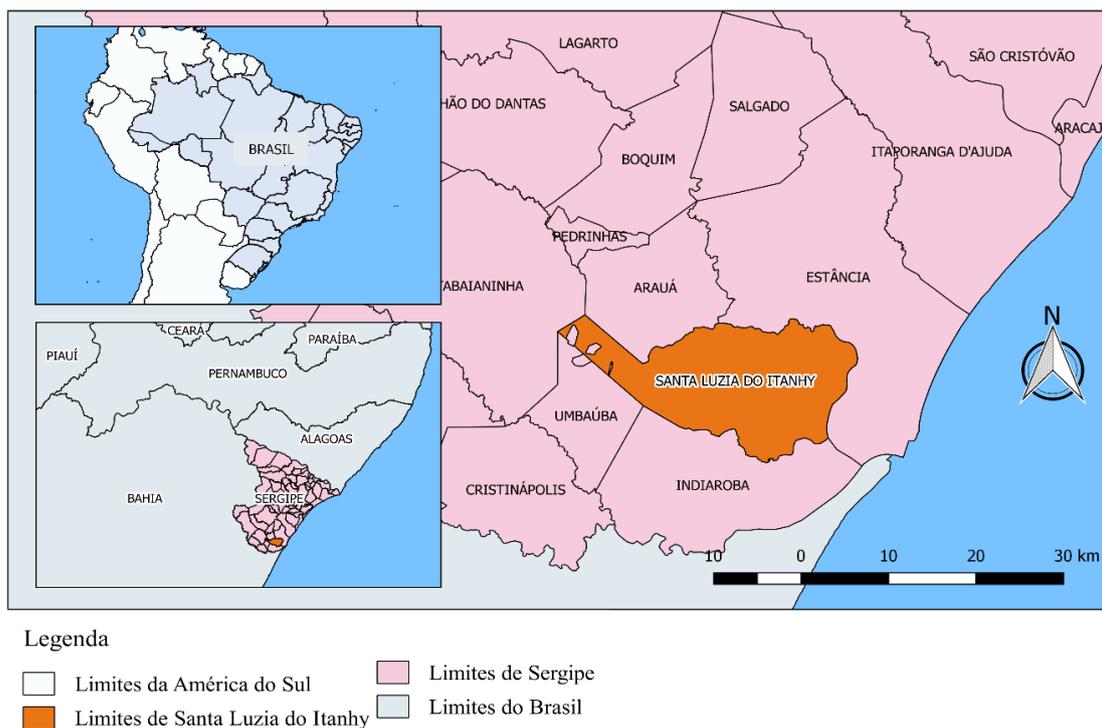
Dentro do exposto, vê-se que um grande desafio do ensino é o de contemplar a diversidade sociocultural existente e de aproximar a música dessas realidades, considerando os contextos, espaços e as metodologias utilizadas que não se restrinjam apenas ao ambiente educacional. Dessa forma, são focadas as diferentes abordagens para o ensino e aprendizado. Dentro desses contextos surgem novas alternativas às instituições tradicionais, como a ascensão dos projetos sociais relacionados ao ensino de música, muitos desses ligados às ONGs. Estas pensam o ensino focado no contexto sociocultural, tanto dos alunos quanto das comunidades nas quais se inserem. Pois, esse tipo de espaço busca atender a população de baixa renda, principalmente crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade. Nesse cenário a música pode representar uma forma de socialização e educação (DOS SANTOS, 2006; SANTOS JÚNIOR e CARVALHO, 2020).

Dessa forma, o ensino proposto pelo PLOC atende à necessidade de contextualização defendido na literatura. Contudo, além do ensino de música o projeto também tem em sua composição o ensino de produção e captura de sons, atividades mais relacionadas à produção musical e também à produção de vídeos e clipes, além de ter como uma de suas metas a produção de um banco de sons. Estes temas são pouco debatidos na literatura, demonstrando a originalidade do projeto.

2.2 SANTA LUZIA DO ITANHY

A aproximadamente 76 km da capital Aracaju, está localizado o município de Santa Luzia do Itanhy, possuindo uma área aproximada de 336,2 km² ela está situada no Litoral sul do estado de Sergipe. (IBGE, 2010). A figura 1 espacializa a localização da cidade.

Figura 1: Localização da cidade de Santa Luzia do Itanhy, SE, Brasil.



Fonte: elaboração própria com o software QGIS.

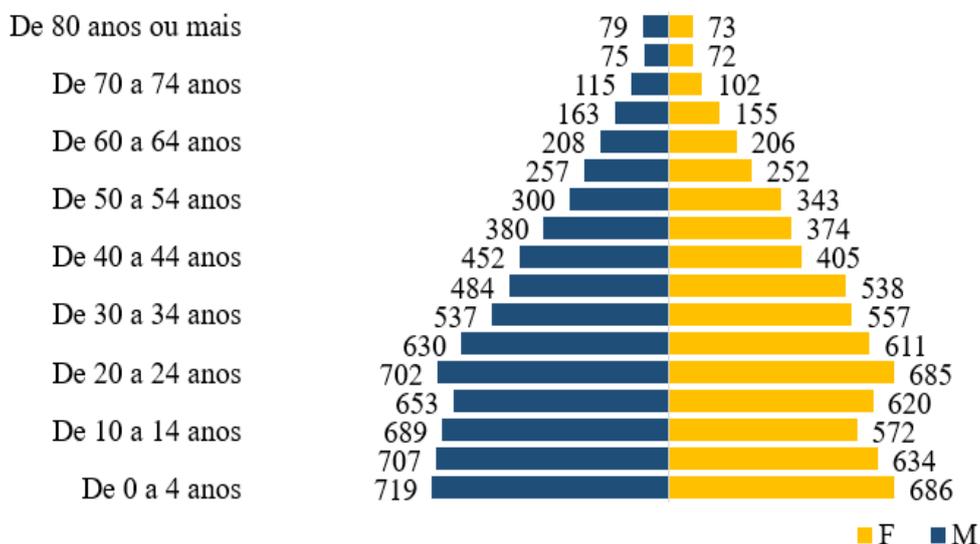
Santa Luzia do Itanhy é uma das cidades mais antigas do estado, sua fundação aconteceu paralelamente às primeiras tentativas de colonização dos portugueses no estado. Em 1575, com a chegada dos primeiros padres, colonos e guerreiros foi fundada a igreja de São Tomé e construídas as primeiras casas para moradia. Em 1698 a aldeia foi promovida a categoria de vila, na época pelo governador da Bahia, levando o nome de Vila Real de Santa Luzia. O Decreto-Lei Estadual n° 69 elevou a vila a categoria de cidade. Em 1948, pelo Decreto-Lei Estadual n° 88 de 25 de novembro, o nome da cidade foi mudado para Santa Luzia do Itanhy; Itanhy era o nome pelo qual os indígenas chamavam o Rio Real. (IBGE, 2010).

Dotado de uma grande diversidade cultural que vem da herança deixada pelos povos que habitaram a região, como: os índios, seus primeiros habitantes; portugueses,

que colonizaram a região; africanos, mão-de-obra utilizada durante a colonização; e a relação da população com o ambiente ao seu redor como o Rio Piauí e a Mata de Castro. Na cidade, ainda se encontram muitos resquícios do período colonial como engenhos de açúcar e a paisagem do município. A cidade tem como determinante cultural mais forte, sua relação com o meio ambiente, mais precisamente, com o Rio Piauí. Este dita todo o ritmo da maioria da população, como o trabalho com barcos de pesca, alimentação, gastronomia e artesanato (DA SILVA e ALEXANDRE, 2018).

No ano de 2019 a cidade registrou um PIB *per capita* de R\$ 11.578,31, ocupando a 48º posição no ranking do PIB *per capita* do estado, e a 3900º posição no ranking nacional. No mesmo ano a cidade tinha uma população estimada de 14.035 habitantes, sendo a maioria jovens, como mostra a figura 2. (IBGE, 2021). Do total de habitantes, apenas 793 estavam empregados formalmente (BRASIL, 2021), dos quais 80,2% estão empregados no setor de administração pública e 12,35% trabalham com agricultura. A principal atividade econômica da cidade é a agropecuária, com a criação de gado leiteiro, e a pesca, representada em sua maioria pela pesca do aratu, principal produto da cidade.

Figura 2: Pirâmide etária de Santa Luzia do Itanhý, 2019



Fonte: Elaborado pela autora com dados do DATASUS (2022).

O índice FIRJAN de desenvolvimento municipal acompanha o desenvolvimento socioeconômico das cidades em três áreas: Emprego e renda; educação e saúde. O índice varia entre 0 e 1, quanto mais perto de 1, maior o desenvolvimento do local: 0 a 0,4 é considerado baixo; 0,4 a 0,6 regular; 0,6 a 0,8 moderado; e 0,8 a 1 alto (FIRJAN,2018).

Na tabela 1 estão descritos os resultados de cada área do índice para a cidade de Santa Luzia do Itanhy, os dados foram retirados do último relatório FIRJAN, com publicação mais recente em 2018 e ano-base 2016.

Tabela 1: Resultados do índice FIRJAN de Santa Luzia do Itanhy – 2016.

Área	Índice FIRJAN	Rank estadual	Rank nacional
Consolidado	0.5438	63°	4832°
Emprego e renda	0.2648	69°	5289°
Saúde	0.6550	37°	4541°
Educação	0.7118	56°	3965°

Fonte: FIRJAN, elaboração da autora.

A partir da observação da tabela podemos verificar que a cidade tem um desempenho moderado em educação e em saúde, ocupando uma posição relativamente boa no rank estadual. Contudo, em emprego e renda a cidade tem um desempenho baixo, ocupando um rank estadual baixo. A população formalmente empregada do município corresponde a 5,65% da população total, das quais 80,2% estão empregadas no setor público, dessa forma entende-se o porquê de tal índice. (BRASIL, 2021). A questão da empregabilidade e da renda no município explicita um pouco da desigualdade presente em SLI. Na qual, a maioria da população vive desempregada, sobrevivendo das atividades praticadas no manguê, sendo muitas vezes privada do acesso a bens e serviços. E, por vezes, ajudando a perpetuar o ciclo de pobreza.

Sabendo que o estado de Sergipe possui 75 municípios, a única área que Santa Luzia do Itanhy realmente tem um bom desempenho, em relação ao ranking estadual, é na Saúde. O índice consolidado, aponta que a cidade tem, no geral, um desempenho regular com uma posição baixa no rank estadual. No rank nacional a cidade também não apresenta uma posição significativa.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo descrever o delineamento metodológico utilizado para a realização da pesquisa. Também é apresentado como foi feita a delimitação da pesquisa, os participantes, os instrumentos e os procedimentos adotados para a análise dos dados coletados. Além das dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem metodológica qualitativa. É caracterizada como descritiva pois tem como objetivo tomar conhecimento da realidade estudada e compreendê-la, sem interferir nela com a intenção de modificá-la, descrevendo as características da população e ou do fenômeno (GIL, 2002). Nessa pesquisa, busca-se descrever o potencial empreendedor dos alunos que participam dos projetos. Já uma pesquisa exploratória tem como objetivo propor maior proximidade com o problema, objetivando torná-lo mais claro e formular hipóteses. Pode-se afirmar que este tipo de pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de ideias ou a descoberta de novas instituições. Em grande maioria, nesse tipo de pesquisa é utilizado o estudo de caso ou a pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

Esta pesquisa utiliza o estudo de caso. Esta é uma estratégia utilizada pelo pesquisador para explorar profundamente um programa ou um fenômeno contemporâneo inserido dentro de um contexto de vida real, quando existe pouca possibilidade de controle dos eventos pesquisados. Essa técnica relaciona casos pelo tempo e pela atividade, os pesquisadores coletam dados utilizando vários procedimentos durante um período de tempo (CRESWELL, 2010; YIN, 2005). Esta pesquisa estuda projetos sociais desenvolvidos pelo IPTI, tratando-se também de um tema parcialmente recente.

A abordagem da pesquisa é qualitativa e quantitativa. Qualitativa, pois pretende-se entender e descrever as experiências dos participantes e identificar a presença ou a falta de algo nos projetos. A abordagem qualitativa implica o compartilhamento das experiências com pessoas, fatos e locais que constituem o objeto de pesquisa. Já a abordagem quantitativa, usa a quantificação das informações desde a coleta até o tratamento dos dados, assim podem ser usadas ferramentas estatísticas para buscar significados e responder às questões da pesquisa (MARCONI e LAKATOS, 2006; CHIZOTTI, 2010).

3.2 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

3.2.1 Ficha cadastral

O primeiro instrumento utilizado na pesquisa foi uma ficha cadastral. Uma das primeiras dificuldades encontradas na pesquisa foi a localização da amostra, ou seja, dos alunos que participaram dos projetos analisados. O instituto não mantinha nenhum controle – como matrícula, lista de presença ou lista de concluintes – dos alunos que passaram pelos projetos. Com a necessidade de encontrar dados, a ficha cadastral foi criada em conjunto com o IPTI como forma de encontrar esses alunos e mapeá-los, beneficiando a pesquisa e o instituto para que, futuramente, caso sejam engajadas novas pesquisas haja dados sobre os alunos. A ficha é composta por perguntas que abrangem desde dados pessoais que serão utilizados apenas pelo instituto a perguntas socioeconômicas que serão usadas na pesquisa.

3.2.2 Escala Likert

A escala Likert é uma das mais utilizadas, principalmente, em pesquisas de opinião para medir atitudes. A escala foi criada em 1932 por Rensis Likert, psicólogo e educador. Esta escala representa o nível de discordância ou concordância do respondente em relação a determinado assunto. Ela é constituída de várias afirmativas agrupadas em construtos, em cada afirmativa além do respondente exprimir concordância ou discordância, também é medida a intensidade da resposta. Em sua versão primária a escala possui um sistema de cinco pontos, sendo eles: 1 – Discordo Totalmente; 2 – Discordo; 3 – Neutro; 4 – Concordo; e 5 – Concordo Totalmente. Contudo, ao passar do tempo o sistema de pontos passou a ser usado de forma variada, à critério do pesquisador, com escalas de 5, 7 e até 11 pontos (OLIVEIRA, 2001; SILVA JÚNIOR e COSTA, 2014).

A utilização da escala Likert é vantajosa pela facilidade de entendimento e aplicação. Por ser organizada de maneira simples e suas respostas serem intuitivas, o respondente pode ler a afirmativa da escala e emitir um grau de concordância, neutralidade ou discordância a partir do ponto que escolher. A escala pode apresentar um pouco mais de complexidade pois o respondente deve preenchê-la pensando em duas dimensões: Conteúdo e intensidade. Ou seja, após ler a afirmativa, o respondente deve entendê-la e, assim, responder em qual intensidade concorda ou discorda da afirmação. Assim, a escala pode apresenta um nível de complexidade cognitiva significativa. Porém, essa dificuldade pode ser parcialmente resolvida considerando os extremos como limites

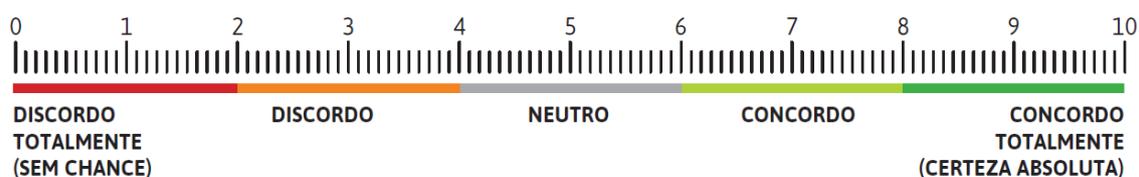
totais de concordância ou discordância, enquanto os níveis intermediários expressam concordância ou discordância parciais, também enfatizando o nível de neutralidade, presente em escalas com pontos ímpares (HODGE e GILLESPIE, 2003; COSTA, 2011; SILVA JÚNIOR e COSTA, 2014).

3.2.3 Escala sobre comportamento empreendedor

Desenvolvida por Santos (2008) na sua tese de doutorado, está dividida em duas partes, intenção de empreender e potencial empreendedor, com o objetivo de mensurá-las por meio de características e traços de personalidade descritos na literatura acerca do tema. A primeira parte tem como objetivo aferir se os indivíduos têm, em algum momento, aspiração de começar ou adquirir um negócio. Na segunda parte estão inseridos os indivíduos da primeira e aqueles que não têm intenção de ter seu próprio negócio, mas possuem características empreendedoras que podem ser importantes na atividade que exercem (SANTOS, 2008).

Trata-se de um teste psicométrico de autorrelato com validade fatorial e consistência interna. É uma escala do tipo Likert com 10 construtos, cada um possui afirmações a serem julgadas em uma escala que varia entre 0 e 10, que vão de discordo totalmente (0) ao concordo totalmente (10), conforme a figura 3.

Figura 3: Representação da escala



Fonte: Adaptada de Santos (2008).

A escala possui 49 afirmativas organizadas em *priming* (introdução para contextualizar cada construto) de acordo com os seguintes construtos: intenção de empreender; controle; eficiência; informações; oportunidades; metas; planejamento; rede de relações; persuasão; e, persistência (SANTOS, 2008). No Quadro 2 são explicadas as atribuições de cada construto.

Quadro 2: Construtos e suas atribuições

Construtos / Qualidades empreendedoras	Descrição
Intenção de empreender	Mostra que o indivíduo tem vontade de abrir um negócio, seja começando-o do zero ou adquirindo um já existente
Oportunidade	Mostra que o indivíduo possui senso de oportunidade, ou seja, que está atento ao que acontece a sua volta, para assim identificar novas oportunidades. Dessa forma, sendo capaz de identificar novas formas de negócios.
Persistência	Demonstra capacidade de se manter firme na realização de seus objetivos e metas, não se deixando abalar pelas dificuldades enfrentadas no percurso. Mas também não confunde persistência com teimosia e sabe admitir a hora que está errado e tentar corrigir seu erro.
Eficiência	Capacidade de fazer suas tarefas de maneira correta, e sempre que possível de forma eficiente, afim de otimizar tempo e custos.
Informações	Capacidade de estar sempre disponível para aprender e demonstrar novos conhecimentos. Possui interesse em e está sempre determinado a aprender sobre tudo acerca da área que atua, e também fora dela.
Planejamento	Capacidade de planejar suas ações para assim alcançar seus objetivos, detalhando tarefas e coordenando a execução das mesmas.
Metas	Mostra determinação, senso de direção e capacidade de estabelecer objetivos e metas, definindo de forma clara onde quer chegar e como chegar aos resultados desejados.
Controle	Capacidade de conduzir a execução dos planos traçados, manter um registro das atividades e sempre que preciso consultando-os para alcançar seus objetivos.
Persuasão	Capacidade de influenciar pessoas para que executem suas tarefas ou na execução de ações que ajudem a alcançar seus objetivos. Capacidade de convencer, motivar e liderar equipes.
Rede de relações	Capacidade de criar rede de relações de forma a se manter em contato com pessoas chaves que podem ajudar na realização de seus objetivos. Estar sempre atento as necessidades das pessoas a sua volta e manter boa relação com as mesmas, sendo essas relações comerciais ou não.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Santos, 2008.

Rocha e Freitas (2014) destacam a importância de uma escala que afira não só a intenção de empreender, mas também o perfil do empreendedor, pois isso pode sanar as limitações de mensurar apenas a intenção de empreender. Outro fator importante é que a escala foi desenvolvida e validada para o contexto brasileiro.

3.2.4 Grupo Focal

O grupo focal representa uma forma de intensificar o acesso a informações sobre um determinado fenômeno, pela possibilidade de criar novas concepções ou pela análise de uma ideia em profundidade. O objetivo principal é revelar concepções, sentimentos, atitudes, e/ou ideias dos participantes sobre o tópico em discussão. A utilização dessa ferramenta permite alcançar diferentes perspectivas acerca de uma mesma questão. Em pesquisas exploratórias o grupo focal tem como objetivos gerar novas hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador (BACKES et al., 2011; LOPES, 2014).

O grupo focal se inicia com a reunião de seis a dez pessoas selecionadas com características homogêneas e que possuam relação com o assunto discutido. O número de pessoas deve ser escolhido de forma que seja estimulada a participação de todos. Pode-se considerar que grupos de seis pessoas são ideais. Em grupos inferiores, as ideias se tornam mais dispersas e há a possibilidade das pessoas mais tímidas se sentirem constrangidas com as mais comunicativas. Grupos com mais de dez pessoas, são mais difíceis de ser gerenciados pelo moderador e podem sair do controle, perdendo o foco da discussão (DIAS, 2000).

Para a condução de uma entrevista com grupo focal devem ser considerados alguns procedimentos: i) Os envolvidos devem ter compartilhado alguma experiência em comum; ii) O pesquisador deve se preparar para a entrevista, de forma a conhecer e ter hipóteses pré-formuladas sobre o tópico discutido; iii) Deve ser desenvolvido um guia para a entrevista, como um roteiro; e iv) A atenção da entrevista deve ser focada nas experiências subjetivas dos participantes. A utilização de grupo focal pressupõe que a interação entre os participantes gera maior diversidade e profundidade das questões abordadas. A composição do grupo resulta em maior produção de informações e maior riqueza de detalhes que em uma entrevista individual (GOMES, 2005; BUSANELLO et al., 2013).

O grupo focal, geralmente, é mais utilizado em pesquisas exploratórias ou avaliativas como técnica principal de coleta de dados, ou técnica auxiliar em pesquisas quantitativas ou qualitativas. Também pode ser utilizado para obter resultados mais específicos na pesquisa, como focalizar a pesquisa com perguntas mais específicas,

subsidiar a elaboração de instrumentos de pesquisa, avaliar um programa ou serviço e desenvolver hipóteses de pesquisa complementares (TRAD, 2009).

3.3 PARTICIPANTES

A população alvo da pesquisa compreendeu dois grupos: Grupo tratado e Grupo controle. O grupo tratado consistiu em adolescentes de SLI que estavam participando ou já concluíram algum dos projetos analisados. Como já dito, um dos problemas enfrentados durante a pesquisa foi a falta de dados cadastrais dos alunos que de alguma forma participaram dos projetos. A ficha cadastral permitiu localizar esses alunos, porém resultou em outra dificuldade. A amostra para pesquisa se revelou muito pequena. Entre concluintes e participantes, ao todo foram localizados 75 alunos.

A amostragem pequena não foi fruto de falha na localização de participantes ou recusa a responder a pesquisa, e sim, da falta de alunos formados pelos três projetos analisados. Os projetos CLOC e Arte Naturalista, que mantêm atividades há mais de 7 anos, apresentaram amostras baixas de concluintes, 26 e 5, respectivamente. Levando em conta que os dois projetos possuem um ciclo de formação de aproximadamente 2 anos⁴, isso significa que dentre 3 ciclos completos de formação poucos alunos efetivamente concluíram a formação, principalmente em relação ao Arte Naturalista. Para o projeto PLOC⁵ foi encontrado apenas 4 concluintes, mas o número baixo pode ser explicado pelo pouco tempo de atuação do projeto, sua primeira turma foi formada em 2019 e, em 2020, a formação foi suspensa em decorrência da pandemia. Os concluintes encontrados encerraram o curso pouco tempo antes da aplicação dos instrumentos.

Foram localizados também os alunos que estão participando dos projetos: 16 do CLOC; 5 do PLOC; e 21 do Arte Naturalista. Em sua maioria, os alunos que estavam participando do projeto já haviam concluído cerca de 60% do total do curso, sendo interrompidos pela pandemia, que como consequência estagnou o andamento das aulas, que foram gradativamente voltando ao normal ao final do ano de 2021. Pelas particularidades da amostra foi escolhido fazer a análise com a junção de alunos que estão

⁴ O programa Arte Naturalista não tem exatamente um tempo estimado de duração, pois segundo o coordenador do projeto não existe um plano de aula ou organização do conteúdo ensinado. Contudo, segundo o mesmo, leva aproximadamente 2 anos para se considerar que um aluno atingiu um nível técnico satisfatório, sendo equivalente a um ciclo de aprendizado.

⁵ O programa PLOC sofre do mesmo problema do Arte Naturalista, não há bem um início e fim da formação. Os alunos são considerados concluintes quando atingem um nível técnico satisfatório.

participando do projeto e os que já concluíram, formando um único grupo de alunos que sofreram intervenção dos projetos.

Para o grupo controle foram selecionados alunos da rede pública de ensino do município de Indiaroba com características semelhantes à do grupo tratado, e que não tivessem contato com atividades que promovam empreendedorismo. Foi escolhido o município de Indiaroba pela proximidade de SLI (22,7 Km de distância) e pelas características socioeconômicas semelhantes. Com a ajuda do secretário de educação do município foram mobilizados 88 adolescentes para a aplicação dos instrumentos. No caso da ficha cadastral, foram excluídas perguntas referentes a dados pessoais dos alunos e deixadas apenas as perguntas de caráter socioeconômico, para a comparação com o grupo tratado.

3.4 COLETA DE DADOS

No período que compreende os meses de agosto, setembro e outubro de 2021, ocorreu a aplicação dos instrumentos nos municípios de SLI e Indiaroba. A primeira aplicação foi realizada em SLI e consistiu em um teste para verificar como os alunos reagiriam aos instrumentos (Ficha cadastral e Escala sobre Comportamento Empreendedor), mensurar o tempo necessário para aplicação dos mesmos e possíveis dúvidas. A partir das observações da aplicação teste foram iniciadas as aplicações aos jovens que participaram dos projetos do instituto. A aplicação ocorreu nos dias 18, 19 e 20 de agosto nos povoados Castro, Cajazeiras e Rua da Palha.

Em decorrência da pandemia foram tomadas todas as medidas sanitárias para a preservação da integridade tanto dos alunos, quanto da pesquisadora. As aplicações ocorreram em turnos, com metade da ocupação das salas utilizadas. Foi disponibilizado aos alunos álcool em gel para higienização e foram distribuídas máscaras aos alunos que não possuíam.

Quanto a aplicação dos instrumentos, primeiro foi feita uma breve apresentação da pesquisa e seus objetivos para os alunos. O primeiro instrumento aplicado foi a ficha cadastral, a qual foi explicado seu motivo, e todas as dúvidas dos alunos foram sanadas antes da aplicação, bem como durante toda a aplicação também foi oferecido suporte para eventuais dúvidas. Logo após, foi aplicado a Escala sobre Comportamento Empreendedor, foi explicado aos alunos do que se tratava a escala, a forma correta de

preenche-la e como utilizar cada ponto da escala. Durante a aplicação também foi oferecido suporte para qualquer dúvida, tanto de preenchimento, quanto de vocabulário.

No mês de setembro, nos dias 21, 22 e 23 foram aplicadas a ficha cadastral adaptada e a escala aos alunos do município de Indiaroba, em escolas municipais. A aplicação ocorreu na Vila Colônia, Distrito Pontal, Colônia Sergipe, Assentamento Sete Brejos e Distrito Serra Caída. A aplicação ocorreu de forma semelhante a SLI, sendo realizada em turnos, mantendo apenas metade da capacidade da sala de aula e foi disponibilizado aos alunos álcool em gel para higienização e máscaras.

Nos dias 27 e 28 de outubro foram feitos os três grupos focais com os alunos selecionados de cada projeto: 6 alunos do CLOC; 4 do Arte Naturalista; e 4 do PLOC. A seleção de alunos para o grupo focal obedeceu a um critério geral: os alunos deveriam ter concluído o ciclo de formação do projeto. Nesse caso, a amostra dos projetos Arte Naturalista e PLOC foram escolhidos por conveniência, pois eram os únicos concluintes disponíveis. O CLOC apresenta um número maior de concluintes, por isso os participantes foram selecionados ao acaso com base em mais dois critérios: i) 3 alunos que faziam parte da startup originada do programa; e ii) 3 alunos que não faziam parte da startup. A aplicação foi feita nos povoados Castro e Rua da Palha. Antes de realizar o grupo focal foi explicado aos alunos do que se tratava e houve um tempo aberto a tirar dúvidas, tanto do critério de seleção da amostra, quanto da forma que o áudio seria analisado. Assim como nas outras aplicações, foi disponibilizado aos alunos álcool em gel e máscaras, e foi respeitada a distância entre os participantes.

3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados com os instrumentos foram tratados da seguinte maneira. Os dados das Fichas cadastrais e da Escala sobre Comportamento Empreendedor foram tabulados no Excel. Após a tabulação, os dados das fichas foram tratados no próprio Excel. Os dados da Escala⁶ foram tratados de três formas, primeiro foi utilizado o software R para análise das respostas com o pacote específico para a análise de Escalas

⁶ A parte de análise da escala Likert abrange apenas os projetos CLOC e Arte Naturalista. Devido a amostra pequena do PLOC, o projeto só será analisado por meio do grupo focal.

Likert. A partir dessa análise foram gerados gráficos para cada construto, os quais apresentam o percentual de respostas de cada afirmativa.

A segunda parte da análise da escala foi feita a partir de duas técnicas semelhantes. As técnicas são descritas a seguir.

3.5.1 Agregativo de Scarpi

O Agregativo de Scarpi foi utilizado para analisar as respostas do grupo tratado correspondente ao projeto CLOC por ter uma amostra maior. A técnica consiste em uma forma de analisar as respostas obtidas com escala Likert. A partir dessa análise é gerado níveis de aderência ou de concordância das afirmativas, bem como de seus construtos. A equação 1 demonstra como o agregativo é calculado:

$$(1) \quad GA_{Scarpi} = 100 \left(\frac{(\sum_i^s q_{ii}) - QT}{(s - 1)QT} \right)$$

na qual s representa a quantidade de construtos na escala e q_i é a quantidade de respostas obtidas para cada ponto da escala Likert e QT corresponde a quantidade total de respostas que foram obtidas em cada afirmativa (MEIRELES, 2020a). O cálculo é feito a partir da montagem de uma matriz na qual a linha corresponde a afirmativa ou construto e as colunas são os pontos da escala, a matriz é preenchida com a quantidade de respostas obtidas para cada afirmativa em cada item. No quadro 3 está exemplificado a forma de obter o Agregativo de Scarpi de cada afirmativa e construto.

Quadro 3: Exemplo do cálculo do Agregativo de Scarpi

Rótulo	Pontos da escala											QT	AGScarpi	Dp	Cp
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10				
	DT	DF	DP	D	DF	N	CF	C	CP	CF	CT				
1º Fator/Construto - Intenção de Empreender															
IE1	2	1	1	2	1	8	5	21	3	16	22	82	75	11	71
IE2	1	2	1	3	1	8	3	21	7	16	19	82	75	12	70
IE3	1	2	2	7	0	15	3	11	7	13	21	82	71	20	63
IE4	1	2	1	9	2	26	7	11	4	10	11	84	62	28	56
IE5	11	3	4	17	3	14	3	11	5	7	7	85	48	45	40
Construto	16	10	9	38	7	71	21	75	26	62	80	415	66	116	300

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa. As afirmativas que correspondem a cada rótulo estão no Anexo A. Itens da escala: DT - Discordo Totalmente; DF - Discordo Fortemente; DP - Discordo Parcialmente; D - Discordo; DF - Discordo Fracamente; N - Neutro; Concorde Fracamente; C - Concorde; CP - Concorde Parcialmente; CF - Concorde Fortemente; CT - Concorde Totalmente.

Dp corresponde a porcentagem de respostas discordantes a afirmativa e Cp corresponde a porcentagem de respostas concordantes a afirmativa. A equação 2 e 3 descrevem o processo de obtenção destes valores

$$(2) \quad Dp = DT + DF + DP + D + DF + 50\%I$$

$$(3) \quad Cp = CT + CF + CP + C + CF + 50\%I$$

Os valores obtidos para o agregativo de Scarpi devem ser analisados conforme o quadro 4.

Quadro 4: Interpretação do Agregativo de Scarpi

Valor de AG	Interpretação
87 - 100	Concordância muito forte
74 - 86	Concordância substancial
61 - 73	Concordância moderada
50 - 60	Concordância baixa
41 - 49	Concordância desprezível
33 - 40	Discordância desprezível
27 - 32	Discordância baixa
19 - 26	Discordância moderada
11 - 18	Discordância substancial
10 - 0	Discordância muito forte

Fonte: adaptado, Meireles (2020a)

3.5.2 Estocástico de Wilder

O Estocástico de Wilder foi utilizado com a amostra do Arte Naturalista. É uma técnica utilizada para analisar as respostas coletadas com escala Likert, assim como o Agregativo de Scarpi. Contudo, o Estocástico de Wilder deve ser usado quando a amostra é baixa $QT < 30$. O estocástico expressa o grau de aderência ou concordância das afirmativas ou construtos da escala. O estocástico pode ser obtido a partir da equação 4

$$(4) \quad GA_{Wilder} = 100 \left(\frac{100}{\frac{Cp}{Dp} + 1} \right)$$

Na qual Cp (equação 2) são as respostas concordantes Dp (equação 3) são as respostas discordantes e 0,5I são 50% das respostas indiferentes. Dessa forma, esse método de análise é dicotômico, já que as respostas são consideradas ou concordantes ou discordantes (MEIRELES, 2020b; FERREIRA JUNIOR, 2014). O cálculo do Estocástico de Wilder, de forma semelhante ao Agregativo de Scarpi, é feito a partir da montagem de uma matriz, como demonstrado no quadro 5

Quadro 5: Exemplo do cálculo do Estocástico de Wilder

Rótulo	Itens da escala											QT	GAWilder	Dp	Cp
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10				
	DT	DF	DP	D	DF	N	CF	C	CP	CF	CT				
1º Fator/Construto - Intenção de Empreender															
IE1	0	0	1	0	0	8	6	2	0	5	21	43	88	5	38
IE2	1	0	1	0	0	6	0	10	3	7	15	43	88	5	38
IE3	0	0	1	1	0	5	0	5	5	4	22	43	90	5	39
IE4	0	1	0	2	0	12	7	5	4	5	7	43	79	9	34
IE5	7	3	1	4	4	8	4	2	2	3	5	43	47	23	20
Construto	8	4	4	7	4	39	17	24	14	24	70	215	78	47	169

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

A obtenção do Dp e do Cp é feita igualmente ao Agregativo de Scarpi, assim como a interpretação de seus valores também é feita a partir do quadro 4.

3.5.3 Grupo focal

A análise do grupo focal começou com a transcrição dos áudios, gerando três arquivos de texto. Foi escolhido para a análise do grupo focal, devido ao pouco conteúdo das entrevistas, usar a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Este tipo de análise se concentra em analisar e compreender os discursos apresentados pelos participantes. Os dados coletados com o grupo focal são qualitativos, por isso sua análise também deve ser qualitativa. Para Lervolino e Pelicioni (2001), a análise do grupo focal pode ser conduzida de duas formas são elas: o sumário etnográfico e a codificação dos dados via análise de conteúdo. O primeiro consiste em apresentar citações textuais dos participantes durante a entrevista que vão representar os principais achados da análise, o segundo, utiliza ênfase numérica de como algumas categorias explicativas apareceram ou não no texto, e em quais contextos isso acontece. Busca-se com a análise do grupo focal fazer com que os dados revelem, de maneira objetiva, como os grupos percebem e se relacionam com o tema da pesquisa. Dessa forma, nessa análise foi utilizado o sumário etnográfico. (CARLINE-COTRIM, 1996).

CAPÍTULO 4 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa. Inicialmente é traçado o perfil socioeconômico da amostra, afim de conhecer os participantes melhor. Em seguida, são apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados com o Questionário sobre Comportamento Empreendedor e o grupo focal. Esta análise está dividida entre os programas analisados, primeiro são apresentados os resultados da escala para o CLOC e o Arte Naturalista. Por último, são descritos resultados da análise do grupo focal para os três projetos.

4.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Os dados socioeconômicos da amostra foram coletados a partir da aplicação da ficha cadastral, tanto do grupo tratado quanto do grupo controle. Nos quadros 6, 7 e 8 estão descritas as principais variáveis.

No quadro 6 estão descritas três variáveis: sexo; cor ou raça; e região de moradia. Quanto ao sexo, a amostra é equilibrada, pois ambas apresentaram que o sexo masculino, em quantidade, é pouco maior que o feminino. Na cor ou raça do grupo tratado, metade da amostra se declarou pardo, seguido por 41% que se declarou preto. No grupo controle, mais da metade da amostra, 56%, se declarou indígena, seguido por 19% que não informou. Quanto a região, tanto no grupo tratado como no grupo controle, a maioria dos participantes residem na área rural, com 92% do grupo tratado e 83% do grupo controle.

Quadro 6: Sexo, cor da pele e região da amostra

Variáveis		Grupos	
		Tratado (n=75) %	Controle (n=88) %
Sexo	Masculino	55%	58%
	Feminino	45%	42%
Cor ou raça	Branco (a)	3%	9%
	Preto (a)	41%	6%
	Pardo (a)	50%	8%
	Amarelo (a)	1%	2%
	Indígena	4%	56%
	NI (Não informado)	1%	19%
Região	Urbana	8%	8%
	Rural	92%	83%
	NI (Não informado)	0%	9%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

O quadro 7 apresenta o nível de escolaridade da amostra. Para o grupo tratado, a maioria dos participantes cursam o ensino médio, 53%, enquanto apenas 19% dos participantes do grupo controle estavam cursando o ensino médio. 23% dos participantes do grupo tratado estavam cursando o fundamental 2 – 6º ao 9º ano – enquanto a maioria do grupo controle cursava o fundamental 2, 76%. No grupo tratado 11% da amostra já havia terminado o ensino médio, enquanto apenas 1% do grupo controle havia o feito.

Quadro 7: Nível de escolaridade da amostra

Variáveis	Grupos	
	Tratado (n=75) %	Controle (n=88) %
Completo	11%	1%
Fundamental 2	23%	76%
Médio	53%	19%
NI (Não informado)	14%	5%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

No quadro 8 é mostrado o nível de escolaridade dos pais dos participantes da amostra. No grupo tratado a maioria dos pais possui ensino fundamental incompleto, 32%, assim como as mães, 24%. No grupo controle esse dado se repete, a maioria dos pais possuem ensino fundamental incompleto, 25%, porém a maioria das mães do grupo controle possuem ensino superior completo, 24%. Chama atenção que na amostra tratado e controle, e na divisão de pais e mães, o número de alunos que não souberam informar a escolaridade dos pais é significativa. Dos pais 31% e 32% do grupo tratado e controle, respectivamente. Já das mães, 20% e 22% do grupo tratado e controle, respectivamente.

Quadro 8: Nível de escolaridade dos pais

Variáveis		Grupos	
		Tratado (n=75) %	Controle (n=88) %
Pai	NI	5%	6%
	Nunca estudou	7%	2%
	EF incompleto	32%	25%
	EF completo, mas EM incompleto	9%	9%
	EM completo, mas ES incompleto	11%	16%
	ES completo	5%	9%
	Não sei	31%	32%
Mãe	NI	4%	3%

Nunca estudou	5%	2%
EF incompleto	24%	22%
EF completo, mas EM incompleto	16%	10%
EM completo, mas ES incompleto	12%	16%
ES completo	19%	24%
Não sei	20%	22%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa. Abreviações: NI - Não Informado; EF - Ensino Fundamental; EM - Ensino Médio; ES - Ensino Superior.

4.2 ESCALA SOBRE COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR

A seguir serão apresentados os gráficos e tabelas resultantes da análise feita com o Questionário sobre Comportamento Empreendedor. São apresentados de forma sistematizada os gráficos e tabelas para cada um dos 10 construtos. No caso dos gráficos é feito a análise do grupo tratado e controle, com os dois gráficos lado a lado. Essa forma de análise foi feita apenas para os projetos CLOC e Arte Naturalista.

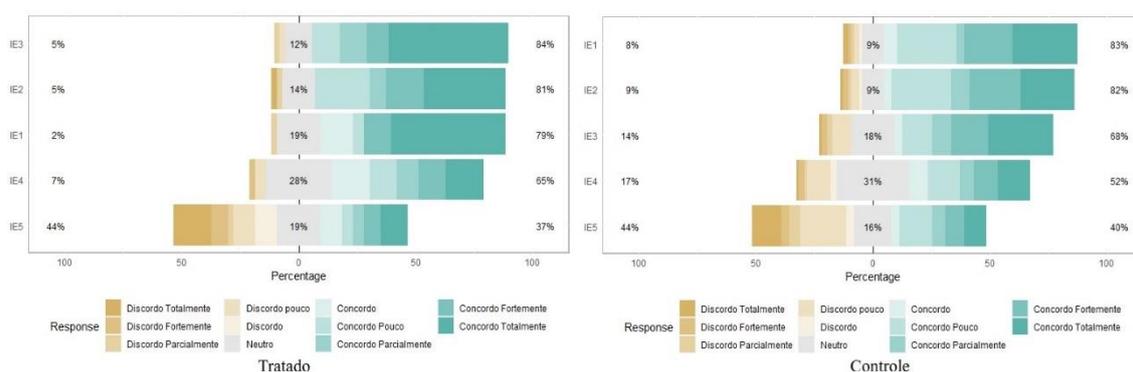
4.2.1 CLOC

A seguir são apresentados os resultados obtidos a partir da análise das repostas ao Questionário sobre comportamento empreendedor para o projeto CLOC.

i. Construto Intenção de empreender

O primeiro construto é o Intenção de empreender, seu objetivo é captar, por meio das afirmativas, se os jovens possuem desejo de adquirir ou abrir seu próprio negócio. A figura 4 compara a porcentagem de respostas de cada ponto, para cada afirmação, entre grupo tratado e controle.

Figura 4: Construto intenção de empreender – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

Visualmente os dois gráficos são bastante parecidos, isso indica que a amostra tratado e controle apresentaram comportamentos semelhantes quanto as respostas, ou que os dois grupos têm pensamentos semelhantes. A afirmativa que obteve mais discordância foi a IE5, referente a ser empregado de outrem, enquanto as outras afirmativas, referentes ao desejo de empreender, acumularam a maioria de respostas positivas.

A tabela 2 apresenta o Agregativo de Scarpi para o construto, mostrando a adesão dos participantes a cada afirmativa. Pode-se perceber que a adesão corrobora com os resultados dos gráficos na figura 4, sendo as perguntas relacionadas a possuir um empreendimento as que detém o maior grau de adesão. No resultado geral do construto, grupo tratado e grupo controle apresentaram concordância moderada às afirmativas.

Tabela 2: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Intenção de empreender – CLOC x Controle

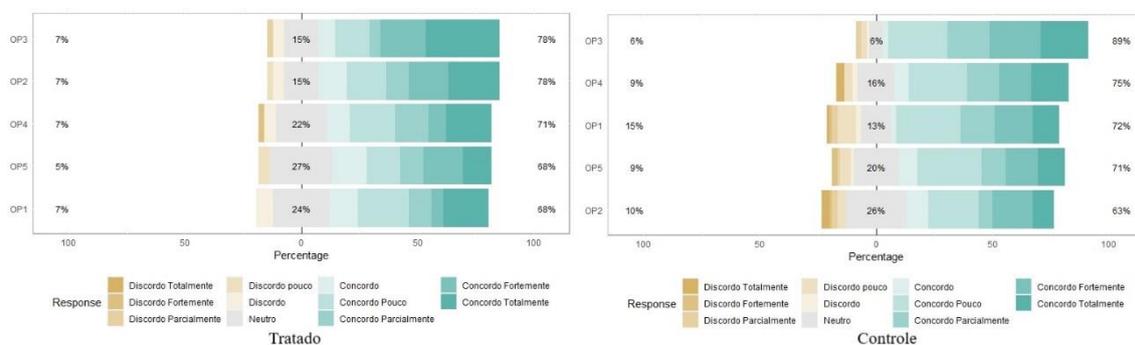
Afirmativas	Rótulo	AGScarpi	
		Tratado	Controle
Com certeza um dia terei meu próprio negócio	IE1	80,70	75,37
Mesmo que eu trabalhe para outrem não abandonarei o desejo de ter meu próprio negócio	IE2	78,84	74,63
Minha maior realização será ter o meu próprio negócio	IE3	83,95	70,73
Ser autoempregado, um empreendedor sempre foi minha aspiração	IE4	67,67	61,90
Pretendo sempre trabalhar como empregado em alguma empresa	IE5	47,44	48,47
Resultado para o Construto	IE	71,72	66,07

Fonte: Elaborada pela autora.

ii. Construto Oportunidade

Este construto fala sobre a abertura dos participantes a coisas novas e o quão eles estão atentos ao mundo ao seu redor. A figura 5 apresenta os resultados para os grupos tratado e controle. Visualmente, percebe-se que o grupo tratado teve maior concordância às afirmativas que o grupo controle; apontando que o grupo tratado possui uma abertura maior as novidades e oportunidades.

Figura 5: Construto Oportunidade – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 3 apresenta o grau de aderência da amostra a cada afirmativa do construto. Percebe-se que há pouca diferença entre os graus de aderência dos dois grupos, mas que a aderência do grupo tratado é ligeiramente maior que a do grupo controle. No geral grupos controle e tratado apresentaram concordância moderada às afirmativas do construto.

Tabela 3: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Oportunidade – CLOC x Controle

Afirmativas	Rótulo	AGScarp	
		Tratado	Controle
Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso	OP1	69,51	68,57
Vivo em estado de alerta para alguma oportunidade que me possa surgir	OP2	74,39	63,29
Creio sinceramente que as oportunidades estão aí para serem identificadas	OP3	77,56	77,53
Gosto de me informar sobre as necessidades das pessoas	OP4	70,49	70,36

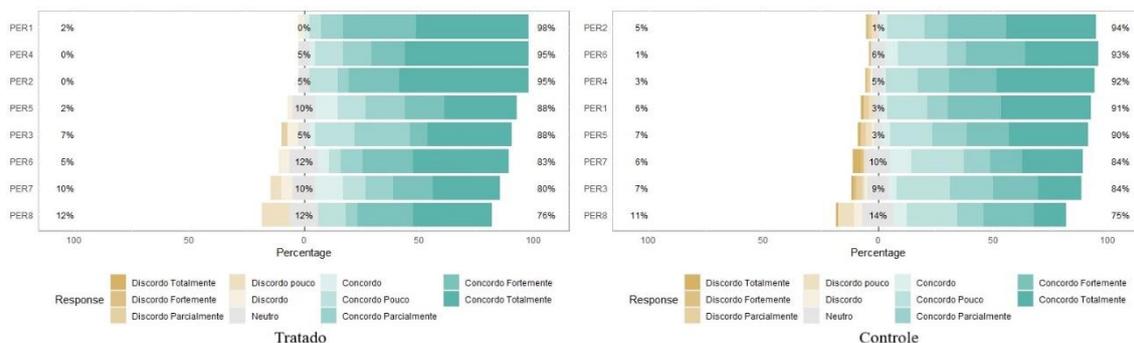
Percebo as necessidades dos outros e como elas podem ser satisfeitas	OP5	69,27	67,83
Resultado para o Construto	OP	72,24	69,49

Fonte: Elaborada pela autora.

iii. Construto Persistência

Este construto fala sobre a motivação e a vontade de continuar em seu caminho, apesar das adversidades. Observando a figura 6, percebe-se que as duas amostras apresentaram comportamentos semelhantes, sendo bem positivos em suas respostas. As respostas apresentadas mostram que os participantes persistem em alcançar seus objetivos, independentemente das dificuldades encontradas.

Figura 6: Construto Persistência – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A análise da tabela 4 mostra que todas as afirmativas desse construto apresentaram grau de aderência significativos, com o grupo tratado apresentando graus ligeiramente maiores que o grupo controle, reafirmando a análise da figura 6. No geral grupos tratado e controle apresentaram concordância substancial às afirmativas do construto.

Tabela 4: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Persistência – CLOC x Controle

Afirmativas	Rótulo	AGScarpí	
		Tratado	Controle
Quando levo um tombo levanto e continuo	PER1	90,98	83,05
Entendo que os obstáculos existem para serem superados	PER2	90,73	84,25
Quando cometo um erro de planejamento, redefino as coisas e vou em frente	PER3	80,98	74,32

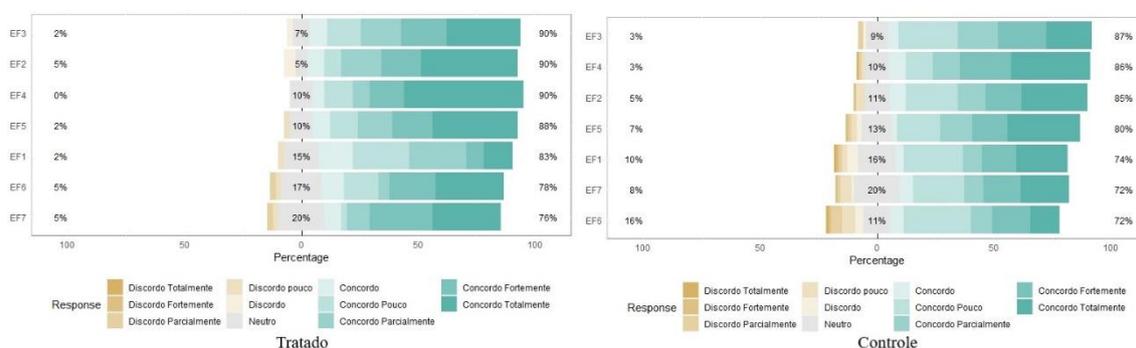
Busco, de forma permanente, atingir meus objetivos	PER4	89,02	85,19
Tenho um rumo traçado e procuro segui-lo, mesmo quando enfrento obstáculos	PER5	80,98	80,25
Encaro o fracasso como fonte de aprendizado para não cometer o mesmo erro novamente	PER6	83,41	82,03
Não me deixo abater pelo fracasso	PER7	76,83	75,66
Não confundo persistência com teimosia e só persisto se vejo chances de sucesso	PER8	78,29	71,08
Resultado para o Construto	PER	83,90	79,43

Fonte: Elaborada pela autora.

iv. Construto Eficiência

Para este construto foram obtidas respostas, em sua maioria, positivas para as afirmativas. Apenas o grupo controle apresentou discordâncias maiores nas afirmativas EF1 e EF6, ambas falam de tomar a iniciativa de fazer suas tarefas e tentar fazê-las de uma maneira eficiente. Como é mostrado na figura 7.

Figura 7: Construto Eficiência – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 5 mostra que as afirmativas desse construto obtiveram grau de aderência positivo significativo, corroborando as informações apresentadas na figura 7. A afirmativa que apresentou o maior grau de aderência está relacionada a gostar de realizar suas tarefas dentro do prazo. Percebe-se que o grau de aderência do grupo tratado é ligeiramente maior que o grupo controle, mas no geral os dois apresentaram concordância substancial às afirmativas do construto.

Tabela 5: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Eficiência – CLOC x Controle

Afirmativas	Rótulo	AGScarpi
-------------	--------	----------

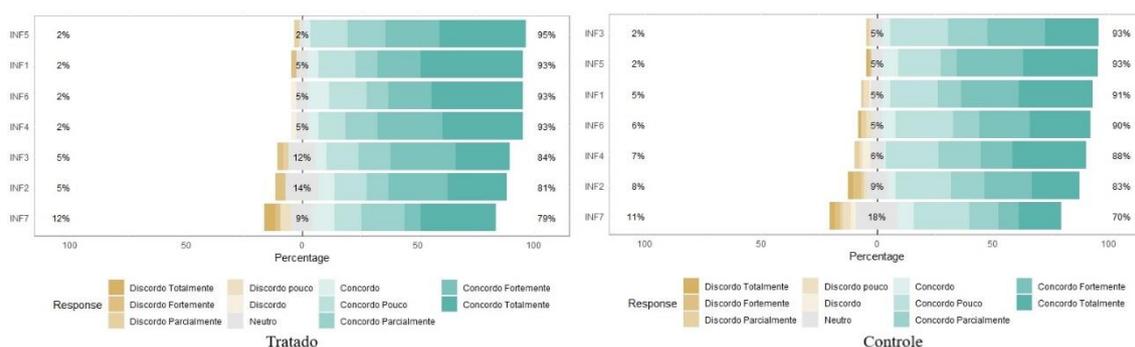
		Tratado	Controle
Se for necessário fazer algo, faço antes que alguém me diga que devo fazê-lo	EF1	72,20	72,29
Gosto de cumprir prazos	EF2	84,39	77,41
Quando é preciso, faço as adaptações necessárias para que as coisas funcionem	EF3	82,20	78,05
Gosto de realizar meus trabalhos de forma correta e dentro dos prazos estabelecidos	EF4	86,59	80,73
Quando é preciso mudar tudo, para ter melhor resultado, mudo	EF5	82,20	78,02
Se eu fizer mais rápido, de forma melhor e com menor custo, saio ganhando	EF6	76,59	67,53
Não preciso que ninguém me cobre para que as coisas sejam feitas corretamente	EF7	78,29	72,05
Resultado para o Construto	EF	80,35	75,10

Fonte: Elaborada pela autora.

v. Construto Informações

Nesse construto, os participantes, em maioria, optaram por respostas positivas para cada afirmativa, como demonstrado na figura 8. Nos dois grupos houveram algumas repostas negativas relacionadas a mesma afirmativa INF7, que fala sobre o desejo de enfrentar novos desafios.

Figura 8: Construto Informações – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 6 mostra que a maioria das afirmativas possuem grau de aderência elevado, reafirmando as informações da figura 8. O grau de aderência ligeiramente menor em relação a afirmativa 7, mostra que embora os alunos prezem por se manter informados, ainda sentem receio sobre encarar novos desafios. Nota-se que o resultado do grupo tratado é ligeiramente maior que o grupo controle. Contudo, no total para o construto, os dois grupos apresentaram concordância substancial às afirmativas.

Tabela 6: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Informações – CLOC x Controle

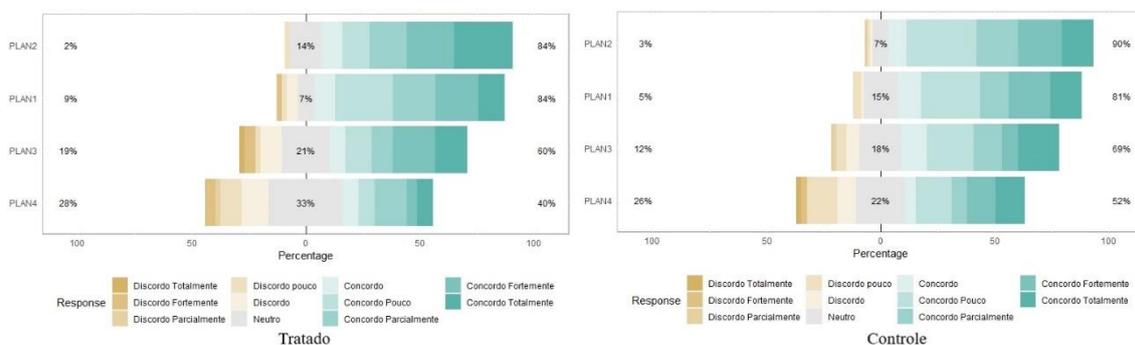
Afirmativas	Rótulo	AGScarp	
		Tratado	Controle
Se preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem como fazer as coisas da melhor forma	INF1	85,12	81,46
Quero saber cada vez mais, pois só assim sairei na dianteira	INF2	77,44	74,17
Procuo estar informado sobre as coisas pertinentes ao que faço	INF3	78,60	80,96
Quando estou em determinado ramo, tenho que aprender tudo sobre ele	INF4	85,35	79,26
O mundo é dinâmico e preciso acompanhá-lo buscando sempre novos conhecimentos	INF5	85,58	82,38
Busco constantemente novos conhecimentos	INF6	83,95	78,92
Tenho ânsia de aprender para poder enfrentar novos desafios	INF7	73,72	68,33
Resultado para o Construto	INF	81,40	77,87

Fonte: Elaborada pela autora.

vi. Construto Planejamento

A figura 9 expressa respostas mistas, tanto concordantes, quanto discordantes. Para os dois grupos as afirmações PLAN1 e PLAN2, que se referem a planejar suas atividades e definir metas, apresentaram respostas positivas. Enquanto as afirmativas PLAN3 e PLAN4, que falam sobre a necessidade de planejamento para que suas ações tenham êxito, apresentam respostas divididas. Com o grupo tratado apresentando uma quantidade de respostas negativas e neutras significativas.

Figura 9: Construto Planejamento – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

O grau de aderência apresentado na tabela 7 reafirma as informações da figura 9. O reconhecimento de que o planejamento é uma atividade importante, entra em conflito com a ideia de que ele é indispensável para uma boa realização das tarefas. Pode-se dizer que, embora eles destaquem a importância do planejamento, ele não seria a parte crucial de se obter sucesso. Nesse construto, grupos tratado e controle se comportaram de forma semelhante e apresentaram, no geral, concordância moderada às afirmativas.

Tabela 7: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Planejamento – CLOC x Controle

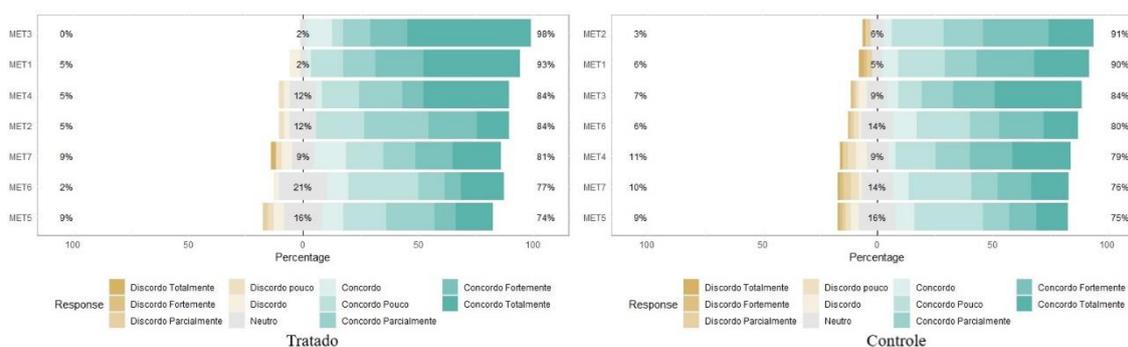
Afirmativas	Rótulo	AGScarp	
		Tratado	Controle
Só sei se estou acertando se tiver um planejamento das minhas atividades	PLAN1	73,02	72,89
Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir	PLAN2	78,84	75,73
Não consigo fazer nada sem um planejamento bem detalhado	PLAN3	65,81	67,68
Quem não consegue planejar suas atividades tende a fracassar	PLAN4	56,05	59,76
Resultado para o construto	PLAN	68,43	69,00

Fonte: Elaborada pela autora.

vii. Construto Metas

Nesse construto, como mostra a figura 10, os respondentes marcaram em sua maioria repostas positivas para as afirmativas, apenas o grupo controle apresentou algumas repostas negativas. Isso mostra que eles valorizam o estabelecimento de metas para se alcançar os objetivos almejados.

Figura 10: Construto Metas – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 8 reafirma as conclusões anteriores, pois a maioria das afirmativas possuem grau de aderência elevados, com destaque para a MET1 no grupo tratado e MET3 no grupo controle. Pode-se presumir que os respondentes possuem uma visão clara de onde querem chegar e o que querem conquistar. O grupo tratado apresentou resultados ligeiramente maiores que o controle, mas no geral os dois grupos apresentaram concordância substancial às afirmativas.

Tabela 8: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Metas – CLOC x Controle

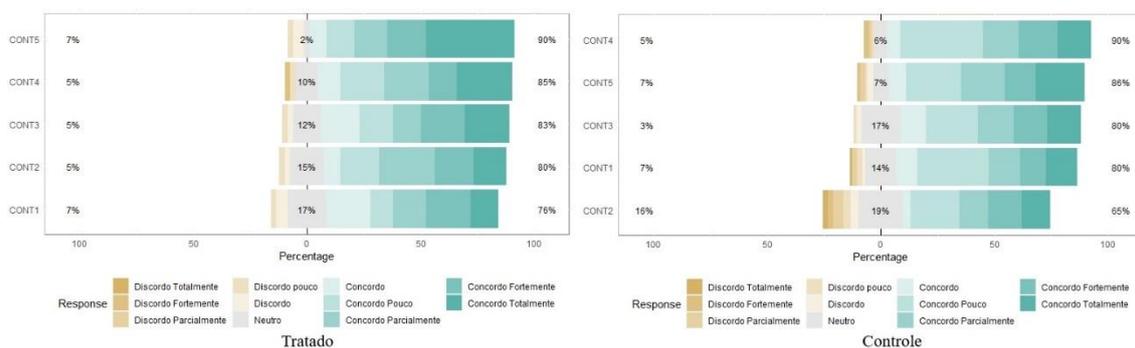
Afirmativas	Rótulo	AGScarpi	
		Tratado	Controle
Sei onde pretendo chegar e o quanto pretendo alcançar	MET1	86,05	78,17
Sei que posso definir meus rumos de curto, médio e longo prazo	MET2	77,21	79,39
Tenho convicção que vou alcançar meus objetivos e metas	MET3	88,84	80,95
Sei determinar claramente quais são meus objetivos e metas	MET4	80,70	75,78
O que pretendo alcançar está claramente definido	MET5	71,16	69,16
Sou capaz de traçar um rumo e estabelecer os ganhos que vou ter no final	MET6	72,33	72,77
Gosto de estabelecer objetivos e metas para me sentir desafiado	MET7	73,72	70,83
Resultado para o construto	MET	78,57	75,28

Fonte: Elaborada pela autora.

viii. Construto Controle

A figura 11 demonstra que os grupos tratado e controle apresentaram, em maioria, resultados parecidos. Em ambos, predominou concordância às afirmativas. Apenas a CONT2 do grupo controle apresentou discordância significativa. A partir da tabela 9 também se pode observar o mesmo comportamento. Presume-se que os respondentes acham importante ter controle sobre suas atividades, como fazer registros e anotações. No grupo controle, diferente do grupo tratado, embora eles sinalizem que controle é importante, eles não costumam colocá-lo em prática.

Figura 11: Construto Controle – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

No geral o grupo tratado apresentou resultados relativamente maiores que o grupo controle, em especial na afirmativa CONT5, sobre controle das atividades realizadas. No resultado total do construto, o grupo tratado apresentou concordância substancial às afirmativas, enquanto o grupo controle apresentou concordância moderada.

Tabela 9: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Controle – CLOC x Controle

Afirmativas	Rótulo	AGScarpi	
		Tratado	Controle
Consulto meus registros antes de tomar decisões	CON1	71,22	70,94
Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações	CON2	74,88	65,60
Meus controles me auxiliam na revisão de meus planos	CON3	75,12	73,01
Vejo o planejamento como um guia para controlar as minhas ações	CON4	76,34	74,51
Costumo verificar se as coisas estão acontecendo como planejei	CON5	82,93	75,60
Resultado para o construto	CON	76,10	71,91

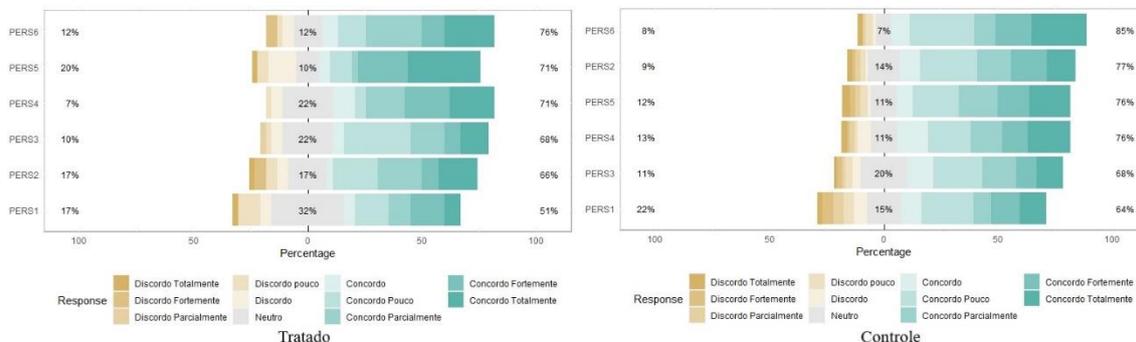
Fonte: Elaborada pela autora

ix. Construto Persuasão

A partir da figura 12 percebe-se que as repostas às afirmativas desse construto foram um pouco mais diversificadas. O grupo tratado apresentou, em sua maioria, repostas positivas, mas as afirmativas PERS1, PERS2 e PERS5 – relacionadas a capacidade de convencer e motivar as pessoas a fazer suas tarefas – apresentaram repostas neutras e negativas significativas. Enquanto no grupo controle, as afirmativas PERS1,

PERS3 – relacionadas a motivar as pessoas – apresentaram repostas neutras e negativas significativas.

Figura 12: Construto Persuasão – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 10 mostra que as afirmativas desse construto possuem graus de aderência medianos, corroborando com as informações da figura 12. Isso mostra que os respondentes se sentem divididos quanto a sua capacidade de motivar e liderar uma equipe para atingir objetivos. No geral, o grupo tratado apresentou grau de aderência maior que o controle, mas no total do construto ambos grupos tiveram concordância moderada.

Tabela 10: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Persuasão – CLOC x Controle

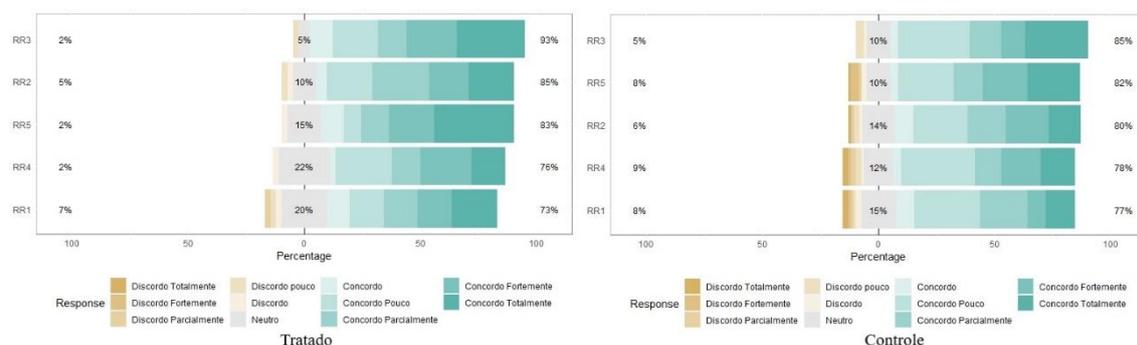
Afirmativas	Rótulo	AGScarpi	
		Tratado	Controle
Tenho formas de convencer as pessoas a mudarem de opinião	PERS1	62,20	61,57
Posso convencer pessoas a superar conflitos e atuar em equipe objetivando alcançar determinado resultado	PERS2	66,83	69,88
Sei quais as palavras e ações adequadas para estimular as pessoas	PERS3	68,05	65,71
Sou capaz de estimular as pessoas a realizarem tarefas para as quais estão desmotivadas	PERS4	73,66	69,40
Sei que sou capaz de liderar uma equipe e atingir metas	PERS5	74,39	70,35
Ajo de forma a motivar as pessoas e manter alto o moral em qualquer situação	PERS6	72,44	75,00
Resultado para o construto	PERS	69,59	68,65

Fonte: Elaborada pela autora.

x. Construto Rede de relações

Visualmente os dois grupos apresentaram comportamentos semelhantes quanto as respostas, conforme mostra a figura 13. Tanto o grupo tratado, quanto o controle apresentam maioria de repostas positivas. Contudo, o grupo controle apresentou uma parcela de repostas neutras e negativas mais significativas.

Figura 13: Construto Rede de relações – CLOC x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 11 mostra que os grupos tratado e controle apresentaram grau de aderência significativos para as afirmativas. A partir disso, pode-se dizer que os respondentes prezam por manter relações amistosas com as pessoas ao seu redor, tanto para fins de boa convivência, quanto para fins profissionais. No resultado para o construto o grupo tratado apresentou concordância substancial às afirmativas, enquanto o grupo controle apresentou concordância moderada.

Tabela 11: Agregativo de Scarpi para as afirmativas do Construto Rede de relações – CLOC x Controle

Afirmativas	Rótulo	AGScarpi	
		Tratado	Controle
Sou capaz de estabelecer rede de relações e utilizá-la para alcançar meus propósitos	RR1	72,44	69,65
Procuro manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações	RR2	77,56	72,63
Procuro estabelecer uma boa rede de relacionamentos com conhecidos, amigos e pessoas que possam me ser úteis	RR3	81,46	76,30
Sempre que posso procuro atender as solicitações que me fazem as pessoas de minha rede de relações	RR4	74,63	70,85
Tenho como manter contato fácil com as pessoas de minha rede de relações	RR5	80,73	75,29
Resultado para o construto	RR	77,37	72,93

Fonte: Elaborada pela autora.

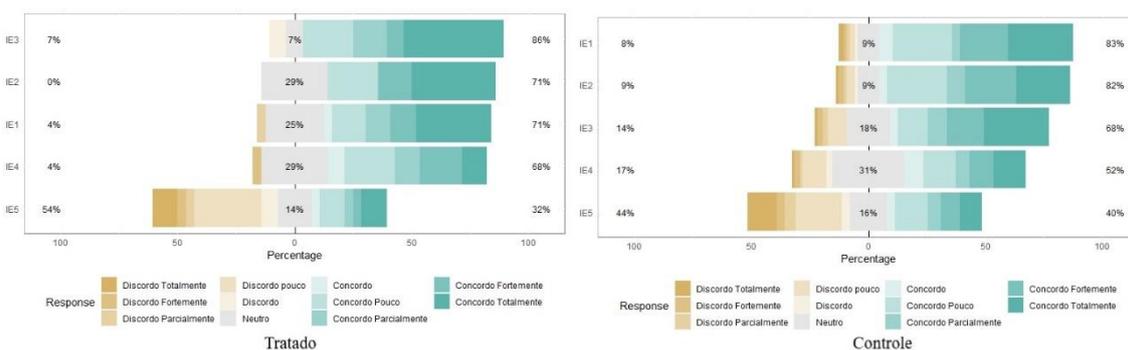
4.2.2 Arte Naturalista

A seguir são apresentados os resultados obtidos a partir da análise das repostas ao Questionário sobre comportamento empreendedor para o projeto Arte Naturalista.

i. Construto Intenção de empreender

A partir da figura 14 pode-se perceber que, visualmente, o grupo tratado apresentou respostas relativamente melhores que o grupo controle. O grupo tratado apresentou um número de respostas positivas maior que o grupo controle, o tratado também apresentou uma quantidade de respostas neutras significativas. Na última afirmativa do construto, ambos os grupos apresentaram repostas negativas maiores que positivas, essa afirmativa se refere a ser empregado de outrem.

Figura 14: Construto Intenção de empreender – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 12 mostra o grau de concordância da amostra de cada afirmativa do construto. Conforme a imagem 14, os resultados da tabela mostram que os participantes emitiram grau de concordância elevado para as afirmativas, exceto pela IE5, esta possui grau de discordância maior. No resultado geral para o construto o grupo tratado mostrou concordância substancial, enquanto o controle apresentou concordância moderada.

Tabela 12: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Intenção de empreender – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Com certeza um dia terei meu próprio negócio	IE1	83,93	86,59
Mesmo que eu trabalhe para outrem não abandonarei o desejo de ter meu próprio negócio	IE2	85,71	85,37

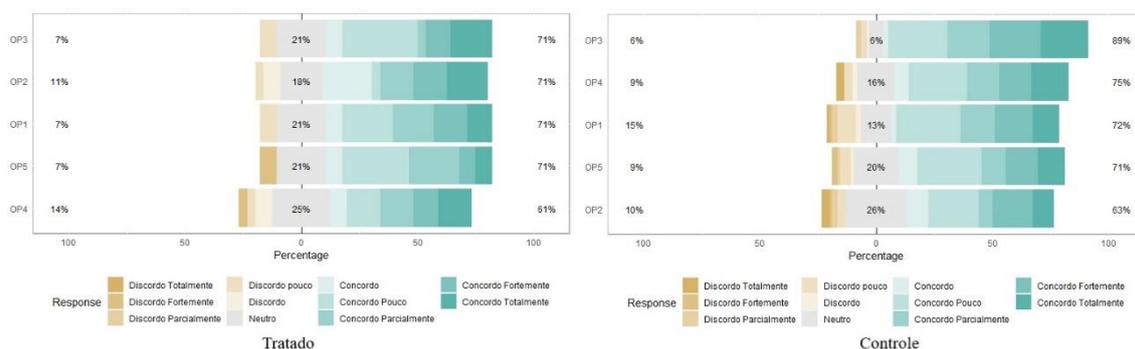
Minha maior realização será ter o meu próprio negócio	IE3	89,29	76,22
Ser autoempregado, um empreendedor sempre foi minha aspiração	IE4	82,14	66,67
Pretendo sempre trabalhar como empregado em alguma empresa	IE5	39,29	47,06
Resultado para o Construto	IE	76,07	72,17

Fonte: Elaborada pela autora.

ii. Construto Oportunidade

Neste construto, conforme mostra a figura 15, pode-se perceber que ambos grupos possuem um comportamento semelhante, com a maioria de respostas positivas para as afirmativas. Contudo, o grupo tratado apresenta poucas repostas negativas. As respostas neutras também foram significativas para ambos os grupos. Pode-se dizer que os participantes estão abertos a novas experiências e oportunidades.

Figura 15: Construto Oportunidade – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 13 mostra que o grau de concordância das afirmativas foi alto, concentrando seus resultados acima de 73, que indica concordâncias substanciais e muito fortes. Os resultados reafirmam as informações da figura 15. No resultado geral para o construto ambos os grupos apresentaram concordância substancial.

Tabela 13: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Oportunidade – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso	OP1	82,14	78,57
Vivo em estado de alerta para alguma oportunidade que me possa surgir	OP2	80,36	75,00

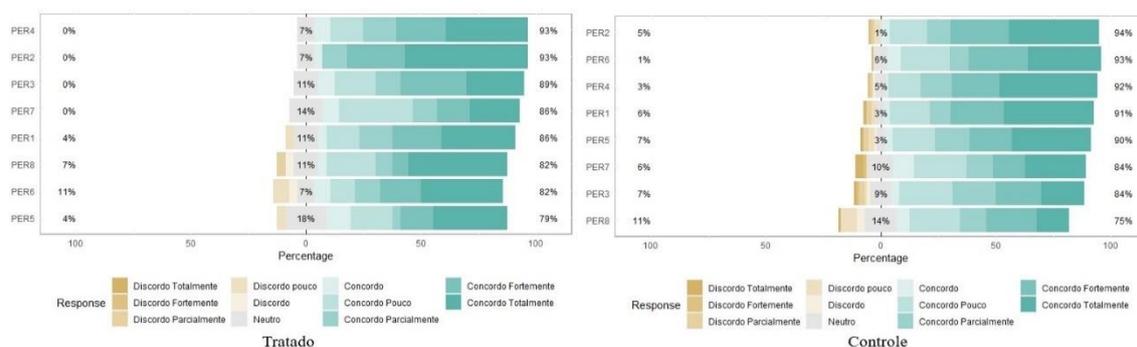
Creio sinceramente que as oportunidades estão aí para serem identificadas	OP3	82,14	90,74
Gosto de me informar sobre as necessidades das pessoas	OP4	73,21	82,53
Percebo as necessidades dos outros e como elas podem ser satisfeitas	OP5	82,14	80,12
Resultado para o Construto	OP	80,00	81,36

Fonte: Elaborada pela autora.

iii. Construto Persistência

Nesse construto, percebe-se que o nível de concordância às afirmativas foi alto, com as respostas concentradas, como mostra a figura 16. O construto contou com poucas respostas neutras e discordantes e ambos os grupos apresentaram comportamentos semelhantes.

Figura 16: Construto Persistência – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 14 corrobora com os resultados observados na figura 16. As afirmativas do construto acumularam graus de aderência acima de 80 indicando concordâncias substanciais ou muito fortes. No resultado para o construto ambos grupos apresentaram concordância muito forte.

Tabela 14: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Persistência – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Quando levo um tombo levanto e continuo	PER1	91,07	92,07
Entendo que os obstáculos existem para serem superados	PER2	96,43	94,38
Quando cometo um erro de planejamento, redefino as coisas e vou em frente	PER3	94,64	87,65

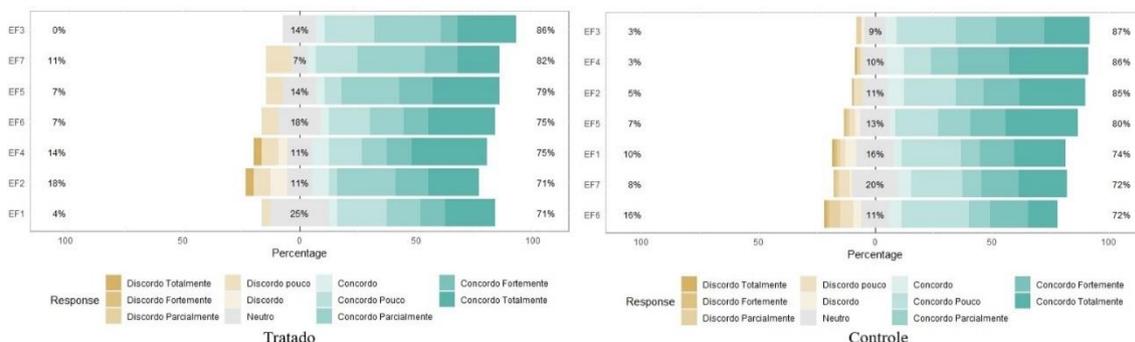
Busco, de forma permanente, atingir meus objetivos	PER4	96,43	94,44
Tenho um rumo traçado e procuro segui-lo, mesmo quando enfrento obstáculos	PER5	87,50	90,63
Encaro o fracasso como fonte de aprendizado para não cometer o mesmo erro novamente	PER6	85,71	95,57
Não me deixo abater pelo fracasso	PER7	92,86	89,76
Não confundo persistência com teimosia e só persisto se vejo chances de sucesso	PER8	87,50	80,72
Resultado para o Construto	PER	91,52	90,60

Fonte: Elaborada pela autora.

iv. Construto Eficiência

A figura 17 mostra que nesse construto os participantes, em ambos os grupos, responderam em maioria respostas concordantes às afirmativas. O grupo tratado teve um pouco de discordância nas afirmativas EF2 e EF4, assim como apresentou respostas neutras significativas a EF1. Essas afirmativas falam sobre realizar suas tarefas e cumprir prazos. O grupo controle apresentou mais resposta discordantes, especialmente nas afirmativas EF6 e EF1 que também falam sobre cumprir prazos e realização de tarefas.

Figura 17: Construto Eficiência – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 15 mostra que o grau de aderência a cada afirmativa variou de concordância substancial a muito forte. Isso reafirma o que foi observado na figura 17. Pode-se dizer que os participantes se consideram eficientes em realizar suas tarefas e em cumprir prazos estabelecidos. No resultado para o construto ambos os grupos apresentaram concordância substancial.

Tabela 15: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Eficiência – Arte Naturalista x Controle

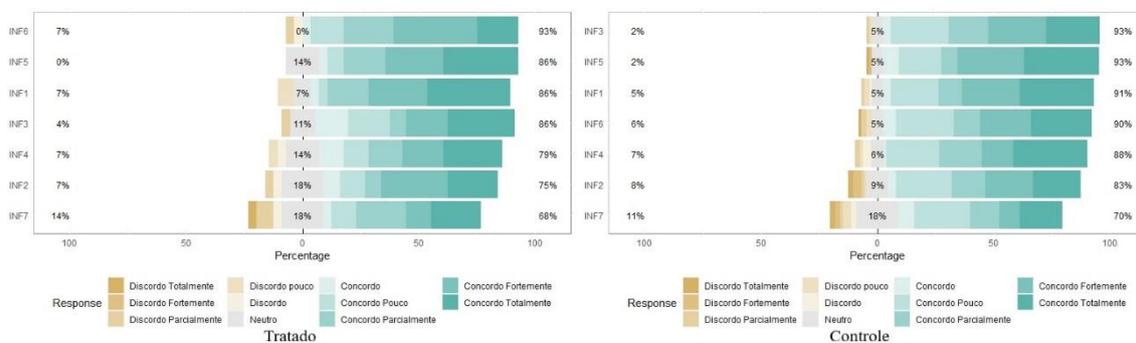
Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Se for necessário fazer algo, faço antes que alguém me diga que devo fazê-lo	EF1	83,93	81,33
Gosto de cumprir prazos	EF2	76,79	90,12
Quando é preciso, faço as adaptações necessárias para que as coisas funcionem	EF3	92,86	92,07
Gosto de realizar meus trabalhos de forma correta e dentro dos prazos estabelecidos	EF4	80,36	91,46
Quando é preciso mudar tudo, para ter melhor resultado, mudo	EF5	85,71	87,04
Se eu fizer mais rápido, de forma melhor e com menor custo, saio ganhando	EF6	83,93	77,65
Não preciso que ninguém me cobre para que as coisas sejam feitas corretamente	EF7	85,71	81,93
Resultado para o Construto	EF	84,18	85,88

Fonte: Elaborada pela autora.

v. Construto Informações

As repostas para esse construto se concentraram em concordantes tanto no grupo tratado quanto no grupo controle, conforme a figura 18. Os dois grupos também apresentaram, nas afirmativas INF2 e INF7, repostas neutras e negativas significativas; essas afirmativas se referem a adquirir informações para assim poder sair na frente e obter alguma vantagem em suas jornadas.

Figura 18: Construto Informações – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 16 mostra que o grau de aderência às afirmativas está entre concordâncias substanciais e muito fortes. Isso mostra que os participantes prezam por se manter informados sobre o mundo a sua volta e, principalmente, sobre novas informações e oportunidades relacionadas ao que eles fazem. No resultado para o construto os dois grupos apresentaram concordância muito forte.

Tabela 16: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Informações – Arte Naturalista x Controle

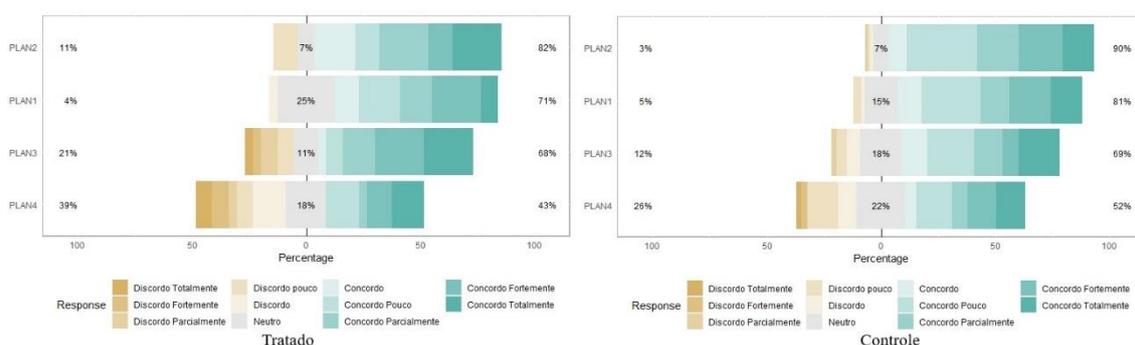
Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Se preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem como fazer as coisas da melhor forma	INF1	89,29	92,68
Quero saber cada vez mais, pois só assim sairei na dianteira	INF2	83,93	86,90
Procuro estar informado sobre as coisas pertinentes ao que faço	INF3	91,07	95,18
Quando estou em determinado ramo, tenho que aprender tudo sobre ele	INF4	85,71	89,51
O mundo é dinâmico e preciso acompanhá-lo buscando sempre novos conhecimentos	INF5	92,86	95,63
Busco constantemente novos conhecimentos	INF6	92,86	92,17
Tenho ânsia de aprender para poder enfrentar novos desafios	INF7	76,79	79,76
Resultado para o Construto	INF	87,50	90,21

Fonte: Elaborada pela autora.

vi. Construto Planejamento

O construto planejamento apresentou respostas semelhantes para o grupo tratado e o grupo controle, conforme a figura 19. As duas primeiras afirmativas, PLAN1 e PLAN2 apresentaram a maioria de respostas concordantes. Já as afirmativas PLAN3 e PLAN4 apresentaram, principalmente no grupo tratado, respostas negativas e neutras significativas, em especial a PLAN4.

Figura 19: Construto Planejamento – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

A tabela 17 mostra que o grau de concordância das afirmativas está entre substancial e muito forte. Apenas a afirmativa PLAN4, referente a planejar suas atividades para evitar contratempos, apresenta grau concordância baixa; sobretudo no grupo tratado, corroborando com as interpretações a partir da figura 19. Pode-se dizer que os participantes, embora valorizem o planejamento, não o acham um fator determinante para evitar o fracasso. No resultado do construto o grupo tratado apresentou concordância moderada, enquanto o grupo controle apresentou concordância substancial.

Tabela 17: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Planejamento – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Só sei se estou acertando se tiver um planejamento das minhas atividades	PLAN1	83,93	87,95
Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir	PLAN2	85,71	92,68
Não consigo fazer nada sem um planejamento bem detalhado	PLAN3	73,21	77,44
Quem não consegue planejar suas atividades tende a fracassar	PLAN4	51,79	60,84
Resultado total do construto	PLAN	73,66	79,70

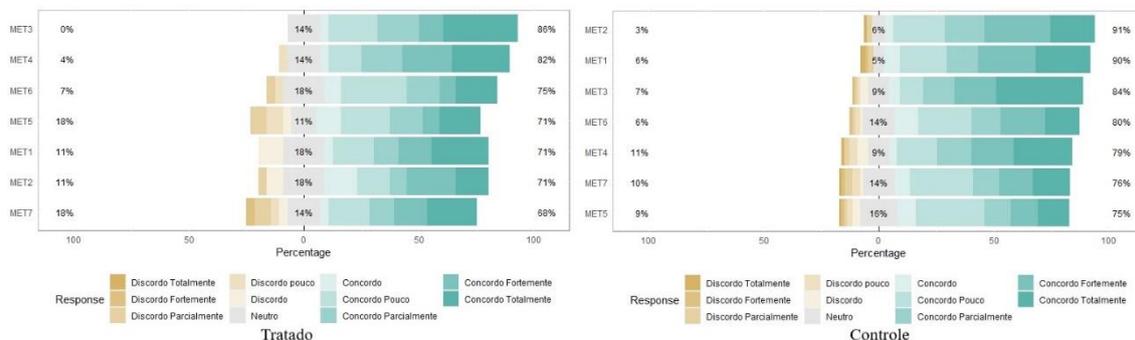
Fonte: Elaborada pela autora.

vii. Construto Metas

Nesse construto pode-se observar que a maior parte das respostas às afirmativas foram concordantes, tanto para o grupo controle quanto para o grupo tratado, conforme a figura 20. A porcentagem de repostas neutras se manteve constante nesse construto. O grupo tratado apresentou um número significativo de respostas negativas, principalmente,

nas afirmativas MET5 e MET7, que falam sobre estabelecer metas e se sentir desafiados a alcançá-las.

Figura 20: Construto Metas – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

O grau de concordância às afirmativas se manteve entre concordância substancial e muito forte, como mostra tabela 18. Embora a diferença seja mínima, o grupo controle manteve um grau de concordância maior que o grupo tratado nesse construto. No resultado para o construto o grupo tratado apresentou concordância moderada, enquanto o controle concordância substancial.

Tabela 18: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Metas – Arte Naturalista x Controle

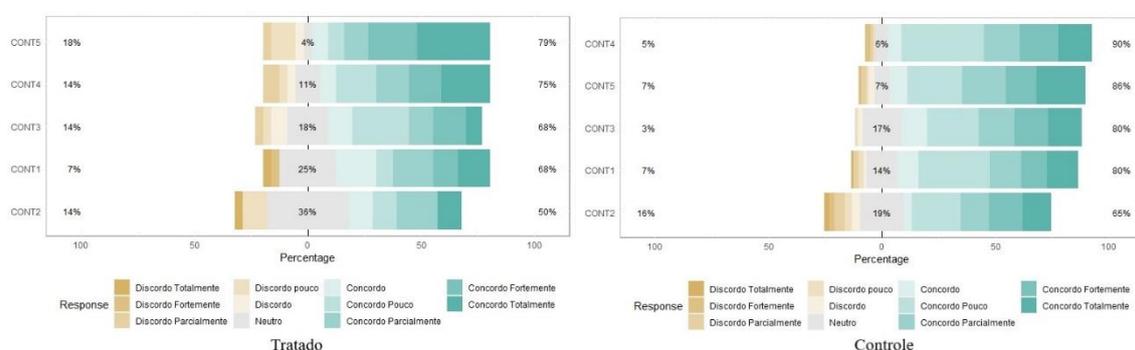
Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Sei onde pretendo chegar e o quanto pretendo alcançar	MET1	80,36	92,07
Sei que posso definir meus rumos de curto, médio e longo prazo	MET2	80,36	93,29
Tenho convicção que vou alcançar meus objetivos e metas	MET3	92,86	88,69
Sei determinar claramente quais são meus objetivos e metas	MET4	89,29	83,73
O que pretendo alcançar está claramente definido	MET5	76,79	82,53
Sou capaz de traçar um rumo e estabelecer os ganhos que vou ter no final	MET6	83,93	86,75
Gosto de estabelecer objetivos e metas para me sentir desafiado	MET7	75,00	83,33
Resultado para o construto	MET	82,65	87,18

Fonte: Elaborada pela autora.

viii. Construto Controle

Nesse construto as repostas às afirmativas se mantiveram, em maior parte, positivas, tanto para o grupo tratado quanto para o grupo controle, como mostra a figura 21. As repostas neutras apresentaram um número significativo em especial na afirmativa CONT2 no grupo tratado. Essa afirmativa fala sobre manter anotações e registros das ações realizadas. No grupo controle, essa mesma afirmativa, apresentou algumas respostas negativas. O grupo tratado apresentou mais repostas negativas que o grupo controle nesse construto, principalmente a afirmativa CONT2.

Figura 21: Construto Controle – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

O grau de concordância às afirmativas se concentrou em substancial e muito forte, conforme mostra a tabela 19. Apenas a afirmativa CONT2 apresentou grau de concordância moderado. Isso pode significar que, ainda que os participantes achem o controle necessário para realizar suas atividades, eles não costumam fazê-lo. No resultado para o construto ambos os grupos apresentaram concordância substancial.

Tabela 19: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Controle – Arte Naturalista x Controle

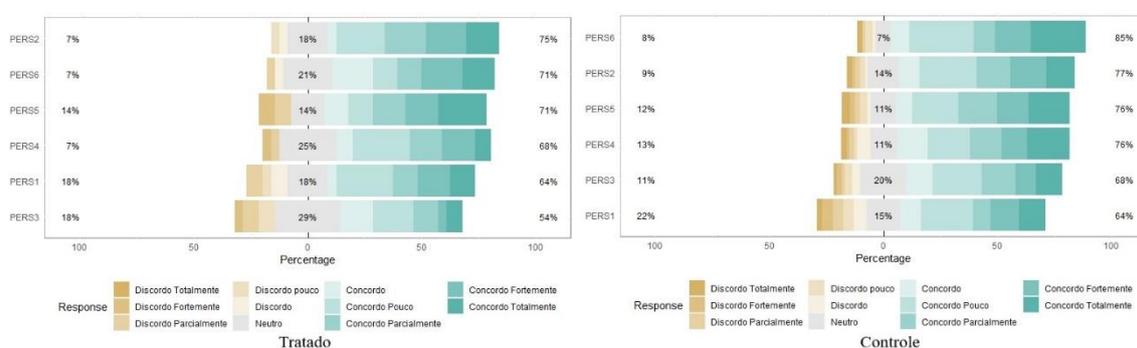
Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Consulto meus registros antes de tomar decisões	CON1	80,36	86,47
Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações	CON2	67,86	73,21
Meus controles me auxiliam na revisão de meus planos	CON3	76,79	87,95
Vejo o planejamento como um guia para controlar as minhas ações	CON4	80,36	92,07
Costumo verificar se as coisas estão acontecendo como planejei	CON5	80,36	89,29
Resultado para o construto	CON	77,14	85,77

Fonte: Elaborada pela autora.

ix. Construto Persuasão

Observa-se que as respostas às afirmativas desse construto se concentraram em positivas, como mostra a figura 22. O grupo tratado apresentou repostas neutras e negativas significativas em todas as afirmativas, principalmente a PERS3, que se refere a motivar pessoas. O grupo controle apresentou um comportamento similar nessa mesma afirmativa.

Figura 22: Construto Persuasão – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

O grau de concordância das afirmativas, apresentado na tabela 20, manteve-se entre concordância moderada e substancial. Os grupos tratado e controle apresentaram comportamentos similares, o grau de concordância e a porcentagem de respostas às afirmativas mostram que os participantes não se sentem muito confiantes em incentivar pessoas a realizar tarefas ou em sua capacidade de solucionar problemas. No resultado para o construto, os grupos tratado e controle apresentaram concordância substancial.

Tabela 20: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Persuasão – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder	
		Tratado	Controle
Tenho formas de convencer as pessoas a mudarem de opinião	PERS1	73,21	69,88
Posso convencer pessoas a superar conflitos e atuar em equipe objetivando alcançar determinado resultado	PERS2	83,93	83,93
Sei quais as palavras e ações adequadas para estimular as pessoas	PERS3	67,86	77,98

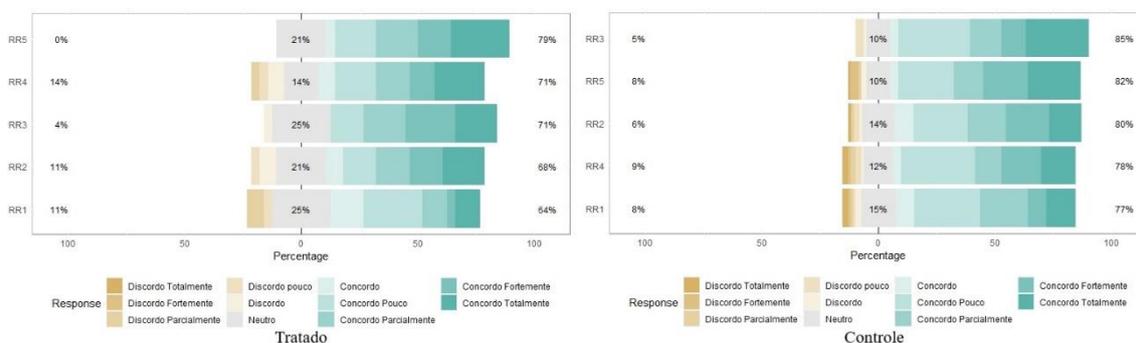
Sou capaz de estimular as pessoas a realizarem tarefas para as quais estão desmotivadas	PERS4	80,36	80,95
Sei que sou capaz de liderar uma equipe e atingir metas	PERS5	78,57	81,40
Ajo de forma a motivar as pessoas e manter alto o moral em qualquer situação	PERS6	82,14	88,41
Resultado para o construto	PERS	77,68	80,42

Fonte: Elaborada pela autora.

x. Construto Rede de relações

Pode-se observar na figura 23 que os grupos tratado e controle apresentaram comportamentos um pouco distintos, embora visualmente semelhantes. Nesse construto o grupo controle apresentou uma quantidade maior de respostas positivas as afirmativas, assim como poucas respostas neutras e negativas. Já o grupo tratado, mostrou um número menor de respostas positivas, um número considerável de repostas neutras e poucas negativas.

Figura 23: Construto Rede de relações – Arte Naturalista x Controle



Fonte: Elaborada pela autora utilizando o software R.

O grau de concordância às afirmativas se manteve entre substancial e muito forte, conforme mostra a tabela 21. Embora a diferença seja mínima, é possível notar que nesse construto o grupo controle apresentou grau de concordância maior que o grupo tratado. Isso mostra que o grupo tratado, em relação ao controle, sente mais dificuldade em estabelecer relações com as pessoas a sua volta. No resultado para o construto ambos os grupos apresentaram concordância substancial.

Tabela 21: Estocástico de Wilder para as afirmativas do Construto Rede de relações – Arte Naturalista x Controle

Afirmativas	Rótulo	GAWilder
-------------	--------	----------

		Tratado	Controle
Sou capaz de estabelecer rede de relações e utilizá-la para alcançar meus propósitos	RR1	76,79	84,71
Procuo manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações	RR2	78,57	86,25
Procuo estabelecer uma boa rede de relacionamentos com conhecidos, amigos e pessoas que possam me ser úteis	RR3	83,93	89,51
Sempre que posso procuro atender as solicitações que me fazem as pessoas de minha rede de relações	RR4	78,57	83,54
Tenho como manter contato fácil com as pessoas de minha rede de relações	RR5	89,29	87,06
Resultado para o construto	RR	81,43	86,20

Fonte: Elaborada pela autora.

4.3 GRUPO FOCAL

A seguir serão apresentados os resultados obtidos por meio da análise dos grupos focais realizados com os três projetos. Para facilitar a análise, as perguntas do roteiro do grupo focal foram divididas em cinco categorias. A divisão foi feita de acordo com o tema que as perguntas abordam. As categorias são descritas a seguir:

1º categoria: Motivação – expressa a motivação para participar dos projetos e como foi a experiência. Abrange as perguntas 1 e 2.

2º categoria: Empreendedorismo – aborda as noções de empreendedorismo que os alunos possuem e que foram aprendidas ou não durante os projetos. Abrange as perguntas 3 a 9.

3º categoria: Melhoria de vida – avalia se os alunos percebem que podem mudar de vida a partir da educação, especialmente de experiências educacionais ligadas a Arte, Ciência e Tecnologia. Corresponde à pergunta 10.

4º categoria: Perspectiva de futuro – avalia se após a participação em projetos do IPTI os alunos despertam ou ampliam a perspectiva de futuro e desenvolvimento nos adolescentes. Abrange as perguntas 11 a 13.

5º categoria: Sugestões e melhorias – nesse ponto os alunos são convidados a dar sua opinião sobre o que pode melhorar nos projetos com base em sua experiência. Abrange as perguntas 14 e 15.

4.3.1 CLOC

Os participantes do grupo focal do CLOC relataram que a principal motivação para participar do projeto foi a vontade de aprender coisas novas e também ser um curso gratuito que poderia agregar algum valor futuro na busca de um emprego. O fato de gostar de tecnologia e a vontade de se aprofundar nesse ramo também foi um fator importante para a inscrição e permanência.

[...] eu gosto de aprender coisas novas e era uma coisa que eu sempre tive paixão em aprender alguma coisa sobre tecnologia, essas coisas. Então surgiu essa oportunidade gratuitamente [...] **EC2**⁷

Eu sempre tive interesse de saber mais sobre tecnologia, internet e essas coisas. Também por ser gratuito, pensei que poderia abrir mais minha mente pra que eu possa ter mais conhecimento [...] **EC6**

A permanência no projeto é descrita pela motivação de aprender coisas novas e a chance de sair de casa. Coisa que eles valorizam muito, pois por ser de uma cidade pequena, a rotina de ter aulas que não sejam da escola os anima e motiva. Além do interesse sobre a área que foi surgindo naturalmente.

Foi uma oportunidade, a gente fica meio com medo por ser uma coisa nova [...] O importante é não desistir, porque se eu tivesse desistido estava sem fazer nada. **EC2**

Foi uma situação boa porque a gente conheceu um novo mundo de tecnologia, a gente começou a aprender coisas que não sabíamos fazer [...] A gente começou a aprofundar mais no assunto, conhecendo novas áreas também, como administração e tecnologia. **EC5**

O segundo bloco de perguntas aborda o empreendedorismo, o que eles pensam sobre e como o curso os ajudou a desenvolver visão empreendedora. Foi relatado que eles compreendem o empreendedorismo com uma forma de gerar inovações para a sociedade, fazer coisas novas para sempre estar à frente das pessoas em uma atividade que realizam ou de uma empresa concorrente. As definições dadas sobre empreendedorismo se concentraram em exemplos relacionados a empresas e concorrência. Dessa forma, a compreensão deles se mostrou mais voltada para o empreendedorismo tradicional, focando na administração de empresas e preocupação com a concorrência. As definições apresentadas se aproximaram das abordadas por Schumpeter e Sombart, descritas por Santos (2005) e Tavares (2014), caracterizando uma visão empreendedora tradicional focada no lucro e geração de riqueza pessoal, mais preocupado com as questões de mercado e concorrência, do que na preocupação com a resolução de problemas sociais. Isso mostra que a visão empreendedora demonstrada se afasta da proposta do projeto, pautada no empreendedorismo social, no qual há a necessidade de ajudar os outros e levar

⁷ Os participantes são identificados como EC (Entrevistado (a) do CLOC) seguido de um número para a identificação das falas.

desenvolvimento para comunidades mais pobres, sem ter como meta principal o lucro. (AUSTIN e CHU, 2006)

Empreendedorismo é ter ideias e colocar essas ideias pra frente, não pensar que vai dar errado e, sim, agir de maneira otimista, pensar que pode dar certo, pra que possa empreender, fazer investimento e ir pra frente. **EC6**

A gente pode empreender, por exemplo, a gente está precisando de vinte reais e só tem dez, a gente não vai pedir emprestado, com esses dez reais a gente pode fazer um doce, alguma coisa, apesar que com dez reais você não faz mais nada hoje, mas você pode investir aqueles dez reais e multiplicar. **EC2**

Em nenhum momento eles descreveram como empreender a partir dos conhecimentos que adquiriram no decorrer do projeto. Esse fato demonstra que a noção empreendedora dos participantes está desconexa com o objetivo principal do projeto: introduzir os participantes na área de programação com o objetivo de desenvolvimento individual e estímulo ao empreendedorismo como forma de gerar mudanças na comunidade.

Ao falar sobre as características importantes para se tornar empreendedor os participantes falaram sobre determinação, comprometimento e força de vontade serem os principais aspectos. Para eles o empreendedor tem que estar disposto a lidar com dificuldades e obstáculos. As características citadas estão de acordo com as descritas por Souza (2005), Vale (2014) e Santos (2008) que descrevem o empreendedor como um sujeito disposto a correr riscos, com senso de liderança, personalidade, persistência e determinação. Essas características são essenciais e compartilhadas entre empreendedores tradicionais e sociais, porém suas motivações e objetivos são diferentes (DEES, 2001).

Eu não sei se é possível ser um empreendedor do nada, tipo assim sem conhecimento. Acredito que é ter uma visão, alguém ali, conhecimento. Não sei se dá pra empreender do nada, mas acredito que buscando conhecimento é o caminho. [...] antes de montar um negócio eu tenho que conhecer o público, conhecimento é muito importante se você quiser abrir um negócio, planejamento e preparo pra tudo e, principalmente, conhecer seu público. **EC1**

Também foi citado que é importante se manter informado sobre o mundo ao seu redor. Tanto sobre as pessoas, para estar sempre atento a suas necessidades. Quanto para o mercado e a área que atuam, para sempre estar atento a novas oportunidades. Também foi citado o trabalho em equipe como importante para o desenvolvimento de relações e para a realização de metas. Mas também ressaltaram as dificuldades que podem surgir com uma equipe.

Tem que conhecer um pouco de tudo [...] tem que ter um conhecimento de cada coisa, porque acontecem várias coisas ao mesmo tempo. Tem de conhecer um pouco mais de tecnologia e tudo. Hoje em dia necessita de conhecimento. **EC3**

Acho que pra trabalhar em equipe tem que ser profissional, porque querendo ou não, se uma pessoa é boa em robótica, eu sou bom em programação e outra em design, então eu tenho uma equipe boa e vamos nos tratar como funcionários, a confiança não vai ser uma confiança pessoal e sim profissional.

EC5

Ao serem perguntados se durante o projeto eles tinham aula de empreendedorismo relacionada aos assuntos que estudavam, programação, os participantes afirmaram que não. O único contato que eles tiveram com empreendedorismo foi um curso a parte sobre administração de negócios e algumas dicas sobre áreas de atuação que são dadas pelos professores.

A gente teve uma experiência pequena empreendedora de como gerir um negócio, mas não relacionado a programação [...]. **EC4**

A gente teve um projeto separado pra estudar empreendedorismo, o Pense Grande, mas dentro do CLOC não teve não. **E1**

Essas respostas mostram que o estímulo ao empreendedorismo feito pelo projeto está desconexo da proposta do projeto CLOC, já que a intervenção empreendedora é feita de forma avulsa ao projeto. Podendo explicar a noção mais tradicional de empreendedorismo e não relacionada a programação apresentada pelos participantes. Os mesmos ressaltaram que a falta de uma matéria assim foi sentida e que é importante a implementação de uma disciplina específica que fale sobre empreendedorismo e, principalmente, relacionado ao conteúdo do projeto. Pois, a partir disso, os alunos poderiam ser direcionados a novos rumos ao final do projeto, que sejam condizentes com o que eles aprenderam, e não apenas para obter um conhecimento avulso.

Eu acho que sim porque vai ajudar a aprofundar nosso conhecimento. Se a gente já pensa de um jeito tem que ter o conhecimento de como fazer as coisas melhores e pra ter o melhor ponto de vista possível. **EC6**

Sim, seria muito importante pra gente se organizar com o conhecimento que aprendeu. **EC1**

A terceira categoria diz respeito a melhoria de vida. As repostas se concentraram nas dificuldades que pessoas pobres passam para que possam ter acesso a oportunidades. Para eles o que mais falta para as pessoas pobres são oportunidades, a falta delas faz com que muitas pessoas se mantenham apagadas na sociedade. Foi relatado que a maioria das pessoas possuem talentos e qualidades escondidas que não são reveladas pela falta de possibilidades. Foi abordado também que, muitas vezes, apenas força de vontade não é o suficiente para vencer na vida. Os participantes ainda fizeram comparações sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas pobres em detrimento das várias oportunidades que pessoas com condições desfrutam.

[...] muita gente acha que as pessoas pobres não sabem fazer nada, mas às vezes alguém tem aquele talento escondido, mas não tem oportunidade de mostrar e de crescer. **EC6**

Se der um curso pra uma pessoa pobre e pra uma pessoa de classe média, a pessoa pobre tem mais dificuldade, porque ela tem que cuidar da casa, tem que

trabalhar, tem que cuidar do irmão, tem que ir pra escola ainda. Uma pessoa de classe média, vai fazer o curso, estudar e pronto. O caminho é bem mais fácil pro classe média, se ele focar, ele vai chegar nos objetivos bem antes.

EC5

Na maioria das vezes não é que não tem força de vontade, não é que não tenha ajuda dos pais, na realidade a maioria dos pais trabalham, vai pra maré né, não tem aquela mão pra dar ao filho. Os que têm condições, os pais pagam reforço, os que não tem condições, os filhos se viram como podem. **EC4**

A quarta categoria fala sobre as perspectivas de futuro após o projeto acabar. Os participantes relataram que agora estão mais abertos a oportunidades variadas. Eles contaram que como moradores de cidade pequena, desde pequenos aprendem que sua própria cidade não dá recursos para que eles cresçam e, por isso, a maioria dos jovens após terminar o ensino médio viajam para cidades maiores em busca de emprego.

[...] já teria viajado pra trabalhar fora, fora do estado. Aqui emprego é difícil, em cidade grande, metrópole é mais fácil arranjar emprego e como já tenho uma pessoa lá, já teria ido. **EC5**

Após participar do projeto, os participantes falam que agora pensam em fazer faculdade – nenhum relatou ter vontade de fazer algo relacionado a programação – ou abrir um negócio e permanecer em sua cidade natal. Para eles uma prova de que podem fazer isso é a empresa CITI², derivada do CLOC e onde alguns dos entrevistados trabalham.

Na última categoria, referente a melhorias que o projeto poderia implementar, os participantes falaram sobre criar novas disciplinas e ampliar a quantidade de aulas por semana. A aprendizagem de linguagem de programação requer muito esforço e muita prática, para eles uma aula semanal é pouco para tal coisa. Pois, a maioria dos participantes não possui computador, e com isso quando aprendem alguma coisa em uma aula, na próxima semana precisam reaprender. Além disso, com mais de uma aula por semana o final do ciclo de aprendizado poderia ser reduzido, no momento da entrevista um ciclo completo de aprendizado dura em torno de dois anos.

Eu acho que são poucas aulas e pouco tempo de aula, porque o aluno aprende, vai pra casa, não tem como treinar o que aprendeu, esquece, daí volta na outra semana sem saber de mais nada. E prolonga o curso ainda mais, um curso que podia ser só seis meses, é dado em um ano ou mais. **EC5**

4.3.2 Arte Naturalista

A principal motivação para a entrada e permanência no curso foi a afinidade que já possuíam com o desenho, junto a isso estava a possibilidade de sair de casa, de mudança de rotina. A mudança de rotina é vista por eles como algo muito bom, pois estão acostumados a passar o dia da mesma forma, ir pra escola e ajudar em casa. A

permanência está relacionada, principalmente, a empolgação de aprender coisas novas sobre técnicas de desenho e poder se aperfeiçoar.

A minha (motivação) foi sair do meu povoado, tinha possibilidade de sair de lá, uma coisa que naquela época não tinha como sair [...] pra mim isso já foi uma motivação de ir pro projeto. **EAN1⁸**

A minha foi se aprofundar mais no que eu já fazia, eu sempre desenhei e surgiu essa oportunidade. **EAN2**

[...] pra mim (o curso) foi bom, no início foi só um pouco difícil por conta que, usar aquarela, eu nem sabia o que diacho era aquarela, qual tipo de papel, não tinha essa noção e meio que foi um pouco esquisito. Era novo, foi esquisito. Mas depois que as coisas foram fluindo fui ficando confortável. **EAN1**

Falando sobre empreendedorismo, segunda categoria de perguntas, alguns participantes se mostraram perdidos em falar sobre o assunto, apenas dois alunos se sentiram confiantes a arriscar uma definição de empreendedorismo. As definições apresentadas se aproximaram do empreendedorismo social pregado pelo projeto, voltado para a resolução de problemas de comunidades (OLIVEIRA, 2003). Contudo, os participantes não se aprofundaram, sobre quais problemas ou como resolvê-los.

Pra mim, empreendedorismo é você resolver demandas, então tá surgindo uma demanda na sociedade, tem alguma coisa lá que precisam e você cria uma solução pra tentar resolver essa problemática [...]. Pra mim empreender é isso, você tentar solucionar problemáticas de alguma comunidade. **EAN1**

Acho que ampliar a necessidade do público, da localidade, olhar o que aquele povo precisa e colocar algo pra suprir essa necessidade. **EAN2**

As qualidades ou requisitos para se tornar empreendedor citadas pelos participantes foram: força de vontade, conhecimento e trabalho em equipe. A força de vontade veio relacionada a sair da inércia e do comodismo e aos problemas e obstáculos que podem aparecer no processo de empreender. O conhecimento esteve relacionado a busca de aperfeiçoamento, capacitação e estar atento a informações e novas oportunidades para sair na frente da concorrência. Por último, o trabalho em equipe esteve ligado a troca de conhecimentos que pode ocorrer em um grupo e também as vantagens de dividir tarefas para fazê-las de forma mais eficiente. As características apresentadas pelos entrevistados corroboram com algumas das citadas por Souza (2005), Santos (2008) e Vale (2014) como: determinação, persistência e conhecimento.

[...] ter vontade, vontade de iniciar. De começar as coisas, porque a gente é brasileiro e cai muito no comodismo, então se a gente tiver vontade de começar um negócio pra poder, acho que só o fato de começar já é um grande passo para empreender. **EAN1**

Estudar, se capacitar é muito importante, não pode começar uma coisa sem ter domínio, tem que se apropriar pra poder vingar. **EAN4**

O lado bom de trabalhar em equipe é que você pode dividir as tarefas, você não vai se sobrecarregar com as coisas. Fica mais fácil de você lidar do que eu-quipo. Porque eu-quipo é você pra tudo e equipe é se ajudar, cada um com suas atividades suas coisas, fica mais fácil de lidar com as coisas. **EAN1**

⁸ Os participantes são identificados como EAN (Entrevistado (a) do Arte Naturalista) seguido de um número para a identificação das falas.

Quando perguntados se durante o curso eles tiveram alguma matéria específica para falar sobre empreendedorismo, especialmente relacionado ao conhecimento que eles adquirem durante o projeto, os participantes relataram que não há uma matéria assim. Eles ainda falaram da importância da implementação de uma matéria de empreendedorismo ligado a arte, pois eles aprendem apenas como dominar algumas técnicas de desenho, mas não aprendem o que fazer com o desenho. Pois além de desenhar é necessário saber como ganhar com aquilo.

Na minha turma sempre foi ensinado a utilizar aquelas ferramentas, e essa parte de vender, empreender, criar e escoar nunca ninguém falou nada sobre isso, a gente teve que aprender na marra. **EANI**

Ainda foi ressaltado o valor de se ter uma disciplina de empreendedorismo:

Super importante, porque além de ter essa visão de escoar o nosso produto, que é vender, a gente entender como funciona esse universo. Porque não é só querer vender o desenho, é aumentar meu público-alvo, como que eu faço pra chegar no meu público-alvo, que é uma pergunta muito importante [...]. Até a supervalorização, porque sei lá estou vendendo meu desenho por x valor, se eu fosse realmente valorizar meu desenho, não só pela técnica, mas também pela história, tem que ter história pra poder valorizar o quadro. **EANI**

Essa fala dos entrevistados demonstra que a intervenção empreendedora proporcionada não está de acordo com a proposta pelo projeto. Pois os alunos apenas dominam as técnicas ensinadas, mas não aprendem o que fazer com ela. A falta de uma matéria específica que aborde empreendedorismo na área da arte, para que os alunos aprendam como escoar aquele produto e como eles podem ajudar sua comunidade se afasta dos objetivos tanto do empreendedorismo social, quanto das tecnologias sociais discutidos por Oliveira e Silva (2012). Os autores argumentam que as TS e ES devem empoderar os participantes para que eles possam se tornar atores de transformações sociais a partir da inclusão e sustentabilidade das soluções apresentadas.

A terceira categoria fala sobre a melhoria de vida que a arte, ciência e tecnologia pode proporcionar e o que os participantes acham disso. Para eles um dos principais motivos das pessoas pobres continuarem pobres é a falta de oportunidade e reconhecimento. A falta de oportunidade mantém talentos escondidos, que poderiam ser revelados por meio da arte. Quando as oportunidades aparecem é possível se mostrar e ganhar reconhecimento.

As pessoas são pobres por falta de oportunidade e reconhecimento, todo mundo é muito rico e tem muito a oferecer e quando a gente aprende a utilizar a arte como ferramenta pra potencializar seu potencial escondido, porque assim ninguém vai ser mudado completamente, tem gente que aprende a ferramenta, utiliza a arte e ali se desenvolve, conseguindo ganhar terras que jamais pensou. É muito importante a arte ser um objeto de transformação, porque ninguém consegue falar de um indivíduo sem falar de suas raízes, sua cultura, isso é arte! Viver é arte, respirar é arte. **EANI**

Antes eu não era assim alegre que nem hoje, antes eu não sabia fazer nada, agora eu sei desenhar e outras coisas também. **EAN3**

A quarta categoria diz respeito a perspectiva de futuro que eles criaram após participar do projeto. Primeiro eles falaram das transformações positivas que o projeto proporcionou, como o aumento da autoestima e mudança de personalidade, que eles agora conseguem se soltar mais e enxergam o mundo de outra forma, com mais oportunidades. A intervenção que o projeto proporcionou está relacionada a mudança da perspectiva dominante de terminar o ensino médio e sair do estado em busca de emprego. Agora, eles pensam em um futuro com arte ou, mesmo que a arte não esteja presente, de não sair de sua cidade.

[...] eu vinha de uma bolha social que era muito comum acontecer o êxodo rural, estudar e quando estava próximo da maioridade, é muito comum da gente lá onde eu vivo, e nas cidades vizinhas, sair pra poder ter emprego, trabalhar em redes de hotéis e restaurantes. Isso pra mim era um destino preestabelecido, que a sociedade tinha me colocado e eu tinha que seguir isso. O Arte me fez rever muitas coisas do tipo quebrar essa sequência. E eu quebrei essa sequência. Porque a partir do momento que eu me tornei maior de idade, não contribui para o êxodo rural, permaneci no meu povoado, morando com minha mãe e fazendo coisas que nunca imaginei na vida, pra mim mudou totalmente minha visão e meu jeito de pensar. Eu permaneci nas minhas raízes locais.

EAN1

A gente pensa em muita coisa. Mas pra mim não é dentro do Arte Naturalista. Tentar um concurso, eu acho que é isso. **EAN3**

A quinta e última categoria é para os participantes falarem sobre sugestões de melhorias para o projeto. Nesse tópico os participantes se concentraram em dois pontos: 1) a falta de intercâmbio com a arte; e a 2) escassez de técnicas que são ensinadas.

A falta de intercâmbio com arte é relatada como a falta de contato com a arte, segundo os participantes são raras as oportunidades em que eles podem ir, por exemplo, a uma exposição de arte, ou que tem contato com desenhistas, fora os professores. Esse contato, para eles, seria importante para obter inspiração. A escassez de técnicas se relaciona ao aprendizado de poucas técnicas, grafite e aquarela como sendo o ápice. Novas formas e técnicas de ensino são mencionados pelos alunos como novas formas de inspiração. Eles também falam que seria interessante que pudessem ter acesso as salas e aos materiais fora do horário das aulas, como são poucas aulas por semana e os alunos não tem condições de comprar materiais, acabam não praticando o que é aprendido, tornando o ensino mais lento.

Troca de experiência, intercâmbio de forma geral, fazer com que as pessoas possam vir, ou que a gente possa ir. Infelizmente, por mais que a gente fale que está aprendendo arte, a gente aprende uma pequena porcentagem de como usar a técnica, de como usar o material ou qual material utilizar, mas a gente não tem acesso a exposições, museus [...]. **EAN1**

Acho que [...] a gente precisa mesmo é buscar inspirações, coisas que inspiram a gente, novas artes que a gente possa se espelhar, novas técnicas. **EAN2**

Ser mais transparente dentro do instituto, ter mais materiais também. Queria ter aprendido a óleo, usado pastel. **EAN4**

4.3.3 PLOC

Na primeira categoria de perguntas, referente a motivação e permanência nos projetos, os participantes citaram como fator principal a curiosidade, começando no processo de seleção. Os alunos teriam que produzir sons a partir de imagens. A permanência aconteceu devido o interesse próprio de cada aluno.

[...] a minha parte foi curiosidade. A partir da seleção que teve aquele negócio que colocava um vídeo sem áudio e pedia pra gente criar um som para aquela imagem. Isso despertou minha curiosidade sobre o que eles iam ensinar depois, eu achei interessante. **EP1**⁹

Foi curiosidade também porque a gente não sabia do que se tratava, só iriam explicar depois que fossem aprovados. Foi só pra saber o que era de início.

EP2

Na segunda categoria os participantes apresentaram repostas bem técnicas sobre empreendedorismo, para eles o empreendedorismo está relacionado a busca de soluções onde a maioria das pessoas veem apenas problemas, além disso eles associaram o empreendedorismo a abrir seu próprio negócio e criar produtos para colocar no mercado. Os participantes citaram coragem como uma das principais características que um empreendedor deve ter, junto a força de vontade, determinação, conhecimento e trabalho em grupo. Coragem, força de vontade e determinação foram citadas como importantes para sair de sua zona de conforto e enfrentar dificuldades que possam surgir. Conhecimento é importante para sempre estar informado e assim obter vantagens sobre a concorrência. Por último, trabalho em grupo foi citado como muito importante, principalmente no ramo da música. Para eles o trabalho em equipe seria importante para haver divisões de tarefas, tornando assim o trabalho mais eficiente.

É o que a gente fala, trabalho duro. Quando a gente fala em empreender as pessoas já pensam que é fácil, é porque é seu próprio negócio, então você não tem preocupação. Na verdade, é o contrário, quando o negócio é seu ele depende única e exclusivamente de você! **EP2**

[...] a gente tem que sair da nossa zona de conforto, a gente pensa que vai ter isso, vai ter coisas boas, mas pra ter coisas boas, você tem que sofrer, tem que lutar por isso, pode ser difícil, mas não é impossível [...] **EP1**

Uma das coisas que a gente mais aprendeu no PLOC em si, foi esse negócio de trabalho em equipe. Principalmente, em questão de gravação. Ninguém consegue fazer uma gravação sozinho, tem que ter alguém pra ficar no microfone, alguém pra ficar monitorando isso, alguém pra ficar testando [...]

EP2

As características citadas pelos entrevistados corroboram com alguma das vistas na literatura, como: propensão a correr riscos, capacidade de identificar novas

⁹ Os participantes foram identificados como EP (Entrevistado (a) do PLOC) e um número para diferenciar as falas.

oportunidades, processo constante de inovação e aprendizado, persistência e determinação (DEES, 2002; SILVA, 2002; SANTOS, 2008; VALE, 2014)

Quando perguntados se durante o curso eles tiveram alguma matéria relacionada a empreendedorismo os participantes relataram que fizeram um curso a parte sobre oficina de negócios, mas não viram nada relacionado a empreender com música. Apenas os professores, em sala de aula, comentam sobre possíveis atividades que eles podem exercer. Os participantes relataram também que seria muito bom ter aulas de empreendedorismo com foco em música e produção musical.

[...] a oficina de negócios é basicamente a mesma coisa do Pense Grande¹⁰, mas com outro nome. Mas nenhuma das duas fazem parte do PLOC mesmo, a gente faz por fora. Eles pegaram todo o pessoal dos projetos e levaram pro Pense Grande pra aprender sobre empreendedorismo. **EP2**
Seria mais interessante uma coisa voltada pra nossa área, pro PLOC. A área da música, produção sonora. **EP1**

A falta da visão do empreendedorismo contextualizada com o que os alunos aprendem se mostra como uma deficiência do projeto, a medida que os alunos não são orientados, de acordo com a visão empreendedora, a buscar formas de transformar suas vidas e também sua comunidade a partir dos conhecimentos adquiridos dentro do projeto. Desviando-se do que foi visto na literatura, na qual é mostrado que as TS e o ES devem ser vistas como alternativas para transformação tanto pessoal, como de sua comunidade de acordo com a intervenção gerada. Que deve ser consoante com as necessidades da comunidade beneficiada (OLIVEIRA e SILVA, 2012; SEIXAS *et al.*, 2015)

Na terceira categoria os participantes falaram que a melhoria de vida está relacionada a força de vontade e a coragem de correr atrás dos sonhos. Eles também argumentaram que as oportunidades estão em todos os lugares e podem ser aproveitadas, mas que na maioria dos casos as pessoas não sabem identifica-las. Os participantes também falaram que muitas pessoas ficam acomodadas e se acostumam a viver de forma precária por falta de vontade de mudar.

É só querer, ter coragem, força de vontade e querer trabalhar duro pra sair da pobreza. **EP4**
[...] a gente tem que entender que as oportunidades estão aí, as pessoas, na maioria dos casos, a gente sabe que são casos e casos, que têm exceções. Mas existe muito uma coisa sobre o vitimismo, as pessoas ficam sentadas esperando que o governo resolva tudo pra eles e não vai ser assim [...] **EP2**

Segundo os participantes o IPTI os ajudou a expandir sua visão de futuro e mostrou que é possível crescer em sua própria cidade.

Ficar esperando as coisas caírem do céu e não, tipo, se você consegue desenhar, você consegue mudar de vida com o seu desenho, basta você acreditar e

¹⁰ Pense Grande é um dos projetos desenvolvidos pelo IPTI e tem como objetivo ensinar empreendedorismo.

trabalhar pra isso. Se você sabe cantar, não importa se tem muito cantor por aí, basta você procurar um jeito de se diferenciar das outras pessoas. **EP2**

E o IPTI deu essa iluminação a nossa gente, que aqui é o nosso próprio lugar e a gente pode ser tudo, ser tudo, sem sair daqui. **EP1**

Na quarta categoria os participantes falaram que com o projeto do IPTI eles conseguiram ampliar as possibilidades que pensam em trabalhar no futuro. Para eles, que cresceram em uma cidade pequena, na qual o único modo de mudar de vida era viajando para trabalhar em outras cidades, o projeto os ajudou a mudar essas perspectivas e pensar em futuros mais ambiciosos. Os participantes relataram que querem seguir no ramo da música e talvez, no futuro, até montar um estúdio e fazer música.

Mudou muito meu ponto de vista, porque menina nova não entende nada da vida, isso me mostrou que na vida a gente tem várias oportunidades e a gente pode conseguir muitas coisas, bastando a gente querer e se esforçar pra fazer aquilo. **EP1**

A gente ganhou conhecimento e mudou a perspectiva. Porque antes a gente pensava que ia querer música e conteúdo, só escuta mesmo. No caso como chegou naquele ponto, só sabe a parte criada e editada e etc. **EP3**

Antes eu pensava: será que um dia eu vou pro show do Lollapalooza? Hoje eu penso: será que um dia eu vou trabalhar em um show do Lollapalooza? Já tem muita diferença nisso. Eu pensava em terminar o terceiro e ir pra São Paulo, provavelmente, eu já estaria em São Paulo. **EP4**

A quinta e última categoria os participantes não souberam responder muito bem, pois o PLOC é um projeto recente, 2019, e quando começaram as aulas a pandemia veio em seguida. Dessa forma o projeto anda está se ajustando. Mas os alunos gostariam de que novas turmas tivessem acesso a aulas mais dinâmicas, como aulas em espaços abertos.

Por causa da pandemia a gente não pode atuar muito no projeto, eu acho que reapliquei seis meses esse ano, em comparação com antes que a gente se reunia toda semana e discutia o que podia melhorar, o que estava bom, o que não estava tão bom, o que poderia fazer para melhorar. Acho que por causa da pandemia não sei. **EP1**

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÕES

Neste capítulo são feitas discussões e considerações acerca dos resultados apresentados no capítulo 4.

5.1 CLOC

Os resultados observados da Escala sobre Comportamento Empreendedor para o CLOC mostram que, no geral, os participantes apresentaram respostas concordantes para os construtos. A escala utilizada é dividida em duas partes: a primeira trata da intenção de empreender; e a segunda de características presentes em indivíduos empreendedores. Na primeira parte é esperado que os respondentes concordem com as afirmativas. A afirmativa IE5, pode apresentar tanto concordância quanto discordância, pois caso o respondente discorde, as características que ele pode apresentar na segunda parte da escala, também são úteis para crescer no meio profissional.

Na primeira parte, em geral, o grupo tratado apresentou concordância as afirmativas, apenas a IE5 apresentou resultados bem divididos, com concordância e discordância bem parecidas. Os resultados do Agregativo de Scarpi corroboram com os resultados do gráfico. Na segunda parte, o comportamento do grupo tratado se manteve com a maioria dos construtos apresentando respostas concordantes as afirmativas, exceto o construto planejamento, que apresentou respostas um pouco mais diversas. Os Agregativos de Scarpi acompanharam a tendência da análise gráfica, como mostrado na tabela 22, que resume os resultados para os construtos dos grupos tratado e controle.

Tabela 22: Agregativo de Scarpi para todo os construtos – CLOC x Controle

Construtos	AGScarpi	
	Tratado	Controle
Intenção de empreender	71,72	66,07
Oportunidade	72,24	69,49
Persistência	83,90	79,43
Eficiência	80,35	75,10
Informações	81,40	77,87
Planejamento	68,43	69,00
Metas	78,57	75,28
Controle	76,10	71,91
Persuasão	69,59	68,65
Rede de relações	77,37	72,93

Fonte: elaborada pela autora.

A análise gráfica e dos agregativos mostram que o grupo tratado apresentou bons resultados. No entanto, muito semelhantes aos resultados do grupo controle. Partindo do ponto que os sujeitos do grupo tratado receberam intervenções relacionadas a empreendedorismo e o grupo controle não, ambos apresentarem os mesmos resultados demonstra que, nessa análise, a intervenção não é muito diferente da não-intervenção no desenvolvimento de habilidades/características empreendedoras. Isto é, mesmo sem intervenção, os respondentes do grupo controle apresentaram comportamentos semelhantes ao grupo tratado.

O grupo focal (GF) foi realizado com o objetivo de aprofundar um pouco a pesquisa, com a utilização de entrevista com os participantes que receberam intervenção. Nesse momento, a parte que nos interessa é a que fala sobre empreendedorismo, de acordo com a divisão das perguntas em categorias, refere-se à segunda categoria do GF. Os participantes demonstraram uma boa noção a respeito do significado de empreendedorismo e do ser empreendedor voltada para o empreendedorismo tradicional. Foi relatado que o contato com o empreendedorismo veio a partir de um curso a parte que eles participaram, no qual aprenderam mais sobre empreendedorismo tradicional, com noções de lucro, investimento e administração de negócios. Não foi citado pelos alunos o empreendedorismo social, o qual o instituto defende como um dos principais fins do projeto. Os participantes também apresentam um bom conhecimento das características atribuídas aos empreendedores, todavia não pareceram saber o que fazer com esse conhecimento. Um dos pontos abordados pelos participantes é a falta de uma disciplina sobre empreendedorismo que, realmente, aborde formas de empreender a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

O contato com empreendedorismo fora do curso representa uma intervenção avulsa ao conhecimento que o projeto proporciona. O curso citado pelos participantes aborda, principalmente, noções de empreendedorismo tradicional. Uma das atividades do curso relatada foi a de criar um plano de negócios para a abertura de uma lanchonete, um conhecimento totalmente avulso quando pensado que os participantes integraram um curso de programação.

A criação de matérias específicas que abordem o empreendedorismo relacionado a programação apresenta aos alunos oportunidades de atuação na área em que eles foram introduzidos e os instiga a pensar e querer construir uma carreira em tal área. Além de direcionar seus esforços de forma congruente ao que aprenderam, incentivando-os a usar

as habilidades desenvolvidas, pensando com o conhecimento que adquiriram em formas de melhorar de vida e, aos poucos, também transformar a realidade da cidade em que moram. Que são objetivos principais das TS e do ES como descrito na literatura por Oliveira e Silva (2012) e Mourão *et al.* (2019). Os autores abordam que as TS e o ES devem ser pensados e realizados de forma a transformar, primeiro, os participantes, e assim, gerar transformações na comunidade em que estão inseridos. A falta de conexão entre os conhecimentos abordados no projeto e a intervenção empreendedora cria um gargalo para a verdadeira atuação empreendedora dos participantes e cumprimento dos objetivos das TS. Pois os participantes passam a dominar um certo conhecimento, porém não sabem como colocá-lo em prática.

Do CLOC nasceu a empresa CITI², pensada pelos idealizadores do projeto como uma forma de atuação dos participantes, na qual alguns dos jovens trabalham e exercem todo o conhecimento adquirido. Contudo, ela não é citada nenhuma vez na parte empreendedora da conversa. A empresa é citada na parte de perspectiva de futuro. Os participantes se referem a ela como uma forma de mostrar que o projeto pode ajudá-los a mudar de vida e que, para isso, eles podem permanecer na cidade em que foram criados, rompendo o ciclo no qual os jovens da cidade estão inseridos: terminar o ensino médio e viajar para outras cidades em busca de emprego. Contudo, embora os alunos a citem na parte de perspectiva de futuro, ela não é citada nenhuma vez como uma forma de seguir na carreira de programação. O que se desvia do observado por Dagnino (2004) e Seixas *et al.* (2005), os autores argumentam que a criação de empreendimentos sociais gerados a partir de tecnologias sociais deve estar orientada para atender as necessidades da comunidade gerando novas formas de emprego e de renda.

A análise no contexto geral mostra que o projeto muda a visão dos participantes e oportuniza a eles novas perspectivas de futuro, ajudando-os a pensar mais a respeito do ciclo ao que os jovens do município estão condicionados. As características empreendedoras apresentadas pelo grupo tratado, embora sejam semelhantes ao grupo controle, junto aos resultados do GF mostram que o programa incentiva os jovens ao empreendedorismo, mas não os direciona a áreas relacionadas ao conhecimento adquirido. A criação da empresa CITI², na qual alguns dos participantes trabalham, também reforça a ênfase no empreendedorismo. Contudo, o projeto deixa a desejar no ensino de empreendedorismo, quando ele não o direciona para a área que o projeto aborda e para um de seus fins, o empreendedorismo social.

5.2 Arte Naturalista

Na primeira parte da escala, Intenção de Empreender, os dois grupos apresentam comportamentos um pouco semelhantes, o grupo tratado apresentou mais repostas concordantes em relação ao grupo controle. O Agregativo de Wilder corrobora a pouca diferença entre ambos grupos. O restante dos construtos, em sua análise gráfica apresentaram resultados semelhantes. No entanto, como mostrado na tabela 23 o grupo tratado, em alguns construtos, apresentou resultados inferiores ao grupo controle, embora essa diferença seja mínima.

Tabela 23: Agregativo de Wilder para todos os construtos – Arte Naturalista x Controle

Construtos	AGWilder	
	Tratado	Controle
Intenção de empreender	70,21	66,07
Oportunidade	68,64	69,49
Persistência	81,25	79,43
Eficiência	75,00	75,10
Informações	78,06	77,87
Planejamento	66,88	69,00
Metas	73,01	75,28
Controle	68,21	71,91
Persuasão	67,20	68,65
Rede de relações	71,71	72,93

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise gráfica e dos agregativos mostra que, no geral, o grupo tratado apresentou bons resultados. No entanto, a comparação com o grupo controle mostra que o tratado ficou um pouco aquém. Esse resultado demonstra que mesmo com a intervenção, os participantes do Arte Naturalista (AN) apresentaram resultados semelhantes, às vezes menores, que o grupo controle, que não recebeu nenhuma intervenção. Nesse ponto é possível verificar que a intervenção proposta pelo projeto, não gera resultados superiores a não-intervenção no quesito de desenvolver habilidades/características empreendedoras.

A análise do GF, feita para obter resultados mais próximos dos participantes, mostrou que os mesmos não se sentiam confiantes ao falar sobre empreendedorismo, apenas dois dos participantes se arriscaram a dar uma definição e a falar durante o GF. Eles mostraram um bom conhecimento das características e qualidades empreendedoras. Contudo, os participantes relataram a falta de uma disciplina empreendedora que fale

sobre como empreender com arte. Pois, mesmo adquirindo domínio das técnicas ensinadas, eles não sabem o que fazer com elas, pois não tem conhecimento de coisas como precificar seus produtos, saber qual seu público-alvo e como vender o que produzem.

O ensino de empreendedorismo no AN, assim como o CLOC, não é consonante a proposta do projeto. Além disso, mesmo o AN possuindo um bom tempo de existência, apenas um dos formados continua trabalhando com arte e é o único membro da empresa formada pelo programa: Casa do Cacete. Também é o único membro que possui como aspiração trabalhar com arte. Essa fragilidade no projeto revela que, mesmo que os jovens demonstrem bons resultados na escala e no grupo focal, a maioria deles não enxerga um futuro exercendo o conhecimento que adquiriu durante o curso. Os participantes também relataram a distância entre o projeto e a comunidade e seus alunos, pois os mesmos possuem acesso restrito aos materiais utilizados durante o projeto, apenas podendo usá-los durante as aulas. Como se trata de conhecimentos de técnicas de pinturas, apenas uma aula por semana é insuficiente para o aprendizado, o intervalo entre as aulas cria um gargalo no aprendizado, já que os alunos não possuem condições de comprar materiais para treinar em casa e o instituto não oferece nenhum tipo de kit de materiais para o aprendizado.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas por TS e ES é o custeio de suas ações, autores como Dees (2001), Rosolen *et al.* (2014) e Silva (2002) falam sobre os limites causados pelo pouco recurso, mas também falam da transparência e a demonstração de resultados como formas importantes de criar uma maior proximidade com a comunidade. Nesse ponto, o IPTI mostra uma fragilidade, pois a falta dessa proximidade faz com que não sejam criadas formas mais efetivas de transformação tanto para os alunos, quanto para a comunidade e se distancia de duas principais características das TS e do ES: a participação da comunidade no desenvolvimento, aplicação e reaplicação; e a sustentabilidade das soluções que são apresentadas.

De forma geral, para os participantes, o projeto despertou uma nova perspectiva de futuro no sentido de sair do ciclo ao qual os jovens são condicionados, além de proporcionar mudança na autoestima e personalidade, mas apenas um dos jovens falou em empreender a partir da arte. Embora o projeto tenha gerado uma empresa, a Casa do Cacete, ela não foi citada em momento algum ao falar de empreendedorismo ou de opções de trabalho, ou construção de portfólio. Apenas um dos jovens faz parte da empresa, e o

mesmo relata que, por ser o único atuante, muitas vezes precisa recusar trabalhos por não conseguir fazer sozinho. Os demais participantes não demonstraram interesse em participar da Casa do Cacete, mostrando que não possuem interesse em colocar em prática ou seguir carreira com arte.

Nesse ponto, o projeto também demonstra uma fragilidade. A criação de empreendimentos sociais é considerada como uma forma de demonstrar sucesso de TS que tem como foco o ES, eles são encarados como uma forma de gerar inovação social. Sua construção deve ser coletiva e ter processo de produção autogestionária, além de possuir sustentabilidade econômica, social e ambiental com o objetivo de gerar transformação social (LIMA e DAGNINO, 2013; RODRIGUES *et al.*, 2012). O fato de o Arte Naturalista não possuir uma quantidade significativa de concluintes e ter apenas um participante para atender as demandas do empreendimento, demonstra a fragilidade de que o projeto se afasta do que é descrito na literatura.

5.3 PLOC

A análise do projeto PLOC foi feita apenas a partir do Grupo Focal (GF), pois sua amostra foi insuficiente para gerar resultados confiáveis com a escala. A análise do GF mostra que os participantes possuem uma boa visão do empreendedorismo tradicional, baseado na resolução de problemas e criação de novas empresas e produtos. Os participantes também falaram das principais características de um empreendedor. Assim como nos dois outros projetos, eles não tiveram acesso a aulas de empreendedorismo voltadas ao assunto que estudaram: música. O contato com empreendedorismo veio a partir de uma oficina de negócios. Eles relataram que seria importante a inserção de uma matéria específica sobre empreendedorismo no mundo da música.

Os participantes também falaram da mudança de perspectiva de futuro que o projeto proporcionou, fazendo-os enxergar que para encontrar emprego e conseguir viver bem não é necessário abandonar a cidade em que cresceram. Este foi o único grupo que destacou querer seguir no ramo da música, com o objetivo principal de montar um estúdio em SLI para a criação de música.

Nesse GF foi possível observar como os alunos se mostram empenhados em seguir com aquilo que aprenderam durante o projeto e como criam planos de utilizar os

conhecimentos que adquiriram. Embora seja um projeto novo, ele conseguiu despertar o interesse de todos os alunos que o concluíram, em seguir no ramo da música. A disposição e o interesse de querer permanecer no caminho da música, junto com as ideias de abrir um negócio/empresa relacionado a música é um indicativo de que os alunos desenvolveram algumas características/habilidades empreendedoras ao longo do curso e tentam colocá-las em prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de analisar as interfaces entre as tecnologias sociais do IPTI e o empreendedorismo, esta pesquisa foi conduzida de forma a responder as hipóteses e objetivos listados. No que diz respeito aos objetivos definidos como foco da pesquisa, são eles: discutir a relação entre empreendedorismo e tecnologias sociais e sua utilização para promoção de desenvolvimento; investigar se as TS ajudam a desenvolver características habilidade empreendedoras nos participantes; de que forma as TS interferem na vida dos participantes; e apontar os aspectos positivos e as limitações dos projetos.

O primeiro objetivo, cumprindo no referencial teórico, demonstrou que, na discussão sobre a promoção do desenvolvimento socioeconômico de forma igualitária e sustentável, as TS e o ES vêm ganhando destaque. As TS e o ES configuram novos modelos de desenvolvimento capazes de olhar para as comunidades em que atuam e que tem compromisso com a promoção de uma forma de vida mais igualitária, focando no desenvolvimento local com a atuação constante da comunidade envolvida. Eles representam formas mais contextualizadas de intervenção considerando as necessidades da localidade envolvida e valorizando sua cultura e costumes.

O desenvolvimento de características/habilidades empreendedoras nos participantes do projeto foi provado pela escala, na qual os alunos conseguiram resultados satisfatórios. Para fins de comparação, foi utilizado um grupo controle, no qual seus resultados foram utilizados como um termômetro para a intervenção das TS. Os resultados apontaram que grupo tratado e controle apresentaram resultados praticamente iguais nos dois projetos analisados. De forma geral, esses resultados apontam que a intervenção sofrida pelo grupo tratado não os faz ter resultados melhores que o grupo controle. Portanto, participar dos projetos ou não, de acordo com os resultados da escala e dos indicadores de Scarpi e Wilder, não interfere no desenvolvimento de características/habilidades empreendedoras. Ou seja, a intervenção é insuficiente para

gerar resultados melhores que um grupo controle. É importante ressaltar que, nessa análise, a amostra do grupo tratado foi pequena, e que essa amostra pode ter influenciado de alguma forma os resultados, uma amostra maior poderia gerar resultados mais consistentes.

A utilização do grupo focal como forma de aprofundar o debate e ouvir opiniões mais próximas dos alunos, mostrou que os mesmos, apesar de demonstrarem um bom conhecimento sobre empreendedorismo, em sua maioria não pensam em colocá-los em prática. Principalmente, quando falado sobre atuar na área dos cursos que participaram. Dois dos projetos, CLOC e Arte Naturalista, possuem como frutos da intervenção duas empresas sociais, CITI² e Casa do Cacete. Contudo, elas não são suficientes para engajar os jovens de uma maneira mais concreta em querer seguir na área dos projetos que participaram ou em querer empreender. De forma geral, os resultados tanto da escala quanto dos grupos focais foram bastante substanciais, apontando mais para uma deficiência em desenvolver/incentivar o empreendedorismo do que o contrário.

No entanto, esses resultados não anulam outros tipos de intervenções positivas na vida dos participantes. No grupo focal, os participantes relataram a forma como participar dos projetos mudou seus pensamentos sobre o lugar onde moram e o futuro que os esperam. Eles contaram sobre o ciclo que a maioria dos jovens da cidade estão condicionados: terminar o ensino médio e procurar empregos ou subempregos em cidades maiores, tendo como única certeza sair de sua cidade natal para capitais em busca de oportunidades. E complementaram falando como a participação nos projetos os ajudou a quebrar um pouco dessa mentalidade. Para eles a participação mostrou como os mesmos podem mudar de vida sem necessariamente sair de sua cidade ou buscar subempregos. Muitos deles relataram que agora sonham em cursar uma faculdade, coisa que era muito distante, para assim conseguir um bom emprego, que os projetos ajudaram a desenvolver a autoestima e o sentimento de pertencimento ao mundo, de que eles têm alguma coisa a oferecer.

Durante a pesquisa foram observadas várias limitações do projeto que dificultaram a pesquisa e que comprometem o alcance dos objetivos dos próprios projetos. Dentre eles estão: a falta de dados cadastrais dos alunos, o projeto não possuía nenhum registro dos alunos que já participaram; a falta de um encerramento do ciclo de aprendizado, não existe um fim do projeto, a conclusão do mesmo é feita ao alcançar um certo nível de aperfeiçoamento do que é aprendido; alguns dos projetos não possuem

planos de aula, ou uma linha de ensino que oriente tanto os alunos, quanto os professores; não foram identificados muitos reaplicadores das “metodologias” dos projetos; e os projetos – aqui falo dos que possuem mais tempo de existência, CLOC e Arte Naturalista – não apresentam muitos concluintes, era esperado que esses projetos mais antigos possuíssem um número de concluintes significantes, o que não aconteceu. Foram encontrados apenas 5 concluintes do Arte Naturalista e 26 do CLOC, sendo necessário somar as amostras de concluintes e alunos que ainda estão participando para resultar em uma amostra considerável para a aplicação da escala.

Vale também ressaltar que a pesquisa foi feita em um momento histórico atípico, durante uma pandemia, que também acarretou várias complicações e limitações a própria pesquisa e aos projetos, como: o atrasado e a dificuldade da ida a campo para coleta de dados; a dificuldade de encontrar os alunos por morarem em locais de difícil acesso, sem conexão à internet; as atividades dos projetos foram interrompidas, dentre elas as aulas; entre outras dificuldades.

O objetivo geral da pesquisa, que consistiu em investigar se as TS têm relação com o desenvolvimento de características/habilidades empreendedoras nos participantes, foi analisado e concluído que as evidências dessa relação foram muito substanciais para afirmar que de fato existem, apontando uma lacuna entre os objetivos do projeto e sua realização efetiva. De forma geral, os resultados da escala e do grupo focal apontam que não é possível relacionar a participação dos projetos com o desenvolvimento dessas características, já que o grupo controle apresentou resultados semelhantes ao grupo tratado. Os resultados observados que realmente estão relacionados a participação são a mudança de perspectiva de vida e a criação de um sentimento de pertencimento ao mundo onde vivem.

Por fim, mas sem presunção de encerrar essa discussão, é esperado que a exposição das limitações dos projetos e os resultados da pesquisa possam ajudar a compreender a realidade da atuação do IPTI e provocar o debate e novos estudos sobre o tema. Por isso, espera-se que este estudo contribua para ampliar o conhecimento sobre as atividades do IPTI, que não deixam de ser importantes para a comunidade onde está inserido, e chamar a atenção para que ocorram novas e constantes avaliações, de forma a apresentar elementos para análise do instituto e também redimensionar e refinar sua atuação.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, James E.; CHU, Michael. *Business and Low-Income Sectors: Finding a new weapon to attack poverty*. *Harvard Review of Latin America*, v. 6, n. 1, p. 3-5, 2006.
- BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O mundo saúde*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: edições 70, 2016.
- BARRETO, Saulo Faria Almeida. **Saulo Faria Almeida Barreto**: depoimento [17/03/2021]. Entrevistadores: Júlia Lara B. C. e Alexandre Pedro M. São Cristóvão, Sergipe, 2021.
- BORNSTEIN, David; DAVIS, Susan. *Social entrepreneurship: what everyone needs to know*. *New York: Oxford University Press*, 2010.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>. Acesso em: 09/06/2021.
- BUSANELLO, Josefina et al. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, vol. 18, n. 2, abr./jun., p. 358-364, 2013.
- CARDOZO, Tavita Rosa B.; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Políticas informacionais e práticas pedagógicas para a formação do bibliotecário-empendedor. **Encontro Nacional De Ciência Da Informação, CINFORM**, Salvador – Bahia, 2004. Disponível em: <http://www.cinform-antiores.ufba.br/v_anais/artigos/marilene_lobo_abreu.html>. Acesso em: 08/06/2021.
- CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista Saúde Pública**, 30(3): 285-93, 1996.
- CARON, Antoninho. 4. Inovação Social e o papel da Indústria. **FIEP–Federação das Indústrias do Estado do Paraná**, v. 9, 2007.
- CEAPG, Centro de Estudos em Administração Pública e Governo; CENN, Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios. Desenvolvimento de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo em estados e municípios. São Paulo: **Programa Gestão Pública e Cidadania**, 2012.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 4 ed., Barueri, São Paulo Manole, 2012.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.
- COSTA, Adriano Borges (Ed.). **Tecnologia Social e Políticas Públicas**. São Paulo: Instituto Pólis, Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2013. Disponível em: <<https://polis.org.br/publicacoes/tecnologia-social-e-politicas-publicas/>>. Acesso em: 10/02/2022.
- COSTA, Alessandra Melo da; BARROS, Denise Franca; CARVALHO, José Luis Felício. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do

empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, art.1, pp. 179-197, mar./abr. 2011.

COSTA, FJ da. Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração. Rio de Janeiro: **Ciência Moderna**, p. 90-106, 2011.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo quantitativo e misto. 3 ed., Porto Alegre: **Artmed**, 2010.

DA SILVA, Natália Pinto; ALEXANDRE, Lillian Maria de Mesquita. **Turismo de base comunitária em Santa Luzia do Itanhy/SE: a comunidade local como protagonista**. Disponível em: <<https://vdocuments.com.br/turismo-de-base-comunitaria-em-santa-luzia-do-itanhyse-a-protagonismo.html>>. Acesso em: 03/06/2021.

DAGNINO, Renato Peixoto; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro, Fundação Banco do Brasil, 2004.

DATASUS. População residente por município, sexo e faixa etária, c2020. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?popsvs/cnv/popbr.def>>. Acesso em: 02/03/2022.

DEES, J. G. *The Meaning of 'Social Entrepreneurship'*, Center for the Advancement of Social Entrepreneurship. **The Fuqua School of Business**. 2001. Disponível em: <http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf>. Acesso em: 08/06/2021.

DIAS, Claudia Augusto. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330>>. Acesso em: 08/06/2021.

DIAS, Rafael B. **Tecnologia Social: atores sociais e medidas de PCT**. Campinas, 2006. Documento disponibilizado no link "Textos para Discussão e Bibliografia dos Cursos GAPI", no sítio do Grupo de Análise de Políticas de Inovação (GAPI) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/gapi/TS%20ATORES%20E%20PCT.pdf>>. Acesso em: 05/12/2021.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. São Paulo. Empreende/Atlas, 6º ed., 2016.

DOS SANTOS, Carla Pereira. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva par o ensino e aprendizado de música. **XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)**, Brasília, 2006.

FBB. **Relatório de 6 anos da RTS**. 2011. Disponível em: <https://fbb.org.br/pt-br/?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=29&id=109&Itemid=1000000000000>. Acesso em: 10/02/2022.

_____. **Relatório de atividades**. 2016. Disponível em: <<https://www.fbb.org.br/images/Imagensrelatorio/Relat2016finalpagdupla.pdf>>. Acesso em: 10/02/2022.

_____. **Fundação Banco do Brasil**, c2022. Banco de Tecnologias Sociais. Disponível em: <<https://fbb.org.br/pt-br/viva-voluntario/conteudo/banco-de-tecnologias-sociais>>. Acesso em: 10/02/2022.

FERREIRA JUNIOR, Samuel. Uma investigação da eficácia da ferramenta Determinante Causal em pequenas e micro empresas. **Dissertação** (Mestrado em Administração), Faculdade Campo Limpo Paulista (FACCAMP), Campo Limpo Paulista, 2014.

FIRJAN. **Índice FIRJAN de desenvolvimento municipal**. 2018. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/data/files/67/A0/18/D6/CF834610C4FC8246F8A809C2/IFDM_2018.pdf>. Acesso em: 14/06/2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS – Revista científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 275-290, jul./dez., 2005.

HODGE, David R.; GILLESPIE, David. *Phrase completions: An alternative to Likert scales*. **Social Work Research**, v. 27, n. 1, p. 45-55, 2003.

IBGE. Cidades. **Página de Santa Luzia do Itanhy**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/santa-luzia-do-itanhy/historico>>. Acesso em: 03/06/2021.

_____. **Downloads**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>>. Acesso em: 09/06/2021.

_____. **Santa Luzia do Itanhy**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/santa-luzia-do-itanhy/panorama>>. Acesso em: 09/06/2021.

IPTI. **Relatório de atividades**. 2019. Disponível em: <https://www.ipti.org.br/app/uploads/2020/12/IPTI_RELATORIO_2019_PT.pdf>. Acesso em: 19/05/2021.

_____. *The Human Project*. Disponível em: <<https://www.ipti.org.br/documentos/>>. Acesso em: 11/04/2021.

ITS. **Relatório de atividades 2019**. 2019. Disponível em: <<http://itsbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Relat%C3%B3rio-de-Atividades-2019-ITS-BRASIL-1.pdf>>. Acesso em: 10/02/2022.

LASSANCE JR., Antonio E.; PEDREIRA, Juçara S. Tecnologias sociais e políticas públicas. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. 2004.

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONE, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem – USP**, v. 35, n. 2, p. 115-21, jun 2001.

LIMA, Marcia Tait; DAGNINO, Renato Peixoto. Economia Solidária e Tecnologia social: utopias concretas e convergentes. **Otra Economia**, v. 7, n. 12, p. 3-13, enero/junio, 2013.

LOPES, Bernarda Elane Madureira. Grupo focal na pesquisa em ciências humanas e sociais. **Revista educação e política em debate**, v.3, n. 2, ago./dez., 2014.

MAIR, J.; GANLY, K. Empreendedores Sociais: Inovando Rumo à Sustentabilidade. In: ASSADOURIAN, E. **Estado do mundo: Transformando Culturas Do Consumismo à Sustentabilidade**, 2010.

- MANCINI, Renata Foltran; YONEMOTO, Hiroshi Wilson. Considerações acerca do empreendedorismo social no desenvolvimento da sociedade sustentável. **ETIC- Encontro De Iniciação Científica-ISSN 21-76-8498**, v. 6, n. 6, 2010.
- MARCEL. **Marcel**: depoimento [22/03/2021]. Entrevistadores: Júlia Lara B. C. e Alexandre Pedro M. São Cristóvão, Sergipe, 2021.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2006.
- MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações (Campo Grande)**, v. 3, n. 5, 2016.
- MEIRELES, Manuel. Análise de escala Likert pelo Agregativo de Scarpi. **Revista de Micro e Pequena Empresa (RMPE)**. vol. 14, no 2, Mai-Ago 2020a.
- MEIRELES, Manuel. Análise de escala Likert pelo Estocástico de Wilder. **Revista da Micro e Pequena Empresa (RMPE)**. vol. 14, no 3, Set-Dez 2020b.
- MELO NETO, Francisco de P. DE; FRÓES, César. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: **Qualitymark**, 2002.
- MENA, Concepción Ceja. *La política social mexicana de cara a la pobreza*. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, n. 8, p. 176, 2004.
- MOURÃO, Nadja Maria; DA SILVA, Afonso Henrique Batista; DE OLIVEIRA NEVES, Flavia Neves. Possibilidades em tecnologias sociais, ação empreendedora e design: estudo de ferramentas para novos negócios. **ENACTUS**, 2019.
- OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo Social no Brasil: fundamentos e estratégias**. 2003. 538 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Direito, História e Serviço Social da UNESP, Franca, 2003.
- OLIVEIRA, Edson Marques. O empreendedorismo social indutor de auto-organização no enfrentamento das questões sociais e no desenvolvimento integrado e sustentável: notas introdutórias e aproximativas. **Informe Gepec**, v. 8, n. 1, 2004.
- OLIVEIRA, Nilza Duarte Aleixo de; SILVA, Tania Nunes da. Inovação social e tecnologias sociais sustentáveis em relacionamentos intercooperativos: um estudo exploratório no CREDITAG-RO. **Rev. Adm. UFSM**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 277-295, mai./ago., 2012
- OLIVERIA, Lucia Marisy Souza Ribeiro de; DE OLIVEIRA, Luciana Souza; SILVA, Bruno Cezar; AQUINO, Henrique Pereira de. Empreendedorismo social no Brasil. **REVASF**, Petrolina-Pernambuco-Brasil, v. 10, n. 22, p. 132-148, 2020.
- OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Escalas de mensuração de atitudes: Thurstone, Osgood, Stapel, Likert, Guttman, Alpert. **Administração Online**, v. 2, n. 2, p. 1-25, 2001.
- QUINTÃO, Carlota. **Empreendedorismo social e oportunidades de construção do próprio emprego**. 2004. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54371/2/ISWP42004000122480.pdf>>. Acesso em: 15/06/2021.
- RESNICK, Mitchel et al. *Scratch: programming for all*. **Communications of the ACM**, v. 52, n. 11, p. 60-67, 2009.

- ROCHA, Estevão Lima de Carvalho; FREITAS, Ana Augusta Ferreira. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, 2014.
- RODRIGUES, Andrea Leite; KOZONOI, Nathalia; ARRUDA, Fausto Augusto Marucci. Organizações sociais: um estudo de caso sobre possibilidades e limitações da geração de inovação social pela Osesp. **Gestão. Org.**, v. 10, n. 2, p. 344-368, 2012.
- ROSOLEN, Talita; TISCOSKI, Gabriela Pelegrini; COMINI, Graziella Maria. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. **Revista Interdisciplinar de gestão social**, v. 3, n. 1, 2014.
- SANTIAGO, Eduardo Girão. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Schumpeter, Weber e McClelland: novas referencias para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, v. 40, n. 20, p. 86-103, 2009.
- SANTOS JUNIOR, José da Silva; CARVALHO, Valéria Lazaro de. As dimensões formativo-musicais na ONG Ilha de Música: uma perspectiva sobre o ensino de música de um projeto social. **Revista da ABEM**, v. 28, p. 155-138, 2020.
- SANTOS, Paulo da Cruz Freire dos. **Uma escala para identificar potencial empreendedor**. 2008. 364 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SANTOS, Mónica; GUERRA, Paula. O empreendedorismo social em Portugal na estratégia de combate à pobreza e exclusão social (1995-2011). In: **Sociedade, crise e reconfigurações**: atas do VII congresso português de sociologia. 2012.
- SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SEIXAS, Aline Silva; LIMA, Thaisi Leal Mesquita de; DE LIMA, Gabriel Maciel; DANTAS, Thomas Kefas de Souza; GUIMARÃES, Patrícia Borba Vilar. As tecnologias sociais como instrumento para o desenvolvimento nacional. **Revista Gestão, Inovação e Tecnologia (GEINTEC)**, v. 5, n. 4, p. 2678-2688, 2015.
- SILVA JÚNIOR, Severino Domingos da; COSTA, Francisco José. Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion. PMKT – **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 15, n. 1-16, p. 61, 2014.
- SILVA, Hélio Eduardo da. Empreendedorismo: o caminho para o sucesso no século XXI. A emergência do empreendedorismo como um novo modelo de gestão ocorre no período de transição para um novo estágio da nossa civilização. **Revista Sebrae**, mai-jun, 2002.
- SMIRNOV, Vladimir. *Regional systems of social entrepreneurship in russia: typology, development factors and key contradictions*. **Journal of Social Policy Research**, v. 19, n. 1, p. 23-40, 2021.
- SOBREIRA, Sílvia. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música nas escolas públicas. **Revista da ABEM**, v. 16, n. 20, 2014.

SOFFNER, Renato Kraide. Tecnologias sociais e práxis educativa. **Revista de Educação**, PUC-Camp., Campinas. 19(1): 57-62, jan.-abr., 2014. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/v19n01/v19n01a06.pdf>>. Acesso em: 10/02/2022.

SOUZA, Eda Castro Lucas de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade. **EGEPE – Encontro De Estudos Sobre Empreendedorismo E Gestão De Pequenas Empresas**. Curitiba, p. 134-146, 2005.

TAVARES, Larissa Ferreira. **Condenados a vencer**: a atuação do SEBRAE na produção discursiva do indivíduo empreendedor de si mesmo. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2014.

THOMPSON, J. *The world of the social entrepreneur. The International Journal of Public Sector Management*, v. 15, n. 5, p. 412–431, 2002.

TOMECKO, Jim. Como entender e promover a iniciativa empresarial. **Manual de treinamento sobre a metodologia CEFÉ**. Fortaleza: SINE/CE – GTZ, 1992.

TRAD, Leny A. Bonfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 231-249, 2009.

UNB. **Núcleo de ilustração científica**. O que é Ilustração científica? c2021. Disponível em:

<http://nicbio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=462&Itemid=102>. Acesso em: 20/05/2021.

VALADÃO, José de Arimatéia Dias; ANDRADE, Jackeline Amantino de; Alcântara, Valderi de Castro. Análise das tecnologias sociais sob a luz da Teoria Ator-Rede. **Desenvolvimento em Questão**. Editora Unijuí, ano 17, n. 48, jul./set., 2019.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, pp. 874-891, 2014.

VALENTIM, Erika Cordeiro do Rêgo Barros. **Empreendedorismo e formalização do trabalho**: Programa Microempreendedor Individual no Arranjo Produtivo Local de Confeções do Agreste de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WING, Jeannette M. *Computational thinking. Communications of the ACM*, v. 49, n. 3, p. 33-35, 2006.

ZUCOLOTO, Graziela Ferrero; PEREIRA, Larissa de Souza. Tecnologias sociais e economia solidária: projetos certificados pela Fundação Banco do Brasil. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), n. 63, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Rótulo das afirmativas do Instrumento Escala sobre comportamento empreendedor

Construto 1 - Intenção de empreender (IE)	
IE1	Com certeza um dia terei meu próprio negócio
IE2	Mesmo que eu trabalhe para outrem não abandonarei o desejo de ter meu próprio negócio
IE3	Minha maior realização será ter o meu próprio negócio
IE4	Ser autoempregado, um empreendedor sempre foi minha aspiração
IE5	Pretendo sempre trabalhar como empregado em alguma empresa
Construto 2 - Oportunidade (OP)	
OP1	Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso
OP2	Vivo em estado de alerta para alguma oportunidade que me possa surgir
OP3	Creio sinceramente que as oportunidades estão aí para serem identificadas
OP4	Gosto de me informar sobre as necessidades das pessoas
OP5	Percebo as necessidades dos outros e como elas podem ser satisfeitas
Construto 3 - Persistência (PER)	
PER1	Quando levo um tombo levanto e continuo
PER2	Entendo que os obstáculos existem para serem superados
PER3	Quando cometo um erro de planejamento, redefino as coisas e vou em frente
PER4	Busco, de forma permanente, atingir meus objetivos
PER5	Tenho um rumo traçado e procuro segui-lo, mesmo quando enfrento obstáculos
PER6	Encaro o fracasso como fonte de aprendizado para não cometer o mesmo erro novamente
PER7	Não me deixo abater pelo fracasso
PER8	Não confundo persistência com teimosia e só persisto se vejo chances de sucesso
Construto 4 - Eficiência (EF)	
EF1	Se for necessário fazer algo, faço antes que alguém me diga que devo fazê-lo
EF2	Gosto de cumprir prazos
EF3	Quando é preciso, faço as adaptações necessárias para que as coisas funcionem
EF4	Gosto de realizar meus trabalhos de forma correta e dentro dos prazos estabelecidos
EF5	Quando é preciso mudar tudo, para ter melhor resultado, mudo
EF6	Se eu fizer mais rápido, de forma melhor e com menor custo, saio ganhando
EF7	Não preciso que ninguém me cobre para que as coisas sejam feitas corretamente
Construto 5 - Informações (INF)	
INF1	Se preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem como fazer as coisas da melhor forma
INF2	Quero saber cada vez mais, pois só assim sairei na dianteira
INF3	Procuro estar informado sobre as coisas pertinentes ao que faço
INF4	Quando estou em determinado ramo, tenho que aprender tudo sobre ele

INF5	O mundo é dinâmico e preciso acompanhá-lo buscando sempre novos conhecimentos
INF6	Busco constantemente novos conhecimentos
INF7	Tenho ânsia de aprender para poder enfrentar novos desafios
Construto 6 - Planejamento (PLAN)	
PLAN1	Só sei se estou acertando se tiver um planejamento das minhas atividades
PLAN2	Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir
PLAN3	Não consigo fazer nada sem um planejamento bem detalhado
PLAN4	Quem não consegue planejar suas atividades tende a fracassar
Construto 7 - Metas (MET)	
MET1	Sei onde pretendo chegar e o quanto pretendo alcançar
MET2	Sei que posso definir meus rumos de curto, médio e longo prazo
MET3	Tenho convicção que vou alcançar meus objetivos e metas
MET4	Sei determinar claramente quais são meus objetivos e metas
MET5	O que pretendo alcançar está claramente definido
MET6	Sou capaz de traçar um rumo e estabelecer os ganhos que vou ter no final
MET7	Gosto de estabelecer objetivos e metas para me sentir desafiado
Construto 8 - Controle (CONT)	
CONT1	Consulto meus registros antes de tomar decisões
CONT2	Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações
CONT3	Meus controles me auxiliam na revisão de meus planos
CONT4	Vejo o planejamento como um guia para controlar as minhas ações
CONT5	Costumo verificar se as coisas estão acontecendo como planejei
Construto 9 - Persuasão (PERS)	
PERS1	Tenho formas de convencer as pessoas a mudarem de opinião
PERS2	Posso convencer pessoas a superar conflitos e atuar em equipe objetivando alcançar determinado resultado
PERS3	Sei quais as palavras e ações adequadas para estimular as pessoas
PERS4	Sou capaz de estimular as pessoas a realizarem tarefas para as quais estão desmotivadas
PERS5	Sei que sou capaz de liderar uma equipe e atingir metas
PERS6	Ajo de forma a motivar as pessoas e manter alto o moral em qualquer situação
Construto 10 - Rede de relações (RR)	
RR1	Sou capaz de estabelecer rede de relações e utilizá-la para alcançar meus propósitos
RR2	Procuro manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações
RR3	Procuro estabelecer uma boa rede de relacionamentos com conhecidos, amigos e pessoas que possam me ser úteis
RR4	Sempre que posso procuro atender as solicitações que me fazem as pessoas de minha rede de relações
RR5	Tenho como manter contato fácil com as pessoas de minha rede de relações

ANEXO B – Questionário sobre Comportamento Empreendedor

1

Nome: _____

CPF: _____

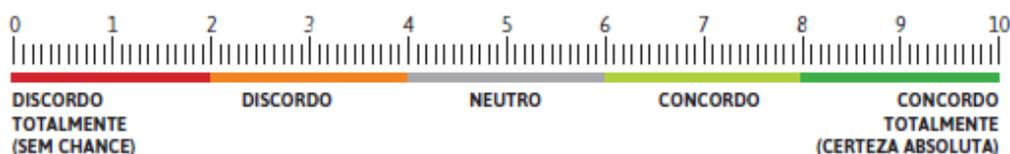
Endereço de Residência: _____

Caro(a) Aluno(a),

Você está recebendo um questionário que vai nos ajudar a saber mais sobre você. Não existem respostas certas ou erradas. Você deve responder com a maior sinceridade possível, pois as suas respostas são importantes para nos ajudar a melhorar a educação oferecida a você e a seus colegas.

Obrigado pela sua participação!**ESCALA SOBRE COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR**

Sua avaliação deverá ser feita de acordo com a escala de diferencial semântico abaixo, colocando entre os colchetes, após cada frase, o valor escolhido. Quanto maior o valor atribuído maior será a sua concordância de que a frase é adequada para medir o conceito/construto.

**EXEMPLO:**

Na afirmação "Gosto de realizar coisas novas" você deverá preencher o colchete com o número que esteja de acordo com a intensidade que você concorda ou discorda da afirmação.

Gosto de realizar coisas novas [9]**A seguir os conceitos/construtos com suas respectivas descrições e frases.****Intenção de empreender**

Prenunciar a intenção de possuir, quer seja adquirindo de outrem ou partindo do zero, um negócio próprio.

Com certeza um dia terei meu próprio negócio []

Mesmo que eu trabalhe para outrem não abandonarei o desejo de ter meu próprio negócio []

Minha maior realização será ter o meu próprio negócio []

Ser auto-empregado, um empreendedor sempre foi minha aspiração []

Pretendo sempre trabalhar como empregado em alguma empresa []

2

Oportunidade (senso de):

Mostrar que dispõe de senso de oportunidade, ou seja, está atento ao que acontece à sua volta e a partir daí, ao identificar as necessidades das pessoas ou do mercado, ser capaz de aproveitar situações incomuns para iniciar novas atividades ou negócios.

Sinto-me capaz de identificar oportunidades de negócios e sair lucrando com isso []

Vivo em estado de alerta para alguma oportunidade que me possa surgir []

Creio sinceramente que as oportunidades estão aí para serem identificadas []

Gosto de me informar sobre as necessidades das pessoas []

Percebo as necessidades dos outros e como elas podem ser satisfeitas []

Persistência:

Capacidade de manter-se firme na busca do sucesso, demonstrando persistência para alcançar seus objetivos e metas, superando obstáculos pelo caminho. Capacidade de distinguir teimosia de persistência, admitir erros e saber redefinir metas e estratégias.

Quando levo um tombo levanto e continuo []

Entendo que os obstáculos existem para serem superados []

Quando cometo um erro de planejamento, redefino as coisas e vou em frente []

Busco, de forma permanente, atingir meus objetivos []

Tenho um rumo traçado e procuro segui-lo, mesmo quando enfrento obstáculos []

Encaro o fracasso como fonte de aprendizado para não cometer o mesmo erro novamente []

Não me deixo abater pelo fracasso []

Não confundo persistência com teimosia e só persisto se vejo chances de sucesso []

Eficiência:

Capacidade de fazer as coisas de maneira correta e, caso seja necessário, promover rapidamente mudanças para se adaptar as alterações ocorridas no ambiente. Capacidade de encontrar e conseguir operacionalizar formas de fazer as coisas melhor, mais rápidas e mais baratas. Capacidade de desenvolver ou utilizar procedimentos para assegurar que o trabalho seja terminado a tempo. Capacidade de ser proativo.

Se for necessário fazer algo, faço antes que alguém me diga que devo fazê-lo []

Gosto de cumprir prazos []

Quando é preciso, faço as adaptações necessárias para que as coisas funcionem []

Gosto de realizar meus trabalhos de forma correta e dentro dos prazos estabelecidos []

Quando é preciso mudar tudo, para ter melhor resultado, mudo []

Se eu fizer mais rápido, de forma melhor e com menor custo, saio ganhando []

Não preciso que ninguém me cobre para que as coisas sejam feitas corretamente []

Informações:

Disponibilidade para aprender e demonstrar sede de conhecimentos. Interesse em encontrar novas informações em sua área de atuação ou mesmo fora dela. Estar atento a todos os fatores, internos e externos, relacionados à sua organização/empresa. Interesse em saber como fabricar produtos ou fornecer serviços. Disponibilidade para buscar ajuda de especialistas em assuntos técnicos ou comerciais.

Se preciso, pedirei ajuda a especialistas que me ensinem como fazer as coisas da melhor forma []

Quero saber cada vez mais, pois só assim sairei na dianteira []

Procuro estar informado sobre as coisas pertinentes ao que faço []

Quando estou em determinado ramo, tenho que aprender tudo sobre ele []

O mundo é dinâmico e preciso acompanhá-lo buscando sempre novos conhecimentos []

Busco constantemente novos conhecimentos []

Tenho ânsia de aprender para poder enfrentar novos desafios []

Planejamento:

Disponibilidade para planejar suas atividades definindo objetivos. Capacidade de planejar detalhando tarefas. Ser capaz de atuar com o planejamento, a execução e o controle. Acreditar na importância do planejamento.

Só sei se estou acertando se tiver um planejamento das minhas atividades []

Defino onde quero chegar e detalho todos os passos que devo seguir []

Não consigo fazer nada sem um planejamento bem detalhado []

Quem não consegue planejar suas atividades tende a fracassar []

Metas:

Capacidade de mostrar determinação, senso de direção e de estabelecer objetivos e metas definindo de forma clara aonde pretende chegar. Capacidade de definir rumos e objetivos mensuráveis.

Sei onde pretendo chegar e o quanto pretendo alcançar []

Sei que posso definir meus rumos de curto, médio e longo prazo []

Tenho convicção que vou alcançar meus objetivos e metas []

Sei determinar claramente quais são meus objetivos e metas []

O que pretendo alcançar está claramente definido []

Sou capaz de traçar um rumo e estabelecer os ganhos que vou ter no final []

Gosto de estabelecer objetivos e metas para me sentir desafiado []

Controle:

Capacidade de acompanhar a execução dos planos elaborados, manter registros e utilizá-los no processo decisório, checar o alcance dos resultados obtidos, e de realizar mudanças e adaptações sempre que necessário.

Consulto meus registros antes de tomar decisões []

Costumo fazer anotações e manter registros das minhas ações []

Meus controles me auxiliam na revisão de meus planos []

Vejo o planejamento como um guia para controlar as minhas ações []

Costumo verificar se as coisas estão acontecendo como planejei []

Persuasão:

Habilidade para influenciar pessoas quanto à execução de tarefas ou de ações que viabilizem o alcance de seu objetivo. Capacidade de convencer e motivar pessoas, liderar equipes e estimulá-las usando as palavras e ações adequadas para influenciar e persuadir.

Tenho formas de convencer as pessoas a mudarem de opinião []

Posso convencer pessoas a superar conflitos e atuar em equipe objetivando alcançar determinado resultado []

Sei quais as palavras e ações adequadas para estimular as pessoas []

Sou capaz de estimular as pessoas a realizarem tarefas para as quais estão desmotivadas []

Sei que sou capaz de liderar uma equipe e atingir metas []

Ajo de forma a motivar as pessoas e manter alto o moral em qualquer situação []

Rede de relações:

Capacidade de criar rede de relações e de pôr-se em contato com pessoas-chaves que possam auxiliar no alcance de seus objetivos. Capacidade de atuar desenvolvendo e mantendo redes de relações comerciais ou não.

Sou capaz de estabelecer rede de relações e utilizá-la para alcançar meus propósitos []

Procuo manter contato constante com as pessoas de minha rede de relações []

Procuo estabelecer uma boa rede de relacionamentos com conhecidos, amigos e pessoas que possam me ser úteis []

Sempre que posso procuro atender as solicitações que me fazem as pessoas de minha rede de relações []

Tenho como manter contato fácil com as pessoas de minha rede de relações []

APÊNDICES

APÊNDICE A – Ficha cadastral do Grupo tratado

1

Caro(a) Aluno(a),

Este formulário tem o objetivo de nos auxiliar a identificar onde estão as alunas e alunos formados pelos projetos do IPTI e manter o contato atualizado. A partir das respostas, organizaremos ações do instituto. Por isso, sua resposta é muito importante para compreendermos como melhorar nosso trabalho.

Muito obrigado pela participação e cooperação!

FICHA CADASTRAL

Data: ____/____/____

Nome: _____ Idade: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: Masculino Feminino

Cor da pele: Branco(a) Preto(a) Pardo(a) Amarelo(a) Indígena

CPF: _____

Nome completo da mãe: _____

Cidade onde mora: _____ Bairro/Povoado: _____

Endereço de Residência: _____

Região: Urbana Rural

Você pertence a alguma comunidade indígena ou tradicional? Sim Não

Se sim, qual? _____

Telefone: _____ Este número possui WhatsApp? Sim Não

E-mail: _____

Escola: _____ Ano: _____

Ano(s) em que participou do(s) projeto(s):

2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021

Programa(s) que iniciou:

Arte Naturalista CLOC PLOC LiLo LuCa

Romanceiros SiRi Baião Pense Grande

Programas que está participando:

Arte Naturalista CLOC PLOC LiLo LuCa

Romanceiros SiRi Baião Pense Grande Nenhum

Programa(s) que participou por completo:

Arte Naturalista CLOC PLOC LiLo LuCa

Romanceiros SiRi Baião Pense Grande Nenhum

**QUAL É O NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO DE SEUS PAIS
(OU RESPONSÁVEIS POR VOCÊ)?**

	Pai (ou responsável)	Mãe (ou responsável)
Nunca estudou		
Não completou o Ensino Fundamental		
Completou o Ensino Fundamental, mas não completou o Ensino Médio		
Completou o Ensino Médio, mas não completou a Ensino Superior		
Completou o Ensino Superior		
Não sei		

**COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU
RESPONSÁVEIS COSTUMAM**

	Raramente ou nunca	De vez em quando	Sempre ou Frequentemente
Conversar com você sobre o que acontece na escola?			
Incentivar você a estudar?			
Acompanhar você nas tarefas de casa?			
Incentivar você a assistir às aulas, na escola ou online?			
Ir às reuniões de pais e professores na escola?			
Conversar sobre as atividades em que você participa no IPTI?			
Incentivar você a participar das atividades no IPTI			

**QUANDO TERMINAR ESTA ETAPA DE SEUS ESTUDOS (ENSINO FUNDAMENTAL OU ENSINO MÉDIO),
VOCÊ PRETENDE?**

- Continuar somente estudando
 Continuar estudando e trabalhar
 Somente trabalhar
 Seguir outro plano (por exemplo, ser um empreendedor)
 Não sei

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ LÊ OS TIPOS DE TEXTO ABAIXO PORQUE TEM VONTADE?
(MARQUE APENAS UMA OPÇÃO EM CADA LINHA)

	Nunca ou quase nunca	Algumas vezes por ano	Cerca de uma vez por mês	Várias vezes por mês	Várias vezes por semana
Revistas					
Revistas em quadrinho					
Livros de ficção (romances, contos, narrativas) Livros de não-ficção					
Livros religiosos					
Jornais					

EM SUA RESIDÊNCIA, TEM OS SEGUINTE ITENS?
(INDIQUE QUANTOS, QUANDO FOR O CASO)

	Sim	Não	Quantos?
Banheiros			
Carros ou motocicletas			
Quartos para dormir			
Celulares com acesso à Internet (por exemplo, smartphones)			
Computadores (computador de mesa, laptop portátil ou notebook)			
Tablets			
Mesa ou escrivaninha para estudar			
Lugar calmo para estudar			
Acesso à Internet			
Livros para ajudá-lo nos trabalhos da escola Livros que não sejam os da escola			

APÊNDICE B – Ficha cadastral do grupo controle

1

Caro(a) Aluno(a),

Este formulário tem o objetivo de nos ajudar conhecer o perfil dos alunos que participarem da pesquisa. Por isso, sua resposta é muito importante!

Muito obrigado pela participação e cooperação!

FICHA CADASTRAL

Data: ____/____/____

Nome: _____ Idade: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: Masculino Feminino

Cor da pele: Branco(a) Preto(a) Pardo(a) Amarelo(a) Indígena

Cidade onde mora: _____ Bairro/Povoado: _____

Endereço de Residência: _____

Região: Urbana Rural

Você pertence a alguma comunidade indígena ou tradicional? Sim Não

Se sim, qual? _____

Escola: _____ Ano escolar: _____

Você já participou, ou está participando, de alguma ação ou projeto que incentiva o empreendedorismo? Sim Não

Se sim, qual? _____

Você já participou, ou está participando, de alguma ação ou projeto que incentiva o desenvolvimento de competências socioemocionais? Sim Não

Se sim, qual? _____

Na sua escola tem a matéria PROJETO DE VIDA? Sim Não

Se sim, você cursou essa matéria? Sim Não

QUAL É O NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ALTO DE SEUS PAIS (OU RESPONSÁVEIS POR VOCÊ)?

	Pai (ou responsável)	Mãe (ou responsável)
Nunca estudou		
Não completou o Ensino Fundamental		
Completou o Ensino Fundamental, mas não completou o Ensino Médio		
Completou o Ensino Médio, mas não completou a Ensino Superior		
Completou o Ensino Superior		
Não sei		

COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS COSTUMAM

	Raramente ou nunca	De vez em quando	Sempre ou Frequentemente
Conversar com você sobre o que acontece na escola?			
Incentivar você a estudar?			
Acompanhar você nas tarefas de casa?			
Incentivar você a assistir às aulas, na escola ou online?			
Ir às reuniões de pais e professores na escola?			

QUANDO TERMINAR ESTA ETAPA DE SEUS ESTUDOS (ENSINO FUNDAMENTAL OU ENSINO MÉDIO), VOCÊ PRETENDE?

- Continuar somente estudando
- Continuar estudando e trabalhar
- Somente trabalhar
- Seguir outro plano (por exemplo, ser um empreendedor)
- Não sei

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ LÊ OS TIPOS DE TEXTO ABAIXO PORQUE TEM VONTADE?
(MARQUE APENAS UMA OPÇÃO EM CADA LINHA)

	Nunca ou quase nunca	Algumas vezes por ano	Cerca de uma vez por mês	Várias vezes por mês	Várias vezes por semana
Revistas					
Revistas em quadrinho					
Livros de ficção (romances, contos, narrativas)					
Livros de não-ficção					
Livros religiosos					
Jornais					

EM SUA RESIDÊNCIA, TEM OS SEGUINTEs ITENS?

(INDIQUE QUANTOS, QUANDO FOR O CASO)

	Sim	Não	Quantos?
Banheiros			
Carros ou motocicletas			
Quartos para dormir			
Celulares com acesso à Internet (por exemplo, smartphones)			
Computadores (computador de mesa, laptop portátil ou notebook)			
Tablets			
Mesa ou escrivaninha para estudar			
Lugar calmo para estudar			
Acesso à Internet			
Livros para ajudá-lo nos trabalhos da escola			
Livros que não sejam os da escola			

APÊNDICE C – Roteiro do grupo focal

I - Informações Preliminares aos participantes

Agradecimento

Apresentação do pesquisador

Apresentação dos entrevistados

Objetivos do Grupo focal

Autorização de gravação

Tratamento e divulgação dos dados

Há dúvidas?

II – Questões Norteadoras

1. Qual sua motivação para participar do programa Arte Naturalista/CLOC/PLOC?
2. Como foi participar do programa Arte Naturalista/CLOC/PLOC?
3. O que vocês entendem por empreendedorismo?
4. O que vocês acham que é necessário para alguém se tornar empreendedor?
5. O que vocês acham da frase “trabalho duro, persistência e determinação são características importantes para ser empreendedor”?
6. Vocês concordam que se manter informado é muito importante nos dias atuais?
7. O que você pensa sobre trabalho em equipe?
8. Durante o curso, ou na grade do curso, vocês tiveram contato ou estudaram Empreendedorismo ou como empreender com o conhecimento que você adquiriu?
9. Caso sim: o que vocês acharam da matéria? Caso não: vocês acreditam que seria importante implantar uma matéria específica para discutir empreendedorismo?
10. Você acha que é possível que pessoas pobres possam melhorar de vida através da Arte/Ciência e Tecnologia.
11. O que o Programa Arte Naturalista/CLOC/PLOC significou pra você?
12. Após o curso como você se imagina no futuro?
13. Para você, o projeto o qual participou te motivou ou ajudou a mudar sua perspectiva de futuro?
14. Se vocês não tivessem participado do programa, o que vocês acham que estariam fazendo?
15. O que vocês acham que pode melhorar nos cursos oferecidos?